



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA EICOS  
DOUTORADO EM PSICOSSOCIOLOGIA  
E ECOLOGIA SOCIAL**

**Práticas de construção de mundos e regulação da vida:  
reflexões no âmbito do processo de cuidado em saúde**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**Daniel Emílio da Silva Almeida**

**Práticas de construção de mundos e regulação da vida:  
reflexões no âmbito do processo de cuidado em saúde**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Profa. Dra. Maria Paula Cerqueira Gomes

Co-orientadora: Profa. Dra. Kathleen Tereza da Cruz

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Daniel Emílio da Silva Almeida

Práticas de construção de mundos e regulação da vida:  
reflexões no âmbito do processo de cuidado em saúde

Tese submetida ao corpo docente do EICOS/  
IPUniversidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ,  
como parte dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Doutor em Psicossociologia de  
Comunidades e Ecologia Social.

Aprovado em 16 de fevereiro de 2023.

Profa. Maria Paula Cerqueira Gomes - Orientadora  
(Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Kathleen Tereza da Cruz – Co-orientadora  
(Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Cláudia Aparecida Amorim Tallemberg  
(Doutora, Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Prof. Emerson Elias Merhy  
(Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Helvo Slomp Junior  
(Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Laura Camargo Macruz Feuerwerker  
(Doutora, Universidade Estadual de São Paulo)

Profa. Mônica Moreira Rocha  
(Doutora, Universidade do Rio de Janeiro)

Profa. Nereida Lucia Palko dos Santos  
(Doutora, Universidade do Rio de Janeiro)

Prof. Ricardo Luiz Narciso Moebus  
(Doutor, Universidade Federal de Ouro Preto)

## CIP - Catalogação na Publicação

A447p Almeida, Daniel Emílio da Silva  
Práticas de construção de mundos e regulação da vida: reflexões no âmbito do processo de cuidado em saúde / Daniel Emílio da Silva Almeida. -- Rio de Janeiro, 2023.  
130 f.

Orientador: Maria Paula Cerqueira Gomes.  
Coorientador: Kathleen Tereza da Cruz.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2023.

1. Cuidados de Saúde. 2. Avaliação em Saúde. 3. Pesquisa Qualitativa. 4. Saúde Mental. 5. Cartografia. I. Gomes, Maria Paula Cerqueira, orient. II. Cruz, Kathleen Tereza da, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Dedico este trabalho a todes companheiro(a-es) de caminhada. Defendo em um ano de novas esperanças. Desafios estão presentes aos montes, mas que nosso processo de esperançamento se redobre e desdobre com a participação de todes, multiplicando alegrias e potências, o que acredito ser o que podemos fazer de melhor.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente aos meus pais e irmão. Estes foram e são da mais alta importância neste meu trajeto que culminou na construção do Doutorado. Meus pais, marcados por uma infância de miséria, se desdobraram de todas as formas para que tivesse o privilégio de poder construir meu caminho até o Doutorado. Meu irmão, presente e disponível para o que precisasse, mesmo sem que ao menos eu pensasse em pedir, tornou possível tantas horas de estudo desde meu ensino médio. Agradeço por todo apoio de todas as formas possíveis.

Agradeço à minha orientadora, Paula Cerqueira, pelo acolhimento, por estar presente sempre que necessário, pela paciência nos momentos de dificuldades, pela aposta e companheirismo em nosso processo de formação que vai muito além da produção de uma tese... Fico feliz de ter uma orientadora como amiga, como inspiração, como jardineira, parteira de tantas belezas pela vida.

Agradeço à minha co-orientadora, Kathleen da Cruz, por seu olhar profundo e sincero. Agradeço por sua amizade e todo apoio em minha formação, incluindo o acolhimento e companheirismo quando professor em Macaé e na experiência em docência.

Agradeço profundamente ao professor Emerson Merhy, por acolher as apostas mais diversas de cada uma das pessoas que passam pelo coletivo. Agradeço por cultivar um coletivo tão rico em beleza e engajado na produção de mais alegria e solidariedade. Considero o Emerson como mais um orientador e amigo. Sua jovialidade invejável, capaz de oxigenar qualquer campo, e seu coração amigo e delicado, capaz de tocar pontos tão profundos em nós produzindo movimento foram e são de grande importância em minha vida.

Agradeço a Ermínia Silva (Mina) e Débora Bertussi, minhas primeiras orientadoras, que me acompanharam por alguns anos. Agradeço muito pela escuta e disponibilidade. Por se mostrarem disponíveis e interessadas em cultivar as minhas primeiras possibilidades de produção, tanto de possível tese quanto de deslocamentos de mim mesmo.

Agradeço à muitas, ao Coletivo da Linha de Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde, com tantas parcerias. Coletivo com o qual posso contar das mais variadas formas: amizade, produção de conhecimento, engajamento político por um mundo no qual todas as vidas valem a pena. Gostaria de nomear cada um de vocês e falar como contribuiu singularmente em minha vida, mas peço a compreensão por não fazê-lo de todo por aqui. Agradeço muito por fazer parte deste coletivo!

Agradeço ao Letras, assim como ao “Partiu Cadeg”, amigos que estiveram próximos em todo o processo de produção e de caminhada no Doutorado. Obrigado Poly, Claudinha, Leili, Thamiris, Nat, Vânia e todes!

Agradeço a Alzira e o Observatório de Políticas e Cuidado de Minas Gerais, parceiros que estiveram muito próximos a mim no processo de pesquisa. Construímos juntos a pesquisa da Rede de Avaliação Compartilhada em Minas Gerais, momento de grande aprendizado e aprofundamento em pesquisa da minha parte. Agradeço in memoriam a Roseni Sena, parceira de pesquisa e mestra no processo de pesquisa. Agradeço a D'ajuda e Roseli, amigas de todas e quaisquer empreitadas!

Agradeço ao professor Francisco Acúrcio, Maria das Graças Braga Ceccato e Grupo de Pesquisa em Farmacoepidemiologia (GPFE) pelo acolhimento e apresentação do campo da Saúde Coletiva. Minha vida profissional ganhou e ainda ganha um sentido sem tamanho pela abertura e apoio de vocês, e sou profundamente agradecido por isso. Agradeço também ao Professor Edson Perini, uma das minhas grandes referências na minha formação e em engajamento e ética por um mundo mais solidário.

Agradeço aos professores de Macaé no nome de Helvo Slomp e Karla Santa Cruz Coelho, fora outros os quais já agradei aqui, pelo apoio na experiência de aprendizado como docente neste Doutorado. Esta experiência é de grande importância no meu trajeto, e fez toda a diferença na construção do Doutorado.

Agradeço à minha família, como tios e tias, primos e primas. Presentes na vida cotidiana, me ajudam a cada dia a construir a vida a partir de minhas raízes.

Agradeço à Isa, minha namorada, que tem sido uma grande companheira nestes processos tão exigentes como o doutorado, momentos políticos e pandêmicos. Investir no amor é o que traz sentido a estas caminhadas e traz paz frente aos desafios. Agradeço a sua presença e carinho.

Agradeço a minha ex-companheira/ex-esposa e grande amiga, Ju, que me apoiou tanto nos últimos anos em todos os aspectos. Uma parceria de mais de uma década, que hoje tem outras roupagens, não cabe em palavras e agradecimentos, e sei que minha produção atual é apenas um dos inúmeros frutos de seu companheirismo e impulso. Agradeço também à sua família, que me apoiou tanto nesta caminhada.

Agradeço à Betinha, Izabel, Léo, grandes amigos, sempre presentes, em quaisquer momentos, desde os mais difíceis quanto os melhores. Boa parte das pinturas e inspirações



se deram com a Izabel ao meu lado, e seu apoio e cuidado, tão delicados e profundos, são sempre de grande importância para mim.

Agradeço profundamente ao Tiago e a Dani. Agradeço profundamente a estes meus amigos que me acolheram no interior de Minas. Não posso colocar em palavras quantas felicidades foram produzidas desde então. Pude me reconstruir em cada experiência de bioconstrução junto com vocês. Agradeço ao Tiago por todos os encontros e amizade, de grande importância à minha vida e inclusive para a produção da tese.

Agradeço a tantos companheiros da Linha de Micropolítica que me apoiaram, ofertaram acolhimento em suas casas, e estiveram presentes das mais diversas formas neste meu processo de estudo no Rio de Janeiro. Tatiana Clarkson, Cléo Lima, Hubner, Pedro Mendes, Márcio Souza, Vinícius Lana, Ricardo Moebus, Paulo Mendonça, Régis e muitos outros!

Agradeço ao Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental e amigos da Luta Antimanicomial de BH: Anna Laura, Wellington, Ana Marta Lobosque, Lu, Sílvia, Maíra, Soraia, Ana Cristina, Andreia, Rosalina, Míriam Abou-Yd, Marta Elizabete, entre tantos outra(o-es)s parceira(o-es)s que me apoiam tanto a manter viva a chama da utopia concreta de mundos mais livres, solidários e delicados.

Agradeço a amigos de longa data, também disponíveis sempre que necessário, de Santa Luzia, da Farmácia, Coltec, SES/MG, Mestrado: Ana, Rodrigo, Helena, Gabriel, Pequenina, Titi, João, Adriano, Baiano, Fabi Barros e Fabi Gomes, Lívia, Poli, Glauber, Orozimbo, Nivaldo, Patrícia, Rodrigo, Poliana, Carol, Élida, Cristiano e amigos do pitágoras, e tantos outros... Sintam-se abraçados.

Agradeço à Valéria, psicóloga, professora de yoga, amiga, que esteve presente durante o processo da tese, e a partir de seu cuidado tive possibilidades de me cuidar melhor e seguir em meus propósitos.

Agradeço a Lili e Mestre Hori, por terem me apresentado a yoga com tanta profundidade. Algo que me sustenta e me traz paz e profundidade dia a dia. Agradeço a toda(o-es)s parceira(os-es)s desta trilha.

Agradeço aos Mestres Guias, entre eles Sri Aurobindo, Mirra Alfassa e Mikao Usui, por estarem presentes de formas impalpáveis, mas poderosas.

Agradeço aos seres de magia e meus amigos animais e não-humanos, tão presentes em minha caminhada.

Caso sua menção não esteja aqui de alguma forma e sejamos parceiro(a-es) amigo(a-ues), peço desculpas... Alguns grupos se mostraram quase impossíveis de nomear, e acredito que muitos não foram mencionados de alguma forma. O processo da tese, no meu caso, não se deu da maneira como gostaria no sentido de agradecer a tantas pessoas importantes na minha vida. Sintam-se abraçados e lhes agradeço do fundo do coração!

Vou mostrando como sou  
E vou sendo como posso  
Jogando meu corpo no mundo  
Andando por todos os cantos  
E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto  
E passo aos olhos nus  
Ou vestidos de lunetas  
Passado, presente  
Participo sendo o mistério do planeta  
**Mistério do planeta**  
**Canção de Novos Baianos**

if the doors of perception were cleansed then everything would appear to man as it is,  
Infinite.

**William Blake**

## Resumo

A presente tese tem como campos de enfoque os processos de cuidado em saúde e produção de conhecimentos, assim como implicações destes campos na regulação da vida. A pesquisa se deu por meio de abordagens cartográficas, fazendo uso de diversas formas de escritura e expressão, como diários cartográficos, cadernos de vida, pinturas, entre outras. No trabalho foram utilizados intensamente conceitos-ferramenta do campo da micropolítica do trabalho e cuidado em saúde. Na pesquisa reconhece-se que as tecnologias leves são estritamente necessárias para a produção de cuidado de uma forma que apoie diferentes formas de existência, entretanto, se remete à discussão de que a intensidade e abertura dos sujeitos relacionadas ao campo destas tecnologias é de grande importância, já que estas podem se dar de maneira insuficiente, constituindo processos de cuidado refratários, ou mesmo serem utilizadas para captura, modulação e controle. O trabalho faz menção aos desafios e implicações relacionadas ao uso intensivo das tecnologias leves e abertura aos processos de cuidado, como: que somos inerentemente convidados a reconhecer mundos outros, com todas as suas diferenças em termos de perspectivas, saberes e mesmo de materialidades, assim como processar todos os impactos gerados pelas afecções destes encontros. Imprevistos, impacto das durezas e agruras da vida, tensão no atravessamento das relações de poder, o permanente desafio de composição-decomposição de nossos corpos-mundos são desafios nestes processos de encontros. Neste cenário, podemos viver a tensão constitutiva e criadora de processos outros de cuidado, que pedem deslocamentos e criação na produção de conhecimentos e modos de gestão. Reconhece-se que a constituição de encontros e acontecimentos são pontos nodais nestes processos, mas que não podem ser estruturados em termos de regras, previsibilidade ou explicações, mas se explicam por si a partir do que foi possível criar, atravessados por presença, ações idiotas (prática de personagem conceitual apresentado por Deleuze, Guattari e utilizado por Stengers) e magia, em composições de mundos outros em potência.

## Abstract

This work focuses on health care processes and knowledge production, as well as the implications of these fields in the regulation of life. By cartographic approaches, made use of different forms of writing and expression, such as cartographic diaries, life notebooks, paintings, among others. Tool concepts linked with micropolitics of work and health care were used intensively. In the research it is recognized that light technologies are necessary for the production of care in a way that supports different forms of existence, however, it refers to the discussion that the intensity and openness of persons related to these technologies is of great importance, that could be insufficient, constituting refractory care processes, or even used for capture, modulation and control. The work mentions the challenges and implications related to the intensive use of light technologies and openness to care processes, such as: that we are inherently invited to recognize other worlds, with all their differences in terms of perspectives, knowledge and even materialities and all the impacts generated by the affections of these encounters. Unforeseen circumstances, the impact of life's hardships, tensions by power relations, the permanent challenge of composition-decomposition of our bodies-worlds are challenges in these encounter processes. In this scenario, we can experience the constitutive and creative tension of other care processes, which require changes and creation in the production of knowledge and ways of management. It is recognized that the constitution of encounters and happenings are nodal points in these processes, but that they cannot be structured in terms of rules, predictability or explanations, but explain themselves based on what was possible to create, crossed by presence, idiocy (practice used by the conceptual character elaborated by Deleuze, Guattari and used by Stengers) and magic, in compositions of other worlds in potency.

**Lista de Ilustrações**

	Pág.
Figura 1 - Brasil	30
Figura 2 - Brincante	38
Figura 3 - Pássaro rabo de sereia, rabo de sereia passarinhando	41
Figura 4 - Vinda de Childe Roland à Torre Negra	59
Figura 5 - Nascer do Sol em Valparaíso - Chile	61
Figura 6 - Pintura de visão do mar da casa de Pablo Neruda	72
Figura 7 - Multiplicador de universos	78
Figura 8 - Casa de barro de dia	91
Figura 9 - Casa de barro de noite	91
Figura 10 - Afirmação e conflito	99
Figura 11 - Paixão à singularidade ou história sutil	107

**Lista de abreviaturas e siglas**

Agente comunitária de saúde - ACS

Rede de Avaliação Compartilhada - RAC

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros ou Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexualidade e + (Não-binariedade e demais orientações sexuais e identidades de gênero, em constante produção) - LGBTQIAP+

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
1.1 Por onde a tese caminha	17
1.2 Processos de cuidado em saúde	23
1.3 Desfocando para ver: Sobre as práticas de construção de mundos de 500 anos atrás - e de hoje	29
1.4 Cuidado de si, produções de conhecimentos e língua aos afetos	34
1.5 A produção do cuidado e as pesquisas da Rede de Avaliação Compartilhada e Observatório Nacional da produção de Cuidado	36
<b>2. FERRAMENTAS</b>	<b>38</b>
2.1 Devir entre artes e conceitos	38
2.2 Produção em Ato a partir dos afectos	40
2.3 Fontes e Escritura de Si e dos Outros	43
2.4 A metodologia é o encontro: in-mundização, processamento de experiências e encontro com usuária-guia-cidadã MS	44
<b>3. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>45</b>
3.1 Platôs existenciais iniciais	47
3.1.1 A bala mágica: a vista do ponto de um ideal farmacêutico	47
3.1.2 Deslocamentos da bala mágica: “A” Saúde Coletiva, representação e controle	48
3.1.3 Experiências no “mundo do trabalho”	54
3.1.3.1 - A quebra das representações, e aberturas e atravessamentos no cuidado de si e dos outros	57
3.1.3.2 - Os jogos de luz e sombra no processo de cuidado de si e dos outros	59
3.2 Passos na pesquisa: Experiências na Rede de Avaliação Compartilhada	61
3.2.1 O processos de constituição da pesquisa	61
3.2.2 Histórico de MS a partir da perspectiva dos serviços de saúde	62
3.2.3 E quais as outras histórias de vida de MS?	65
3.3 Problematizações e deslocamentos	68
3.3.1 Reflexões sobre o processo de cuidado em Saúde por meio de MS. Cuidado em Saúde, sucesso e(ou) controle	68
3.3.2 Processos de cuidado em saúde e o apoio na constituição de modos de existência	71
3.3.3 Mundos outros, perspectivismo e multinaturalismo	78
3.3.4 Encontros cosmopolíticos e os idiotas	82
3.3.5 Conhecimentos e ciência: Quem produz conhecimento e quais conhecimentos são válidos?	86
3.3.6 Experiências comunitárias: cuidado, governo, conhecimentos e processos de pauperização	90
3.3.7 Uma produção científica e de conhecimentos em presença (nada se dá de forma separada)	93
3.3.8 Retornando aos platôs existenciais: Arte de si, plantas de poder e magia	95
3.3.9 Tensões entre mundos	98



3.3.10 As defesas de “certas” vidas que importam e as singularidades que geram incômodo	101
3.3.11 Cuidado, governo, conhecimentos e mundos	106
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>115</b>
<b>5. Anexos</b>	<b>117</b>
5.1 - Anexo 1 - Aprovação COEP	117
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>122</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Por onde a tese caminha

O intuito desta tese é discorrer sobre a importância do reconhecimento<sup>1</sup>, assim como o apoio às práticas de construção de mundos e regulação da vida por meio dos processos de cuidado em saúde.

Como se dá o processo de cuidado em saúde? Como somos atravessados pelo processo de cuidado de nós mesmos nestes processos (FOUCAULT, 2004a)? Qual a importância da constituição de mundos e conhecimentos aos próprios processos de cuidado em saúde?

Qual a implicação de agirmos nestes campos, de exercício das existências, de regulação da vida, com o intuito não de instituir formas de controle<sup>2</sup> mas de fomentar a saúde como o apoio para que cada sujeito<sup>3</sup> viva a sua vida da forma mais plena possível a partir de seus desejos e perspectivas (MERHY, 2009)?

Para tal, faço referência aos processos da produção do cuidado em saúde, assim como quanto ao desafio de operarmos em relação ao que é diferente, singular, ao que foge às nossas perspectivas e nos defronta com o que seriam mundos e

---

<sup>1</sup> É importante salientar que quando faço uso da palavra “reconhecimento”, palavra utilizada diversas vezes na tese, o faço em um sentido totalmente diverso de “reconhecimento” (KASTRUP, 2005; DELEUZE, 2018). A proposta não é no sentido de associar uma experiência a pensamentos representativos, prévios, mundos conhecidos. O processo de reconhecimento que faço menção é no sentido de gerarmos um deslocamento em nós mesmos a ponto de reconhecermos mundos e existências outras, singulares, muitas vezes imprevisíveis, como dignas e ricas por si. Passa praticamente por um processo de constituição de uma visibilização de algo que não reconhecíamos nem como existentes (FEUERWERKER; BERTUSSI; MERHY, 2016). Um processo que demanda deslocamentos e desestruturações, invenção e composição de mundos imprevisíveis, um tensionamento que produz atos de pensar (DELEUZE, 2018). No decorrer da tese trabalharei mais as discussões que trago aqui, mas que já gostaria de sinalizar diferenciações de forma a evitar possíveis ambiguidades dos termos.

<sup>2</sup> O controle mencionado é relacionado com os desenhos apontados por Deleuze sobre as sociedades de controle, que indicam uma série de desenhos e dispositivos que operam subjetivações que fomentam certos territórios identitários, e não outros, a sujeitos e coletivos. Estes diagramas de força estariam a todo momento constituindo vidas desejantes na falta, operando maquinicamente de forma autocentrada e subjetivada capitalisticamente (MERHY, 2012).

<sup>3</sup> Na tese, fiz uso de alguns termos na linguagem neutra ou inclusiva. Infelizmente não o fiz de forma aprofundada e mais extensa como gostaria, como na utilização de mais termos no sistema “ELU”. Apesar da limitação, preferi deixar na tese até onde caminhei nesta modificação da linguagem, e pretendo aprofundar este movimento em novas produções. Julguei ser coerente com a proposta da minha tese, que visa a trabalhar os desafios de operar de uma maneira que reconheça as mais variadas formas de diferenças.

conhecimentos outros<sup>4</sup>. Ou seja, a vida em sua inerente abundância e diferenciação (PELBART, 2016). Neste campo, reconheço o exercício do fomento à saúde que se esbarra profundamente com a regulação da vida, ou até mesmo a considere como seu campo de intervenção privilegiado nos dias de hoje (MERHY, 2009).

Sendo que, para fazer menção aos processos de cuidado em saúde, aposto e me enveredo nas produções de cuidado de mim mesmo. Trago meus afetos e afecções no processo de produção da tese, constituindo conhecimento a partir do que nos atravessa, desloca, pelas experiências que me tomam (BONDÍA, 2002; DELEUZE, 2002; MERHY, 2004; ROLNIK, 2016).

Ao tensionar a produção do cuidado de si que passa por mim e pelos outros, aposto na produção do conhecimento por meio de um processo micropolítico, cartográfico (FOUCAULT, 2004a; MERHY, 2004, 2014; ROLNIK, 2016). Uma produção que não se dá só, mas a partir de anos de discussão, processamentos coletivos, deslocamentos, processo de educação permanente e de subjetivações diversas, nos espaços catalisadores de pensamentos que são a linha de Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde; Laboratório de Educação, Trabalho e Assistência em Saúde (Letras); Observatório de Minas Gerais, e diversos coletivos e agenciamentos (CECCIM, 2005; STENGERS, 2018).

Neste processo, um espaço privilegiado e disparador de problematizações foram as pesquisas da Rede de Avaliação Compartilhada (RAC), e a implementação do “Observatório nacional da produção de cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema

---

<sup>4</sup> Pelbart, a partir de produções de Deleuze e Guattari, faz menção a aposta em formas de existência que não se pretendem transcendentais e universais, mas na emergência de **modos outros**, imanentes, constituídos a partir de seus potenciais de intensificação de vida (PELBART, 2016).

Na tese há um jogo de palavras que faz referência a esta proposta de Pelbart com outros mundos e mundos outros, assim como com outras existências e existências outras e etc.

A primeira forma de escrever, outro mundo, é vinculada com uma perspectiva quase como uma outra possibilidade, particularidade, dentro de uma visão mais ampla, transcendente. Por exemplo: o Brasil é um mundo, a China é outro mundo. De alguma forma podemos reconhecer na escrita que a China tem muitas diferenciações ao Brasil, mas temos uma certa tendência a reconhecer uma certa particularidade do Brasil frente a China frente a um cenário global.

Mundo outro é uma menção que, inspirado por provocações de Merhy em diversas falas e dialogando com Pelbart, faço com o intuito de gerar um certo estranhamento e convidar outros sentidos. Tal menção faz menção a algo singular, que não é um caso particular dentro de uma certa transcendência. Nesta proposta, o “mundo outro” é uma experiência cunhada e vinculada em diferença e imanência.

Único de Saúde: avalia quem pede, quem faz e quem usa”, que tinha como objetivo avaliar e problematizar práticas de cuidado em saúde no âmbito do SUS (FEUERWERKER; BERTUSSI; MERHY, 2016; MERHY et al., 2016a; SEIXAS et al., 2019).

A partir das pesquisas tive a oportunidade de aprofundar discussões sobre os processos de cuidado em saúde, assim como conhecer MS<sup>5</sup>, uma usuária-guia-cidadã que foi uma das principais mestras e dispositivos para a produção de pensamento na tese.

Neste processo, fiz uso de diversas fontes, como os cadernos de vida cartográficos, processamento de experiências coletivas, diálogo com autores intercessores, encontros, atravessamentos das artes como dispositivos para fazer falar e pensar (SLOMP JUNIOR et al., 2020).

Assim, tenho como tese do trabalho que as tecnologias leves são de grande importância ao processo de cuidado ao nos convidarem a um campo relacional, constituidor de vínculos, criativo, porém, é de suma importância que estas fomentem processos nos quais ocorram composições de mundos<sup>6</sup>, a partir dos quais estejamos abertos aos encontros em acontecimento<sup>7</sup>. Processos de composição ou até choques de mundos que podem se dar de diversas formas, mas que justamente encontram possibilidades maiores de se compor mutuamente por meio destas últimas tecnologias.

Caso contrário, passamos pelo risco de que ações de controle se deem a partir destas mesmas tecnologias leves, fazendo da permeabilidade aos processos

---

<sup>5</sup> Nome fictício.

<sup>6</sup> Quando faço menção a composição de mundos, o faço no sentido das composições de corpos, a partir das produções de Deleuze sobre Espinosa, e também a partir das propostas realizadas por Viveiros de Castro e sua menção ao “Perspectivismo Ameríndio” (DELEUZE, 2002; VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008). Assim, a composição de mundos faz menção a constituição de novos mundos, em processo de enriquecimento, produção de vida. Esta proposta de pensamento é mais explorada no processo de construção da tese.

<sup>7</sup> O termo acontecimento traz desafios para sua explicação, justamente por um acontecimento não ser explicável, reproduzível, escapar das caracterizações. Neste texto a proposta do acontecimento se aproxima da constituição de um evento singular (mesmo que coletivo) e em ato. Uma síntese, fabricar de todas as forças naquele instante singular (MERHY, 2013a). “Não se explica um acontecimento, mas este se explica a partir daquilo que terá sabido nele criar um lugar”, e extravasa os campos da dedução (STENGERS, 2018).

existenciais, inventividade e constituição de vínculos para o controle de vidas outras, mesmo que com a justificativa da defesa dessas mesmas vidas.

Assim, proponho, a partir de diversos processamentos coletivos nos últimos anos, que as tecnologias leves, por se instituírem intensamente relacionais, podem constituir toda a sorte de relações, que promovem e produzem mais vida, ou que podem não só operar de maneira limitada ou pobre frente um encontro que se dá de maneira refratária ou pouca interessada, mas inclusive capturar, cercear, constituir arranjos que mais empobrecem ou controlam arranjos existenciais, os submetendo a campos que se supõe universais de tecnologias leve-duras, ou normalizando ou serializando vidas a partir do que julgam formas mais válidas de levar a vida<sup>8</sup>(MERHY, 2009; “Tecnologias de Cuidado - Emerson Merhy”, 2020).

Assim, para além do uso das tecnologias leves, é de grande importância considerarmos a sua operação, sua intensidade na direcionalidade da produção de formas de cuidado que apoiem es sujeitos na própria constituição de vidas mais autônomas e de maior riqueza.

Neste ponto, nos defrontamos com grandes desafios, pois apoiar a autonomia e arranjos existenciais mais ricos em relação à vida des outros não é tarefa pré-concebida. Cada corpo e vida tem suas formas de operar singulares, formas de levar a vida e mesmo perspectivas e constituição de mundos imprevistos.

Abrir-se ao processo de cuidado fazendo uso intensivo das tecnologias leves no intuito de apoiar formas de existência a serem mais autônoma e ricas, inerentemente nos coloca frente, com menor ou maior intensidade, de maneira mais fluída ou tensa, de frente a mundos outros, muitas vezes imprevistos.

Processos de cuidado que se veem frente aos limites entre negociações e composições, entre os desafios de nós mesmos nos colocarmos em espaços de abertura a partir dos quais podemos visualizar verdades próprias serem desestruturadas, e mesmo nos colocarmos de maneira cuidadora em relação a si e aos outros frentes às agruras e durezas da vida.

---

<sup>8</sup> Um cenário discutido diversas vezes em processamentos coletivos da Linha de Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde, e que é relativamente chocante, é que faz menção às tecnologias utilizadas pelos torturadores, que infelizmente fazem uso intensivo de tecnologias leves, já que se colocam intensamente presentes no encontro tortura, e fazem uso de tudo que é possível naquele encontro para produção de violências e busca de informações.

Neste processo, com base em diversos autores, sugiro um processo de abertura que passa por uma desaceleração, a partir do qual nos dispomos a não agir como sujeitos de suposto saber sobre os outros, mas sim compor e reconhecer mundos outros (ABRAHÃO et al., 2013; STENGERS, 2018; RIOS et al., 2021).

Portanto, ao nos abrirmos à vida dos outros como se dá, imprevista, nos processos de relação que passam pelas tecnologias leves, possibilidades se ampliam. As tecnologias leves não se colocam apenas como um exercício em relação das tecnologias leve-duras (que se aproxima do campo dos saberes) e duras, mas oferta vivacidade e as reestrutura, caso estejamos abertos a tal, constituindo novos saberes e materialidades.

Assim, as tecnologias leve-duras e duras podem se reestruturar completamente, em processos de produção de saberes que se dão em presença e a partir dos encontros, e maquinários e protocolos são desafiados a serem repensados, modificados ou até abolidos em defesa da vida, esta produção sem a-prioris (STENGERS, 2018).

Portanto, para além de uma certa ideia de modulação de um rol pré-estabelecido de ofertas (quanto a tecnologias duras e leve-duras), a partir das quais há uma oferta direcionada por tecnologias leves, proponho um sentido quase que inverso a ser considerado.

A partir de uma provocação intensiva das tecnologias leves, tornamos possível uma reestruturação radical das tecnologias leve-duras e duras, constituindo novas possibilidades não só de modelagem de cuidado, mas até de ofertas.

Como exemplo, ao invés de considerarmos que há um sujeito no interior de um respectivo estado, e a partir de todas as suas características, que podem inclusive considerar dinâmicas existenciais diversas, fazemos uma oferta a partir do meu rol de intervenções, que poderia ser um antidepressivo que se encaixe ao seu sexo, idade, situação laboral e até, quando muito, sua dinâmica de vida, constituirmos também outras visibilidades<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> O termo visibilidade, muitas vezes utilizado ao termo dizibilidade, faz menção ao processo no qual, a partir de deslocamentos a partir da vida como se dá, passamos pela experiências de visibilizar e mesmo dar voz a formas que não reconhecíamos antes. Um processo que passa mais por ações de produção, criação e invenção do que descobertas ou descortinar de campos que existiam e que não reconhecíamos (FEUERWERKER; BERTUSSI; MERHY, 2016).

O que seria depressão para este sujeito no interior do estado? Como suas dinâmicas de vida e histórias passam por isso? Quais os desejos deste sujeito? Quais dinâmicas e formas de existências passam por ele e esta comunidade no que tange a esta necessidade de saúde?

Neste processo, e me colocando em suspensão, tornar possível que dinâmicas outras surjam (PELBART, 2016). Para além, ou até em conjunto ao medicamento, quais processos de enriquecimentos existenciais passam por esta dinâmica de encontro singular? Neste interior do estado, qual o papel das ervas na história deste sujeito? Quais dinâmicas de cuidado de si passam por ele? O que ele reconhece como importante em seus processos existenciais para a composição de um processo de cuidado frente a sua situação de saúde?

Para além de um acúmulo de sintomas e princípios ativos, que pode estar descrito em um protocolo, ou conhecimentos clínicos quanto diagnósticos e intervenções farmacológicas possíveis, ou até a consideração quanto a características existenciais, que muitas vezes são reconhecidas desde que sejam subsumidas às minhas perspectivas estabelecidas, pode ocorrer toda uma composição com conhecimentos acumulados pela comunidade, constituindo apoio para novas dinâmicas de vida, reestruturando as ofertas, que podem ser desde plantas medicinais, um reconhecimento de práticas espirituais da localidade, diálogo e construção comunitária em propostas imprevistas. Ações que podem passar longe do rol estabelecido por uma unidade de saúde, e não só, pois seguem para além de uma customização de ofertas pré-concebidas ou de mundos estabelecidos e pobres, e sim seguem para processos de reconhecimento de riquezas e criação.

Tais encontros e abertura para composição de mundos podem ofertar possibilidades do reconhecimento de novas tecnologias de cuidado, formas de governo que façam sentido à comunidade, e mesmo produção de novos conhecimentos.

Com o intuito de nos colocarmos disponíveis a reconhecermos formas outras de existência, imprevistas, somos convidados a agir como diria Stengers a partir de Deleuze, como “idiotas”, que desaceleram, que resistem à maneira como uma situação é apresentada, que se abrem às afecções e cultivam uma magia, que tornam

possível sentir e pensar de maneiras outras, cultivando acontecimentos, potenciais encontros cosmopolíticos<sup>10</sup>(MERHY, 2013a; STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Assim, sugiro no trabalho que, com o intuito de apoiarmos a instauração de formas outras de existência, é importante que possamos nos abrir à todo um processo de reestruturação em ato, constituindo encontros que sigam para além da customização de nossas práticas estabelecidas, realizando uma transição de uma prática de pedagogização para uma de aprendizado mútuo, de uma constituição científica que se dê de forma mais nômade<sup>11</sup> do que régia, multiplicando mais conhecimentos do que ensinando<sup>12</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2000; PELBART, 2016).

## 1.2 Processos de cuidado em saúde

“Não posso dizer que estou triste, ou que não estou bem. Tenho que parecer forte, caso contrário, no final do dia, escuto que não posso sair daqui”.

Escutei a frase por parte de uma usuária, em uma Assembleia de Usuários. A ouvi, e me organizei onde estava sentado, respirei fundo. Meus olhos cheios de lágrimas, naquele momento, não me pareciam uma boa forma de construir processos de moderação que sentia que aquele espaço me pedia.

Sentia visceralmente uma certa ambiguidade, a qual trabalhava e suportava enquanto agia, e buscava me abrir mais ao diálogo com as usuárias.

Por um lado, senti-me profundamente tomado pela fala, sentindo pontos de uma indignação quente dentro do peito. A fala daquela usuária

---

<sup>10</sup> Esta frase tem vários conceitos-ferramentas que serão explorados na tese, como “idiotas”, “magia”, “encontros cosmopolíticos”. Julgo que é mais adequado que os leitores tenham contato com estes termos no decorrer da tese, com maior aprofundamento, mesmo que uma primeira leitura deste campo introdutório tenha certas limitações inicialmente. Este é um caráter um tanto quanto paradoxal de certas formas de escrita: adianta e amarra visões gerais do trabalho, mesmo que haja coisas que serão aprofundadas a posteriori.

<sup>11</sup> Segundo Deleuze e Guattari, as ciências nômades se pautariam mais por devires e heterogeneidades, se opondo ao “eterno”, estável, idêntico e constante.

<sup>12</sup> O termo ensinar é um conceito apresentado por Deleuze e Guattari e tem relação com a imposição de palavras de ordem, com o intuito de fazer obedecer, comando. O termo é importante em toda uma discussão de grande complexidade, a qual não é aprofundada diretamente aqui. Para ver mais a respeito, ler o capítulo “Postulados da Linguística” no Mil Platôs, volume 2 (DELEUZE; GUATTARI, 1997).



ressoava, dentro da Assembleia e dentro de mim mesmo. Ela falava por muitos...

Por outro lado, me sentia muito feliz por ter tido a oportunidade de estar presente e ter a possibilidade de abrir um espaço de escuta, no qual algo tão privado, na fala embargada da usuária, era colocada em um coletivo, no qual existiam alguns trabalhadores que por algum motivo não eram identificados como aqueles que não poderiam sentir sua tristeza.

Em meio à minha indignação, com a qual lutava por não se tornar cega, me sentia profundamente tocado com tanta abertura, confiança e vulnerabilidade”. (trecho hupomnêmata<sup>13</sup> cartográfica)

Inesperado... Como lidamos com o inesperado que nos é ofertado pel(o)as **outres**? Como operarmos com o que é imprevisto, que **foge ao controle**? Como nos abrimos para a vida, nos abrindo **sem medo às diferenças** e não nos colocarmos no conforto-desconfortável de uma suposta repetição?

Sendo que, quando falo deste inesperado, não falo só e simplesmente do que tratamos como algo imprevisto, uma novidade, que pede calmamente que formulemos algo de novo. Comento sobre aquilo que nos toma pelo peito, que estilhaça nossa razão. Nossos pensamentos já não se apresentam mais coesos... Sentimentos imprevistos **fazem** passagem.

Inesperado que coloca em questão nossas formas de estar e levar a vida, de apoiar e levar a vida juntas com es outres. Inesperado que pode impactar diretamente as nossas pretensões sobre como nos portarmos em nossos mundos e o que ofertamos a es outres sujeites.

As construções que realizamos, as ofertas que apresentamos, frente aos olhos de outre, podem já não fazer tanto sentido assim. Uma estabilização de um quadro clínico, dos sintomas, podem ser mais uma espécie de normalização, uma ação de

---

<sup>13</sup> A “hupomnêmata” é uma ferramenta explicada na seção de avisos e estéticas, e faz menção aos cadernos de vida, no qual toda uma sorte de trechos, pensamentos, figuras, pinturas, poesias, sentimentos, afecções e afetos foram registrados. No caso o termo “hupomnêmata cartográfica” faz menção a um conceito-ferramenta elaborado pelo autor, fazendo uso do termo “hupomnêmata” proposto por Foucault e do “diário cartográfico” (FOUCAULT, 2004b; SLOMP JUNIOR et al., 2020),

empobrecimento existencial de outro do que uma construção conjunta e partilhada na diferença (MERHY, 2013a).

Nestes processos e dissonâncias, não passamos incólumes. “Ficam ecoando as perguntas: e quem mesmo cuida de quem? E quem consegue a proeza de não sair transformado?!<sup>14</sup>” (SLOMP JÚNIOR; FRANCO; MERHY, 2022)

Tais experiências que nos reconstroem podem surgir de uma forma que nos arrebatam, entretanto, também podem fluir de maneiras mais silenciosas, repetidamente, como uma batida oca, como a água do mar que passa por um rochedo, pede passagem, toma o espaço e nosso ar, gera movimento, e quando menos esperamos desemboca toda uma mudança topográfica, de território existencial.

Fui ensinado tempos atrás que a produção do conhecimento deveria ser validada de acordo com a demanda societária por um certo estudo. Tomo aqui a liberdade de fazer um estudo que poderia ter diversas justificativas no âmbito da saúde pública. Como trabalhamos com o que não é controlável no processo de cuidado? Como operamos frente a algo que apresenta tamanha diferença que nos coloca defronte a todo um mundo de diferenciações? Como isto impacta nas nossas formas de governo e de produção de políticas? ***O que não é controlável é uma ameaça ou riqueza em nossos encontros? Qual o impacto da diferença nos processos de cuidado?***

Merhy, Cerqueira, Cruz, Abrahão, Mendonça, Feuerwerker, Slomp Jr, Moebus... Muitos autores trabalharam e trabalham nas proximidades ou detidamente nesta temática. As implicações no campo do processo de cuidado, governo e na forma de construção de políticas públicas são muito importantes (ABRAHÃO et al., 2013; GOMES; MERHY, 2014; MERHY et al., 2014; MOEBUS, 2014; MENDONÇA et al., 2015).

O(a,e) outro, a todo momento, transborda em conexões e produção de vida, desestruturando nossos planos de cuidado, e, no mínimo colocando os projetos terapêuticos singulares (quando existem) em profunda tensão. Seus desejos e vida

---

<sup>14</sup> Trecho de prefácio, escrito por Laura Feuerwerker, da obra Projeto terapêutico como dispositivo para o cuidado compartilhado. In: Projeto terapêutico como dispositivo para o cuidado compartilhado. 2022, de SLOMP JÚNIOR, Helvo; FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias.

não cabem facilmente nas propostas ofertadas, protocolos estabelecidos, nas porcentagens de adesão e eficácia clínica que muitas vezes tanto almejamos, na busca pela retificação de um corpo máquina<sup>15</sup>, e correção de formas de existir consideradas transviadas (MERHY, 2012, 2013b; MENDONÇA et al., 2015).

Nos defrontamos com usuáries, que em suas redes de conexões existenciais, carregam raça, gênero, classe, idade, ancestralidades, que se combinam no imprevisto, transbordam as identidades e florescem em singularidades, por mais que tentemos seguir um agir pautado em papéis frios, com evidências baseadas em homens-brancos-heterossexuais do norte<sup>16</sup>, ou mesmo operemos em formas de biomedicalização<sup>17</sup> e controles outras, constituindo outras formas de colonizações<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> O termo corpo máquina será descrito e discutido mais profundamente na tese. O termo faz menção a uma forte perspectiva que atravessa es profissionais de saúde que visualizam os corpos como máquinas, previsíveis, e suas ações quanto a saúde como retificações deste maquinário.

<sup>16</sup> Tive acesso por meio de meu mestrado, em uma revisão sistemática de literatura com metanálise, que a maioria dos estudos eram financiados, testados e realizados por países europeus ou da América do Norte, em público caucasiano, de meia idade, e muitas vezes com alto percentual masculino. Encontrei resultados semelhantes em outros estudos visitados para outras enfermidades e com mesmo desenho. Tal interpretação ainda não é calcada em estudo sistematizado e extensivo, mas é coerente com distribuição de farmacêuticas pelo mundo (ALMEIDA, 2012).

Além disso, é importante ressaltar que o norte descrito não é necessariamente o que reconhecemos como norte no Globo terrestre, mas sim se dá a partir do reconhecimento das formas de capitalistas coloniais que se dão predominantemente do norte, mas que inclusive em seu território apresentam grupos em disputa por outras formas de vida (SANTOS; MENESES, 2010).

<sup>17</sup> A biomedicalização é um conceito que parte da radicalização dos processos medicalizantes. A medicalização faz menção à ampliação dos diagnósticos e tratamentos médicos em situações que não eram consideradas previamente como problemas de saúde. Já a biomedicalização supõe um processo de internalização de ações de vigilância e controle por parte dos próprios sujeitos, não necessariamente tendo que passar por procedimentos médicos. Não passa somente por definir, detectar e tratar, mas sim estarem alertas e serem moldados por potenciais riscos de problemas de saúde (IRIART; MERHY, 2017).

<sup>18</sup> O termo colonização se coloca em intensa disputa nos dias de hoje. Diversos autores passam por formulações como: colonialidade do poder, pós-colonialidade, colonialidade calcadas nas epistemologias do Sul, decolonialidade, formas de descolonização (SANTOS; MENESES, 2010; BRAGA; CAHEN, 2018; ROLNIK, 2019). Não pretendo aprofundar a discussão sobre as diferenciações e tensões, e, infelizmente (para o processo clássico de uma tese), não me sinto pacificado para utilizar um dos autores especificamente por uma série de justificativas, afetos e afecções, mas também julgo necessário utilizar o termo, frente à todas as suas implicações e necessidades contemporâneas. Isto é um problema, e espero que não possa transparecer aos leitores como uma simples fragilidade por si, mas uma potência na fragilidade. Com o risco de me mostrar superficial, ou de compor entre conceitos que talvez não se componham, parto da concepção que o processo de colonização não está circunscrito ao passado, nem a exercícios de poder de determinadas regiões, povos, etnias e sexualidades sobre outras, mas vai além. Processo inerentemente de submissão, de forças maiores que forjam identidades, despotencializando e minando singularidades, diferenças, minoridades (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Por mais que vivamos momentos atuais nas quais as evidências em saúde devem ser ressaltadas e enaltecidas, frente a toda uma onda de negacionismo, não deixamos de correr o grande risco de agir a partir de um exercício de controle com base nas evidências em saúde e mesmo perspectivas clínicas dos profissionais (DUNCAN; SCHMIDT, 1999), que para alguns prediz o processo de cuidado “ideal”, para um ser humano “ideal”, em um mundo representativo<sup>19</sup>, e constituindo outras formas de fundamentalismo <sup>20</sup>(LATOURE, 2018).

Merhy nos apresenta o arranjo das tecnologias em saúde a fim de constituirmos visibilidades a respeito do processo de cuidado em saúde. Ao nos apresentar as tecnologias duras, leve-duras e leves, o autor resalta a importância de que ajamos com centralidade nas últimas, de cunho mais relacional, inventivas, abertas ao imprevisto e imanência, tendo e usuárie como centro, de forma a fazer uso de conhecimentos estruturados e maquinários como ferramentas<sup>21</sup>, a serem utilizados a partir do encontro e em ato, no processo de cuidado (MERHY, 2014).

Neste cenário, gostaria de trazer certas nuances e aprofundamentos que se mostram necessários a mim nos processos de cuidado em saúde. Julgo importante ressaltar que o processo de cuidado pode ter diversas direcionalidades, mesmo que o construamos com uma suposta forma de operar usuário centrada.

Este pode ter como foco o apoio para com o enriquecimento existencial dos usuáries. Mesmo que uma patologia se mostre como justificativa para o acesso a um serviço de saúde, é importante que esta seja visualizada a partir de uma aposta na qual a vida dos usuáries tenham apoio para ampliar seus graus de autonomia para

---

<sup>19</sup> O autor não considera por si a Prática de Saúde Baseada em Evidências um problema, entretanto, esta deve ser considerada frente a suas limitações, e sempre como mais uma das tecnologias em saúde disponíveis nos dias de hoje.

<sup>20</sup> Termo proposto por Latour, que nomeia a forma de como o conhecimento se propõe a constituir uma realidade que pertence apenas a uma história, constituída a partir de elementos universais, que almeja uma grande confiabilidade e a extinção de heterogeneidades (LATOURE, 2018).

<sup>21</sup> O termo ferramentas é extensivamente utilizado por Merhy, também utilizado por Deleuze, e tem grande inspiração por produções de Foucault que faz menção a suas produções como que “pequenas caixas de ferramentas”. Faz menção de que seus livros e produções são feitos para servir de usos inclusive imprevistos por quem os escreveu. Sugere que seja feito uso destas ferramentas, como chaves de fenda, chaves inglesas, e que possam inclusive produzir curtos-circuitos, mesmo em suas próprias obras, e quebrem sistemas de poder (FOUCAULT, 2006).

que cada uma tenha mais recursos de forma a levar adiante a vida da melhor forma possível, que suas redes de conexões existenciais sejam fomentadas e valorizadas (MERHY, 2013b, 2013c; FEUERWERKER, 2016). É importante que o processo de cuidado siga, e julgo este campo espaço privilegiado que pretendo me debruçar na tese, com todas as tensões que podem se apresentar, a partir do apoio às perspectivas existenciais dos usuários.

Entretanto, este convite realizado pela nossa relação com as tecnologias leves não está dado. Abrir-se ao encontro nos oferta um tanto quanto de imprevisto. O apoio às conexões existenciais dos usuários, o respeito e constituição mútua, em comum, com seus mundos outros podem tensionar todo universo de tecnologias duras, leve-duras ou mesmo de perspectivas próprias e coletivas (FEUERWERKER, 2016; RIOS et al., 2021).

Assim, julgo eu, a partir de todas as discussões coletivas das quais participei e vivenciei nos últimos anos, que todo o aparato de tecnologias duras, leve-duras, e mesmo leves, mesmo que esta última apresente maior porosidade e possibilidades de construções relacionais, podem se reconhecer a partir de concepções de certos mundos e não outros, do que se julga correto e desejável ao se produzir saúde.

Tais formas de operar nos mundos podem gerar tensionamentos de diversas ordens quando nos defrontamos com diferenciações entre profissionais de saúde (que podem se dar entre si) e usuários, que podem apresentar experiências e pertencimentos existenciais diversos, que podem passar por classe, raça, gênero ou mesmo de arranjos existenciais imprevistos e singulares diversos.

Neste cenário, é possível mergulhar-se nos mundos outros apresentados pelos usuários, construir vínculo, se impregnar em suas perspectivas e desejos, entretanto surgir daí com ações retificadoras, que valorizam até certos pontos as suas respectivas formas de levar a vida, e inclusive fazer-se uso destas relações e vínculos como forma de controle. Controle este que pode ser inclusive na defesa de certas vidas, e não outras.

Assim, pretendo seguir mais alguns passos nesta tese dialogando com estes autores, trazendo as implicações quanto a aberturas das ações e processos de cuidado frente aos mundos, verdades e conhecimentos outros que nos defrontamos.

Do convite das tecnologias leves, seguimos, não sem escolhas, ofertas a cada uma, para mundos outros.

### 1.3 Desfocando para ver: Sobre as práticas de construção de mundos de 500 anos atrás - e de hoje

**“A trajetória que eu fiz ao longo dessas décadas, ela me possibilitou ter uma percepção de mundos o tempo inteiro se colidindo. Esse mundo que a gente percebeu ao longo da nossa história que incidu sobre o nosso criou transformações imensas nas nossas vidas, nos nossos povos. E que incidu sobre o território de uma maneira tão dura a ponto de matar rios, destruir florestas e montanhas...” Aílton Krenak em “Diálogos: Desafios para a decolonialidade”, entrevista no youtube (“Diálogos”, 2019).**

**“Lá também tinham indígenas. O país (um país no hemisfério norte mais ao norte) vem considerando questões quanto a como estes povos foram violados em seu território. Entretanto, todo o tempo que vivi por lá, nunca vi ou ouvi falar de qualquer acréscimo ou oferta deste povo para o país”. (trecho hupomnêmata cartográfica, fala de professor brasileiro em cadeira sobre correntes de conhecimento)**

Gostaria, neste momento da tese, de gerar um certo desfocamento. Desfocamento para ver melhor, desorganizar perspectivas... A partir da discussão sobre as práticas de cuidado em saúde, foco principal da minha tese, e o desafio de nos abirmos a construção de mundos des outros, julgo que existem algumas histórias (histórias nada mornas, mas em disputa) que serviram de dispositivo a mim para a produção de pensamento na tese.

Estas histórias partem da minha história, como brasileiro. Histórias que partem também da minha própria árvore genealógica, dos pretos, das indígenas que passaram por ela, e seus apagamentos ao decorrer dos anos e do caminhar da minha família.

Até que ponto nos defrontamos numa tensão de mundos cotidiana? Esta é uma situação que tem importância quanto a sua consideração?

Muites e muitos de nós (provavelmente a maioria absoluta) tivemos uma formação na qual consideramos um certo processo “evolucionista” de caminhada “do

mundo”. Novas descobertas suplantam teorias antigas, e toda uma concepção de mundo se expande e se aprofunda, constituindo o que chamamos de “realidade”.

Entretanto, muitas e muitas rachaduras nesta concepção vem insistindo em se mostrar, colocando em questão o que julgamos como “mais evoluído”. “O vento vira, as coisas mudam, e a alteridade sempre termina por corroer e fazer desmoronar as mais sólidas muralhas da identidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).



Figura 1 - Brasil

Segundo Latour, ao caracterizar o que seria o “fundamentalismo” (palavra que ganhou notoriedade frente às descrições do “fundamentalismo islâmico”), este lhe atribui elementos que fazem menção a proposta que vivemos em uma realidade que pertence apenas a uma história, constituída a partir de elementos universais, que almeja uma grande confiabilidade e a extinção de heterogeneidades (LATOUR, 2018).

A fim de iniciar o diálogo a respeito desta temática, e partindo de um certo “início” (relativo e discricionário), não poderia deixar de fazer menção à de onde viemos. Um local de muitas e muitas histórias não contadas, ou suplantadas pelo muro colonialista do progresso (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Vivemos em um grande território “descoberto” há cerca de cinco séculos. Um território que, com o caminhar das descobertas arqueológicas, possuía cerca de 57,3 a 112 milhões de pessoas (“Genocídio dos povos indígenas”, 2021)<sup>22</sup>. Tais indicativos sugerem que a América poderia possuir uma população maior que a Europa (apresentava 90,7 milhões de habitantes em todo o continente, sendo 8,7 milhões em Portugal e Espanha) (“Medieval demography”, 2021).

É importante ressaltar que, as informações que trago aqui podem se mostrar relativamente imprecisas, entretanto, julgo que esta imprecisão antes de tudo não invalida, mas torna ainda mais necessária a apresentação de dados e discussão a respeito. Com uma imprecisão, que considera 50 milhões de vidas, em um tempo que estas representavam inclusive uma parte muito mais significativa da vida terrestre do que hoje, não se pode mostrar como um analisador, uma informação que faz falar toda uma série de ações intencionais de apagamentos (ALTOÉ, 2004)?

Pois bem, há muitos relatos de como diversas populações indígenas operavam, e que se apresentam de maneira esparsa e pouco publicizada em nosso cotidiano. Apesar da minha proposta não ser a de constituir uma população com cunho de idealizada (até porque existiam diversos povos com uma multiplicidade de formas de operar nos mundos), não é possível não comentar que há descrições de cidades maiores que as maiores cidades européias, com forma de operar saneamento e lixo que não acessamos em muitos locais nos dias de hoje (e muito discrepantes ao cenário europeu da época), que produziam alimentos de forma que as florestas se multiplicavam em biodiversidade e constituíam equilíbrios dinâmicos com tais ações, além de construções arquitetônicas harmonizadas com o ambiente e com um grau de resistência que chegam aos dias de hoje (portanto, muito mais resistentes que as construções nas quais usualmente moramos nos dias de hoje) (GAGLIONI, 2022).

Muitas destas histórias e tecnologias podem ser revisitadas com o movimento atual da agroecologia, permacultura, agricultura sintrópica e bioconstrução, que bebem intensamente nestas produções<sup>23</sup> (“Agricultura sintrópica”, 2019; “Agrofloresta”, 2021; “Bioconstrução”, 2019; “Permacultura”, 2021).

---

<sup>22</sup> Há uma proliferação de referências a respeito do número de indígenas na América Latina. As variações são enormes, e livros didáticos recorrentemente utilizam referências que indicam um número muito menos de indígenas, descolados da discussão científica a respeito.

<sup>23</sup> Há toda uma discussão a respeito de como estes termos muitas vezes ganharam notoriedade pela organização por parte de povos brancos, de forma a serem requalificados e só então valorizados. Não pretendo entrar nesta discussão específica no trabalho, mas é algo importante de se citar.



Há indicativos que cerca de 80% da população nativa foi morta (“Genocídio dos povos indígenas”, 2021). Dependendo dos cálculos considerados, pode-se indicar que a mortandade pode ter ultrapassado a da Segunda Guerra Mundial, episódio histórico com maior número de mortes da história oficial da humanidade (cerca de 70 a 85 milhões de pessoas) (“Mortos na Segunda Guerra Mundial”, 2021). De qualquer forma, tal ocorrência se denota como um dos maiores genocídios realizados, e em termos proporcionais frente à população humana da época, provavelmente não tem qualquer espécie de precedentes, apresentando um índice de mortalidade e letalidade provavelmente muito maior que o da Segunda Guerra.

Poderia discorrer mais sobre o assunto, detalhando ações relacionadas a como a maioria das mortes, relacionadas à doenças vindas da Europa, foram utilizadas a fim de desqualificar os saberes indígenas e quebrá-los em prol de um novo “Deus”, que por meio de seus poderes inibia que portugueses adoecessem das moléstias que eram resistentes e próprios propagadores. Ou detalhar como há diversos registros de como epidemias foram provocadas intencionalmente, instituindo uma guerra biológica, ou como ações de saúde pública foram recorrentemente minadas ou postergadas, com o intuito de impactar as populações indígenas<sup>24</sup> (GURGEL, 2009). Entretanto, o meu objetivo é transparecer algo que tem interesse direto à tese, que é o fomento de uma ideia reiterada e que ganhou concretude à grandes contingentes populacionais de nosso país: a ideia do descobrimento, quase como de uma chegada bem quista da civilização para o progresso do que se tornaria o país.

Como brasileiros, usualmente, não temos ciência da quantidade colossal de vidas, saberes e perspectivas de mundos que foram ceifadas. Como brasileiros, usualmente, não temos ciência da riqueza das produções nas mais diversas áreas do conhecimento, que se mostram avançadas até os dias de hoje, e que foram perdidas. Como brasileiros, usualmente, não nos indignamos ou até reconhecemos o “descobrimento” da América Latina, e toda uma história que se justifica por um processo civilizatório.

---

<sup>24</sup> Ações que apresentam uma triste sensação de “Déjà vu” frente ao cenário atual do coronavírus no Brasil.

Por mais que esta história pareça antiga, ressoa e é re-atualizada a todo instante. Podemos reconhecer cotidianamente a produção de mundos que se dispõem a suplantar e de outros.

Novas formas de regular a vida ganharam força. As formas de colonialidade também se reestruturaram. Entretanto, esta história ganha em importância não só como um dos exemplos dos exercícios de relação de poder nas Américas e seu grande potencial de constituir histórias e materialidades. Um exemplo que reestrutura toda a nossa perspectiva do forjar do Brasil, de seus povos, suas histórias, impactando inclusive em futuros.

De algo tão básico e concreto, que se propõe a constituir e disputar nossas histórias e futuros (afinal, em um mundo “civilizado” por europeus, nada mais coerente que seguirmos o processo “evolucionário” também nesta medida, nos espelhando muitas vezes nestes países), esta disputa de constituição de materialidades, a arte mesma de instaurar modos de existência, mundos outros, se dá nos mínimos detalhes cotidianos (PELBART, 2016; MERHY et al., 2021).

Como objeto desta tese, de algum modo, revisitaremos estes tempos, pois a história é algo que se conta no presente, e dialogaremos sobre as várias práticas de construção de mundos e as formas de se regular a vida, tendo como foco as práticas de cuidado nos dias de hoje, que ainda vive a todo os dias as ações do “descobrimento”, ou, de maneira mais adequada, apagamento.

É de grande importância questionarmos cotidianamente as formas de apagamento e submissão que replicamos nos dias de hoje, a partir das quais certas existências são desconsideradas ou consideradas até certo ponto, com uma aparência de tolerância (STENGERS, 2018).

Tolerância, reconhecida por Stengers como uma maldição, no sentido que suporta a diferença até certo ponto. Ponto incômodo, a partir do qual um sujeito de suposto saber reconhece outras perspectivas até certo limite, mas por fim, quanto a tensão se amplia, determina a situação a partir do que reconhece como verdade. Momentos a partir dos quais terminamos por buscar retificações ou ao menos modulações de vidas outras para no máximo outras vidas (do singular imanente para o particular, como uma peça transcendente de um todo). Nos abriremos a práticas outras de cuidado, que respeitam e apoiam existências menores, é algo importante para possibilitarmos a construção, respeito e reconhecimento de mundos outros

(CECCIM; MERHY, 2009; MERHY, 2009; DELEUZE; GUATTARI, 2012; STENGERS, 2018).

Apagamentos que acabam por tensionar o número de possibilidades, as diminuindo e gerando empobrecimentos. Diminuição do número de histórias e perspectivas de mundos, como de suas próprias materialidades, que, não sem intensiva resistência, se afirmam cotidianamente para existir, num movimento paradoxal e ambíguo a partir do qual suas existências beiram capturas e modulações.

Do convite das tecnologias leves, que, a partir do qual nos defrontamos com mundos outros, nos detemos agora nas implicações que tais encontros podem gerar. Quais processos de cuidado de si e dos outros são convidados. Quais implicações trazem para o processo de produção do conhecimento, pesquisa, e também de quem escreve.

#### 1.4 Cuidado de si, produções de conhecimentos e língua aos afetos

Passando do convite das tecnologias leves e mundos outros, gostaria de tocar no que tange o cuidado não só no campo do processo de cuidado em saúde, e também para além da necessidade do estudo como demanda societária nos dias de hoje, onde a oferta de serviços de saúde não necessariamente produzem arranjos de cuidado que promovem saúde de fato (FEUERWERKER, 2016).

No meu processo de pesquisa, quanto à produção do cuidado em saúde, me vi, antes de tudo, tendo como justificativa para o estudo o próprio processo de cuidado de mim mesmo. A principal justificativa para este estudo é o quanto que tais perguntas me tomam no cotidiano, e impactam diretamente a minha forma de me portar no mundo. Tal estudo é a forma que encontrei de dar língua aos meus afetos (ROLNIK, 2016).

Julgo eu, assim como outros autores, que dar vazão ao que nos implica no mundo é algo de uma importância sem tamanho (MERHY, 2004). Há muitas formas de se produzir conhecimento. Algumas se pretendem muito tranquilas e repetitivas, como engrenagens dentro de uma fábrica, que tem processos estruturados e até uma zona de previsibilidade de seus produtos, na qual o resultado pode até variar, mas dentro de um riscado muito bem determinado.

Respeito, apesar de temer pelos que seguem este caminho: já fui um. Reconheci na pele que a busca por um processo de uma suposta neutralidade na produção científica, ou mesmo um suposto local como sujeito de suposto saber privilegiado sobre os mundos não se dá sem preço.

Como sugerido por Stengers, boa parte dos que se dizem profundos conhecedores de uma área, experts, se colocam frente à dinâmica que, mesmo que capazes de gerenciar saberes de grande complexidade, não o fazem em relação aos mundos ao seu redor sem ter justamente estes saberes, paradigmas, como pontos centrais de análise, a ponto de inclusive considerar uma fragilidade para o sujeito de conhecimento, como referência de uma área, o falar de fora deste campo de expertise (STENGERS, 2018).

Tal dinâmica muitas vezes gera sujeitos de suposto saber que não fazem mais do que gerenciar aparatos teóricos que se pretendem generalizantes, desconsiderando, ou até considerando como não científicos, subjetivos, vieses, ou quaisquer nomes conferidos ao que é indesejado, o que se apresenta como imprevisto, ou até mesmo o que se apresenta como uma criação ou conhecimento autônomo (STENGERS, 2018).

Vive-se o paradoxo de que, quanto mais estudado em uma área, maior o risco de negarmos ou suprimirmos o que vem fora deste campo de generalização. Quanto mais profundo conhecedor, menos pode-se pensar, e mais podemos reproduzir, retificar, menos criativo podemos ser.

Entretanto, hoje, me disponho a operar de uma maneira diferente. Frente aos produtos que dispunha, passei por um bom tempo fazendo um trabalho febril, aquecendo motores, alterando materiais, produzindo outras ferramentas, fazendo as engrenagens gritarem... Queria ir além de mim mesmo. Além do que já tinha conhecido, dos mapas traçados, da forma que conhecia de ofertar um certo comportamento e uma certa resposta conhecida, desfigurando minhas próprias formas de buscar operar como um autômato<sup>25</sup>(“Autômato”, 2021).

---

<sup>25</sup> “Um autômato (português brasileiro) ou autómatu (português europeu) (do grega αὐτόματον: "agindo por vontade própria") é uma máquina ou robô que se opera de maneira automática. Pode ser ainda a pessoa que age como máquina, apenas cumprindo ordens, sem questionar”.

Julgo eu que nos lançarmos ao imprevisto, desfigurando e contorcendo possibilidades, levando a nós mesmos ao limite que suportamos, é uma das formas de atravessarmos o território repetitivo, conhecido, das desigualdades e normalizações, das formas de operar muito bem estruturadas, que tem toda uma formulação lógica e nos territórios dos saberes: o que é certo, errado, lógico, determinável, lucrativo e etc. As vidas são tomadas, e já não tem razão de ser, a não ser seguir aquele traçado, pré-determinado, desenhado no chão com giz em meio à ventania, no qual vivemos o paradoxo de, ao ver nossos trajetos apagados, vivemos a ambiguidade entre o amaldiçoar e o alívio.

Produzo aqui uma tese na qual a hipótese é forjada no peito, à marteladas. Não se mostra fria e segura, reproduzível e bem recortada. Perpassa todo um processo de cuidado que passou por mim mesmo, no ocupar e deslocar de mim mesmo trajetos, seguranças e controles, a fim de produzir formas de viver, modos de existência, nos quais sentisse a potência que passa por mim se encontrar e apoiar as potências que se dessem nes outres (DELEUZE, 2002; FOUCAULT, 2004a).

### 1.5 A produção do cuidado e as pesquisas da Rede de Avaliação Compartilhada e Observatório Nacional da produção de Cuidado

Por fim, com o intuito de finalizar o ciclo introdutório da tese, gostaria de trazer um pouco mais sobre a experiência na pesquisa da Rede de Avaliação Compartilhada (RAC) e implementação do Observatório Nacional da Produção do Cuidado, que foram experiências que contribuíram muito para o processo de pesquisa da tese.

A RAC e implementação dos Observatórios se iniciaram em 2013, sendo que eu, como pesquisador, comecei a participar da Linha de Micropolítica mais efetivamente em 2012.

Não participei ativamente de pesquisas pregressas, mas senti no corpo coletivo como a RAC veio de todo um esforço coletivo de várias pesquisas anteriores, como a do Programa de Pesquisa para o SUS (PPSUS), que focou em processos de pesquisa sobre Saúde Mental e acesso e barreira em uma complexa rede de cuidado: o caso de Campinas (No Processo 575121/2008 4. CNPq. UFRJ. SSCF).

Assim o projeto: “Observatório Nacional da produção de cuidado em diferentes modalidades à luz do processo de implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: avalia quem pede, quem faz e quem usa”, se deu no intuito de responder a todos os propósitos da Resolução 466/2012, com parecer: 560.597 de 23/03/2014.

A pesquisa foi de âmbito nacional e envolveu centenas de pesquisadores pelo país, constituindo coletivos de pesquisadores, a partir da ideia que no mundo da produção do cuidado todos são pesquisadores. Grupos de investigação foram constituídos nas regiões: Norte – Acre, Amazonas e Pará; Nordeste – Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão; Sudeste – Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais; e Sul – Paraná. Desdobramos as investigações em vários locais, por exemplo, em São Paulo, com coletivos nas cidades de Campinas, São Paulo e São Bernardo do Campo. Na Bahia, em Salvador, Feira de Santana, PEBA – Região de Petrolina e Juazeiro, Pernambuco e Bahia) (MERHY et al., 2016a).

O objetivo geral da pesquisa foi avaliar a produção do cuidado em diversas áreas do SUS, envolvendo os gestores, trabalhadores e usuários, através de uma Rede de Pesquisa Compartilhada – RAC, com foco nas Redes Temáticas de Atenção à Saúde (MERHY et al., 2016a).

O intuito foi o de descrever e problematizar experiências em diversas áreas do SUS, com foco para as que indiquem inovações no modo de produção do cuidado, além de construir processos de monitoramento da produção do cuidado em saúde tomando como base o processo de trabalho na sua constituição como território de tecnologias nos seus vários formatos, enquanto duras, leve-duras e leves (MERHY et al., 2016a).

Minha participação como pesquisador se deu principalmente a partir do mergulho nos processos de cuidado que se davam em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. Nesta, tivemos a oportunidade de acompanhar o processo de cuidado de diversas usuáries.

Assim, a construção da tese se entrelaça e reverbera em vários aspectos com o processo de pesquisa, tendo como um dos dispositivos privilegiados para a produção de pensamento o encontro com a usuária-guia-cidadã MS, a usuária que

acompanhei mais intensamente e que descreverei com mais profundidade no decorrer da tese.

## 2. FERRAMENTAS

### 2.1 Devir entre artes e conceitos



Fig 2 - Brincante

Escritas, poesias, pinturas... Diários e diários. Tomei a coragem, a partir da abertura das minhas orientadoras e coletivo de Micropolítica, de buscar mais uma vez uma estética diferenciada para a minha produção.

O faço não para constituir uma obra diferenciada frente a outras produções, buscando graus de reconhecimento ou diferenciação, muito pelo contrário. Para alguns que me conhecem, tenho o costume de me esforçar para passar despercebido. Entretanto, a fim de atingir graus de liberdade maiores e conseguir dar voz ao que pede passagem, farei uso destas formas de produção.

O faço no mesmo sentido do brincante acima, baseado em cena da obra "Abril Despedaçado". Este é um filme que mereceria muitas e muitas páginas, assim como pinturas (muitas em meu futuro). Entretanto, sendo sintético, poderia dizer que é um filme que trata de uma disputa por honra, na qual duas famílias se veem em um processo cíclico de violência sem fim. Sendo que um jovem, entrelaçado nesta trama

e fadado a ser o próximo neste círculo, desolado por uma vida que não lhe fazia sentido, desenvolve como forma de resistência a produção de vida e mais vida, voa com o circo, com a arte, e em um balanço por outras formas de existência.

Faço este tipo de escrita com este sentido. Onde senti mais potência nas minhas formas de viver e produzir conhecimento, dando língua aos meus afetos (ROLNIK, 2016), e que tomaram proporções tão grandes as quais teria que produzir muitas mortificações ao desconsiderá-los, retificá-los, moldá-los a certas roupagens que não me cabiam, algo que já tentei, das mais variadas formas, inclusive os circunscrevendo em sessões de terapia.

Segundo Deleuze, no campo das artes, os autores produzem “perceptos”, ou como que um complexo de sensações, percepções, constituindo uma independência radical em relação àquele que as sentiu. Estes operam como devires que transbordam, excedem as forças daquele que passa por eles (DELEUZE; PARNET, 1988).

Deleuze, em produções próprias e em conjunto com Guattari, sugere uma possível dança, música, a partir da qual os perceptos, que dão voz a profundos e intensos afetos, produzam um intenso devir com as formas de imanência, a construção de conceitos. Os autores comentam sobre o quanto as áreas da filosofia e arte se interconectam, passam “frequentemente uma pela outra, num devir que as leva a ambas, numa intensidade que as co-determina”. Quem sabe, talvez, até extravasem limites, à maneira de filósofos, como Espinosa e Nietzsche, grandes lançadores de afectos e produtores de visibilidades (DELEUZE; PARNET, 1988; DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Assim, as produções como as pinturas, mesmo que tenham afinidades com certos trechos da tese, não foram realizadas com o objetivo de ilustrá-la, pois, além de terem sido pintadas em tempos variados, algumas alguns anos antes, estas se deram a partir dos meu afetos e perceptos constituídos a fim de me auxiliar a respirar, dar vazão ao que passava/passa por mim. Assim, foram construídas pincelada a pincelada, sem objetivo prévio e com o mais primordial de todos: respirar (DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Este processo de respiração e deslocamentos me apoiaram, atravessaram e tensionaram em atos de pensar, produzir possibilidades, criar e reconhecer possíveis



ferramentas, indo para além de pensamentos ou territórios prévios que já não me cabiam (DELEUZE, 2018).

Assim, seguirei um caminho, ensaiando passos desta dança entre afetos, perceptos e conceitos, e farei o máximo possível por suportar outras roupagens como o capítulo com a proposta de artigo. Com isso espero construir os diálogos mais formais que as teses usualmente demandam.

Neste sentido sigo nesta estética de produção, construindo os meus balanços, as minhas formas de voar.

## **2.2 Produção em Ato a partir dos afectos**

Já aviso que não poderia prometer uma estética de produção como se regrada em seus mínimos detalhes, com um traçado meticuloso e preliminar. Minha escrita não se dá de uma maneira que sabe seus caminhos previamente. O faço como se eu estivesse pintando. Algo que não saberia explicar de fato, ou talvez nem o fosse conveniente, no sentido de trazer uma concepção prévia e reproduzível. Trago então por aqui as minhas pinceladas, cores, que, uma a uma, pedem um certo caminhar pelo peito.



Figura 3 - Pássaro rabo de sereia, rabo de sereia passarinhando<sup>26</sup>

Um dia, muito angustiado, logo após a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, algo que reconhecia como ascensão do fascismo no Brasil, cheguei em uma aula de pintura.

Conversei com a minha professora, e disse que gostaria de fazer algo diferente do que vinha produzindo, apesar de ser mais um passo no sentido do que não sabia bem o que era.

Algo me passava, não sei dizer bem ao certo... Fiz poucos rabiscos na tela, peguei um pincel, escolhi as tintas que tinha mais gosto, que gostaria de sentir, e comecei a pintura.

A cada pincelada, novas cores pediam passagem, outras tintas foram surgindo, formas foram se estruturando de algum modo. Não sabia ao certo se era eu quem

---

<sup>26</sup> Muitos me falavam, e eu até julgava algumas vezes que talvez a pintura fosse de um pássaro. Entretanto o reconhecia incomodado por algum motivo... Um dia, uma amiga, chamada Paula, de São Paulo, quando viu a pintura falou “gostaria de uma pintura dessas de rabo de Sereia”! Assim, pensei que poderia ser um bom nome.

pintava, ou se eu seguia o que a música das cores, pinceladas e pintura me pediam. Não sabia de fato o que se dava à minha frente, mas sim que conseguia falar e respirar naquele momento irrespirável.

Não posso dizer que o processo se institui como somente espontâneo, e Cruz sugere sobre como este tipo de agir se institui como tecnológico, no sentido do que nos é ofertado por Merhy (MERHY, 1998, 2014). A autora nos lembra que esta forma de operar se dá na borda entre o controlável tecnológico e a sua dobra do não sabido, do não previsto, em um ato acontecimento que passa por tecnologias leves e relacionais (CRUZ, 2016)<sup>27</sup>.

Portanto, pretendo ter um fio de produção, mas não poderia prometer a forma que irá se dar de todo.

Se me perguntam, digo que passo por uma abordagem cartográfica. Viso dar língua aos meus afetos, produzir visibilidades, constituindo e ofertando forma em ato ao que me pede passagem a partir do que me atravessa (ROLNIK, 2016).

Dar passagem a intensidades a partir dos encontros que me ofertam mais maneiras de respirar e de viver, me apresentam maneiras que teria mais gosto e talvez potência em viver (DELEUZE, 2002). Mesmo que, para tal, tenha que atravessar espaços os quais sinto afetos desconfortáveis inicialmente, com os quais me sinta perdido, e dissona ruídos para produzir outras coisas (MERHY, 2004).

Entretanto, devo assumir que falo da abordagem cartográfica porque sinto liberdade em falar como tal, não porque busco uma espécie de validação. Mais uma vez pelo contrário.

Tomarei a liberdade de não partir de uma nomeação para só assim traçar caminhos. Penso que o que de melhor que possa ofertar passa de uma produção que não passa pela reprodução de metodologias prévias por si, mas em como é possível fazer uso destas como ferramentas e dar vazão às nossas formas de constituir existências que pedem passagem por nossos afetos (DELEUZE, 2002).

---

<sup>27</sup> Neste tensionamento das zonas de tecnologias leves, que bordeiam o campo a-tecnológico, panos, buchas, se tornam pincéis... Pincéis, suporte para riscos... As densidades das tintas variam, as intensidades do encontro das tintas com a base variam... Pedras, pedaços de lixo, viram telas. Este é um pouco do que me toca nas práticas de arte cotidianas.

## 2.3 Fontes e Escritura de Si e dos Outros

Neste processo de escrituras, viso a convidar as mais variadas formas as quais pedem passagem por meio dos afetos. Considero que, todas as formas que os encontros ressonam em mim, por meio das minhas mais de quatrocentas páginas de diários cartográficos, pinturas, poesias e etc. Ou até as próprias falas diretas, que me batem e se repetem, a cada momento gerando um pequeno deslizamento, convidando a toda uma estrutura geológica-representativa a se desfazer, produzindo diversos sentidos.

A fim de me aproximar de um dos pontos importantes de problematização da tese, que trata da liberdade e produção de mundos, acho muito importante exercitar no que for possível a liberdade de escritura, trazendo como elemento de análise como meu corpo registra os processos de deslocamento e problematização (SLOMP JUNIOR et al., 2020).

Portanto, a proposta do seguinte trabalho é fazer uso das mais diversas fontes. Fontes que provêm de pesquisas realizadas anteriormente, e que fazem uso de produções e diálogos com trabalhadores e usuários.

Fontes que partem do processamento entre grupos de pesquisa, nos quais participaram usualmente trabalhadores que também operavam como pesquisadores.

E neste processo, de diversas produções e o que estas atravessam em mim, diálogo de algum modo com as produções de Foucault, que faz menção à “hupomnêmata”, os cadernos de vida, com uma junção de citações, fragmentos de obras, reflexões, pensamentos ouvidos, exercícios a fim de deslocar, lutar contra circunstâncias que se mostram difíceis. Sendo esta matéria-prima de uma sorte de exercícios a fim de cuidar e constituir a si (FOUCAULT, 2004b).

Portanto, em um processo de “hupomnêmata cartográfica”, cadernos de vida cartográficos, no qual toda uma sorte de trechos, pensamentos, figuras, pinturas, poesias, sentimentos, afecções e afetos, pelos quais passam os exercícios incessantes do próprio cuidado de si desde 2012, quando entrei na Linha de Micropolítica, são considerados por mim como uma fonte importante de produção de possibilidades (FOUCAULT, 2004b).

A proposta do conceito leva em consideração as ofertas de Foucault e os acúmulos relacionados com os processos de escrituração cartográficos. A ideia não é

trazer elementos dos cadernos de vida utilizados pelos gregos de forma estritamente fidelizada, mas ampliar limites, trazer mesmo os afetos mais profundos a partir das mais variadas roupagens possíveis nos dias de hoje e a partir do que meus corpos pedem passagem (DIAS; RODRIGUES, 2019).

#### **2.4 A metodologia é o encontro: in-mundização, processamento de experiências e encontro com usuária-guia-cidadã MS**

Entrelaçado com o processo do cuidado de mim mesmo na última década, se deu a minha experiência com o processo de pesquisa da RAC.

A RAC foi uma pesquisa que se dispunha a produzir processos avaliativos com propostas pouco usuais nos campos de pesquisa em saúde.

Esta se propôs a constituir um processo avaliativo no qual todes fossem pesquisadores (avalia quem pede, quem faz e quem usa), envolvendo gestores, trabalhadores e usuáries. Para tal, apostava em um arranjo no qual os pesquisadores vinculados formalmente inicialmente com a pesquisa operassem como pesquisadores-apoiadores, disparando e apoiando em um processo que se dispunha o mais aberto possível para a participação de trabalhadores e gestores, como pesquisadores-locais (MERHY et al., 2016a).

A pesquisa também se deu por meio de uma abordagem cartográfica, que parte da concepção que a produção do conhecimento se dá a partir do encontro, em processo, no qual somos tomados não só por um olhar estruturado, lógico, com concepções prévias, prontas a serem aplicadas, mas a partir das intensidades que nos afetam, que abrem campos de análises imprevistas, fazem multiplicar-se problematizações em um movimento micropolítico (MERHY, 2014; ROLNIK, 2016; SEIXAS et al., 2019).

Para tanto, utilizamos também como estratégia metodológica o recurso dos “usuários-cidadãos-guia” (MOEBUS; MERHY; SILVA, 2016). Estes usuários são acompanhados e atuam como guias na produção do conhecimento, levando-nos pelos caminhos produzidos por ele(a)s na busca de soluções para os seus problemas de saúde, seja junto a serviços de saúde, a outros equipamentos sociais ou mesmo junto às suas relações com a família, amigos e nos territórios existenciais por onde circulam.

Nessa perspectiva, a produção do cuidado não se limita às redes institucionais/formais e nos aproximamos da construção das redes existenciais dos usuários e suas relações com os trabalhadores e outros sujeitos sociais envolvidos no seu cotidiano (MOEBUS; MERHY; SILVA, 2016). Desejos, perspectivas de mundos, vínculos e todo um universo de conexões são observados e nos permitem reconhecer tensões existentes na produção do cuidado.

Em paralelo, o processo de pesquisa, desde o início, foi construído concomitantemente a encontros do grupo de pesquisa para processamento das experiências, que ocorriam mensalmente com um grupo mais amplo, nacional, constituído de várias frentes pelo Brasil, e quinzenalmente a nível de pesquisadores da região.

O processamento tinha o intuito de gerar produções coletivas, deslocamentos, problematizações. O processo da educação permanente em saúde foi de grande valia nesta caminhada, sendo uma estratégia metodológica muito importante a fim de constituir e produzir conhecimento a partir das experiências nos processos de cuidado, a partir da in-mundização com as experiências singulares e coletivas, com gestores, trabalhadores e usuáries (CECCIM, 2005; ABRAHÃO et al., 2013).

Nesta proposta de in-mundização não se buscou neutralidade em relação ao processo de pesquisa, muito pelo contrário. Se inundando pelos encontros e sujando-se de mundos, buscou-se um processo de produção de conhecimentos compartilhado, deslocamentos, problematizações, e inclusive o desafio da desaprendizagem e desinstitucionalização do já sabido ou prescrito (ABRAHÃO et al., 2013).

### 3. DESENVOLVIMENTO

Inicialmente julguei que tornaria mais compreensível dividir o desenvolvimento em quatro frentes. Não deixei de fazê-lo, mas percebi que estas partes provavelmente farão mais sentido eventualmente se misturando.

A **primeira frente** se volta principalmente aos **platôs existenciais** da tese, com cunhos mais memorialísticos. A ideia é trazer as minhas caminhadas, formação,

encontro com a Linha de Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde, deslocamentos existenciais que se deram em conjunto com a tese.

A **segunda frente** trata mais intensamente da **pesquisa RAC**, o desenvolvimento da pesquisa e suas produções, que são de grande importância, mescladas a minha caminhada, para a produção de vários campos de problematização da tese.

A **terceira trata de campos mais intensivos de problematização**, construídos ao decorrer dos anos e da tese. Estas muitas vezes dialogam mais fortemente com autores intercessores e problematizações a respeito das formas de se produzir cuidado em saúde, o atravessamento com a temática do reconhecimento dos mundos outros, e as constituições várias de produção de verdades e conhecimentos.

Assim, mesmo que a intenção seja a de fomentar uma certa diferenciação na intensidade de certas frentes, não poderia dizer que os platôs existenciais, a pesquisa RAC e as problematizações intensivas a partir de autores intercessores não estão misturados entre si. Muitas vezes a reestruturação existencial me trará às pesquisas de campo de outras formas, que impactarão em meus intercessores, que trarão outras reestruturações existenciais, não necessariamente em um movimento cíclico, mas existencial-rizomático<sup>28</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Farei o máximo possível para que o texto constitua uma certa coerência, em um processo de produzir pensamento a partir destes deslocamentos que se entrelaçam entre si.

**Por fim, como quarta frente**, sigo para a finalização do desenvolvimento com **a apresentação de um artigo que submeti a um periódico** e foi construído a partir da caminhada na tese.

---

<sup>28</sup> Rizoma faz menção a sistemas de intensiva conexão (qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro), heterogêneo e múltiplo, que transborda unicidades. Se constitui de forma cartográfica, extravasando qualquer espécie de modelo representativo que se propõe a constituir “a realidade” por decalque, repetição, de suas estruturas. Mais a respeito no primeiro capítulo de Mil Platôs, volume 1 (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

### 3.1 Platôs existenciais iniciais

#### 3.1.1 A bala mágica: a vista do ponto de um ideal farmacêutico

Acredito ser pertinente constituir uma pequena estação cartográfica. Dialogar com um platô existencial que faz parte e se mostra presente na tensão de diversos dos meus caminhos. Para isso, retornarei ao meu processo de graduação e formação como profissional de saúde.

Iniciei minha graduação com a aposta na construção de um “mundo melhor”. Na época, fiquei profundamente intrigado com a explicação sobre um mecanismo de ação de “Linus Pauling<sup>29</sup>”. Absorto com a complexidade de tantas ofertas relacionadas com aquela explicação, que envolvia biologia, química, física, matemática e muito criatividade, e tocado por um filme chamado “Tempo de Despertar<sup>30</sup>”, resolvi direcionar minha energia para o curso de farmácia com o intuito de produzir um medicamento que fizesse a diferença e diminuísse o sofrimento do mundo.

Neste processo, não deixei de ser tocado por um mito, que no âmbito farmacêutico se constitui como uma espécie de utopia, que, em termos farmacêuticos, poderia ser simbolizada pela “bala mágica”.

---

<sup>29</sup> Linus Carl Pauling (Portland, 28 de fevereiro de 1901 — Big Sur, 19 de agosto de 1994) foi um químico quântico e bioquímico dos Estados Unidos. Também é reconhecido como cristalógrafo, biólogo molecular e pesquisador médico.

Pauling é amplamente reconhecido como um dos principais químicos do século XX. Foi pioneiro na aplicação da Mecânica Quântica em química e, em 1954, ganhou o Nobel de Química pelo seu trabalho relativo à natureza das ligações químicas. Também efetuou importantes contribuições relativas à determinação da estrutura de proteínas e cristais, sendo considerado um dos fundadores da Biologia Molecular (“Linus Pauling”, 2020).

<sup>30</sup> “Em 1969, em Nova Iorque, o médico neurologista Malcolm Sayer trabalha em um hospital psiquiátrico. Lá, encontram-se vários pacientes que, aparentemente, estão catatônicos. Sayer sente que eles estão só “adormecidos” e que, se forem medicados da maneira certa, poderão ser despertados. Sayer é autorizado pelo diretor do hospital a submeter apenas um paciente ao novo tratamento; ele escolhe Leonard Lowe, que estava “adormecido” há décadas. Gradualmente, Lowe se recupera, e Sayer passa a administrar o L-DOPA nos outros pacientes, que imediatamente apresentam sinais de melhora e mostram-se ansiosos em recuperar o tempo perdido. Mas, infelizmente, Lowe começa a apresentar estranhos e perigosos efeitos colaterais”. Ao final do filme, o corpo dos usuários se reconformam com o medicamento administrado e encontra uma outra forma de se equilibrar com o estado inicial. Todos adormecem mais uma vez (“Awakenings”, 2019).



A “bala mágica”<sup>31</sup> seria uma espécie de medicamento perfeito, o qual atingiria especificamente um ponto no corpo, gerador de todo um “mal”, sem efeitos colaterais (ou seja, sem atingir quaisquer outros pontos) ou eventos adversos (sem qualquer consequência para além da estritamente esperada).

Nesta busca segui com as lentes que me foram ofertadas período após período. Aprofundi o que Merhy nos convida a observar como uma das formas de operar hegemônicas entre os profissionais de saúde, que podem apresentar diversos pontos de vista sobre a saúde, tendo diferenciações entre um farmacêutico, médico, enfermeiro, fisioterapeuta, entretanto, todos apresentam uma “vista do ponto”, no campo do cuidado do corpo de órgãos, a partir do qual os usuários são praticamente maquinários, e que o papel dos trabalhadores deveria ser o de consertá-los, em uma visão demasiadamente mecanicista (MERHY, 2009, 2013b).

Mas, no final da minha graduação, passei por certos encontros que incutiram modificações em meu trajeto. Finalmente havia entrado em um laboratório que circundava todo o processo para a construção da bala que buscava: eu desenhava a molécula com programas de computador e fazia simulações de suas reações químicas no meio digital, posteriormente eu as sintetizava, seguia para seus testes em células, animais, e tinha um diálogo para o possível teste em seres humanos. Entretanto, quando cheguei onde almejava, me defrontei com “a Saúde Coletiva”<sup>32</sup>.

### **3.1.2 Deslocamentos da bala mágica: “A” Saúde Coletiva, representação e controle**

“Recorrentemente me vejo tentando construir um maquinário para a modificação do mundo. Passei pela leitura de ferramentas para avaliação de evidências científicas, para avaliações econômicas, outras de avaliações de planejamento mais sofisticadas, como o Planejamento Situacional, e acho até

---

<sup>31</sup> Não posso deixar de reparar um deslocamento de perspectivas antigas, alquímicas, da pedra filosofal. Entretanto, a alquimia partia de outras perspectivas de mundos. Talvez algo a se explorar no futuro.

<sup>32</sup> Incluí “a Saúde Coletiva” entre aspas, pois reconheço nos dias de hoje que este campo é múltiplo, com diversas ofertas diferenciadas de forma muito contundente dentro do campo. Talvez o mais adequado fosse nomear o encontro com “as Saúde Coletivas”.

que na minha segunda apresentação da linha, quis fazer “a micropolítica” falar deste jeito.

Uma paixão recorrente em minha vida, e ao mesmo tempo uma repulsão extrema. Nunca me senti bem com totalitarismos “ideológicos”, ou para ser menos marxista, com estratégias aletúrgicas<sup>33</sup> (termo retirado do Governo dos vivos) muito estruturadas (FOUCAULT, 2014). Estas inibiam a vida, a criação, normatizavam a existência.

Com isso, venho vendo um possível paradoxo pelo qual caminho... O maquinário, que tanto me atrai e me repele, que visa a “transformação do mundo em um lugar melhor”, não seria mais uma produção do mesmo, e inclusive do mesmo, que visio desconstruir?

Construir um maquinário infalível para modificação do mundo, não seria a maior derrota e encapsulamento de mim mesmo frente às provocações e contingências da vida?”

(trecho hupomnêmata cartográfica - 22/11/13 - Título - Tensões sobre a bala mágica)

Ao conhecer a Saúde Coletiva fiquei profundamente tomado com o que me era apresentado. Mesmo que desenhasse todas as moléculas químicas perfeitas, e descobrisse o “âmago de toda a doença”, sentia que seria uma ação sem sentido. Vivíamos em um mundo no qual, por um lado, novas moléculas traziam fama, dinheiro e a promessa de uma vida pujante, e do outro, a iniquidade era tamanha que cidadãos não tinha acesso às mais básicas questões relacionadas à saúde, como alimentação<sup>34</sup>.

Neste momento, resolvi mudar meu foco, e me lancei fortemente sobre estudos relacionados a Saúde Coletiva. Inicialmente, segui em um estudo profundo quanto aos

---

<sup>33</sup> A aleturgia tem relação com as formas pelas quais os sujeitos manifestam-se ao dizer e forjar a verdade, e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Tem relação com a ideia da produção da verdade, com ato pela qual esta se manifesta, e dissona das análises das estruturas internas de uma epistemologia (FOUCAULT, 2014).

<sup>34</sup> Vivemos radicalmente o tensionamento atual do paradoxo da produção de medicamentos. Há relativamente pouco tempo, tivemos conhecimento de várias vacinas para a calamidade em saúde pública que é o coronavírus, entretanto o acesso a esta tecnologia não é visto como um bem comum para toda a espécie humana, mas uma mercadoria, e em prol da maximização de lucros, milhões de vidas foram perdidas.

campos da epidemiologia, da prática de saúde baseada em evidências e economia da saúde, campos de estudo privilegiados no grupo e Pós-Graduação que me inseri.

Com o intuito de mudar a realidade com a qual me defrontava, passei a estudar fortemente a gestão em saúde, e logo me vi questionando o âmbito do que era chamado “planejamento normativo em saúde”. Passei por um estudo progressivo, passando pelo CENDES-OPAS, Planejamento Estratégico Situacional, e as correntes de planejamento e gestão em saúde no Brasil (MERHY, 1995).

Segui no estudo sobre as formas de planejamento e gestão em saúde, me reconhecendo no Mestrado mais próximo de propostas que dialogavam mais intensamente com a Vigilância em Saúde, constituindo estudos sobre protocolos, adensamento de evidências quanto a utilização de medicamentos para terapia renal substitutiva, estudo de adequação do processos de dispensação às evidências assim como impactos econômicos.

Por outro lado, segui estudando produções do campo da Gestão Estratégica, vinculados a produções do Laboratório de Planejamento de Campinas, vinculado a autores como Emerson Merhy, Gastão Wagner e Luiz Cecílio. Um campo que se mostrou menos instrumentalizado e coeso do que tinha o costume de ter contato até então.

Este campo já trazia críticas importantes sobre os graus de “prescritividade” que certas correntes almejavam e não se propunham a produzir campos teóricos e estratégias de planejamento “generalizantes”, mas sim fazer uso de diversas ferramentas que se mostrassem úteis nos processos de gestão e trabalho (MERHY, 1995). Estas colocações, na época, já me colocaram em uma certa suspensão, e segui nas leituras a respeito durante o mestrado.

Também em paralelo, tornei-me conselheiro de saúde de minha cidade, trabalhei em núcleos de organizações importantes da saúde coletiva, me envolvi em movimentos pela luta por moradia.

Por todos estes lugares que passava, apresentava uma certa tensão, por um lado constituía uma forma de ver o mundo, que se propunha a desvendá-lo, apresentar as suas agruras, e corrigi-lo.

Tinha referência nisso no campo das evidências em saúde, as quais quanto mais universais e menos heterogêneas, menos subjetivas, mais confiáveis se mostrariam (DUNCAN; SCHMIDT, 1999).

Por outro lado, no campo de disputas dos movimentos sociais, era reiterado o investimento em, a partir de um conhecimento privilegiado, proveniente de teorias políticas ou críticas, que buscasse combater o errôneo, convencendo outros atores, disputando com outros com visões diferentes e que muito facilmente deslizavam-se para possíveis ameaças para projetos, de forma a implementar a visão correta de um mundo melhor (CRUZ, 2016).

Como conselheiro de saúde usuário, não poderia conversar e pactuar demais com outros segmentos. Como participante de uma organização de saúde coletiva, deveria replicar suas propostas para a constituição de um mundo melhor. Lembro-me de, num espaço de encontro entre movimentos sociais, e eu como representante do movimento por moradias, deveria replicar todo um discurso, apresentando críticas de uma maneira alinhada aos referenciais do coletivo, agir como uma “caixa de ressonância”: travei, senti-me fortemente angustiado por replicar palavras que me pareciam me estruturar como um autômato (CRUZ, 2016).

O que havia me movido até então, que era um desejo por mudanças, se tornava cada vez mais deslegitimado caso não se tornasse um só às formas de construir e operar a verdade nos espaços dos quais fazia parte. Deveria me reconhecer em um grupo (usuário, sanitarista, militante do movimento por moradia), e a partir deste grupo replicar discursos e práticas.

Escutar outros segmentos do controle social, discutir e produzir possibilidades não previstas com outros agentes de fora dos movimentos que participava, se mostravam como riscos. Risco de sair do caminho correto de prescritividade-crítico em busca de uma sociedade “melhor” ao dar fomento para que caminhos outros, ao dialogar com outros sujeitos, ganhassem força.

Reconhecia que a “bala mágica” tomava outras roupagens. A partir do meu mestrado ou movimentos que participava, o importante era atingir o objetivo, fazendo uso de uma teoria generalizante que se dispunha a abarcar ou controlar toda “a

realidade”. Outras vozes, dissonâncias, questionamentos a estas teorias, eram riscos para o alcance dos objetivos.

Já não era necessário, e nem desejável, que fosse tomado pelas experiências dos outros que tanto me sensibilizavam. Deveria traçar planos, de preferência em pequenos grupos, e no máximo, poderia me misturar a fim de articular e convencer. Sempre alinhando e validando<sup>35</sup>, as pessoas passavam a ser consideradas praticamente como coisas, desprovidas de vontade e de autonomia, por mais que a nossa justificativas fossem paradoxalmente agir assim justamente para resguardá-las (CRUZ, 2016).

Assim, ao buscar dar voz, tive que calar a minha, caso contrário seria reconhecido como alguém que não fala tecnicamente sobre algo (o risco de viés, a não coerência com as teorias generalizantes-representativas defendidas) ou como alguém pouco confiável, alguém que não operava adequadamente como uma “caixa de ressonância”, que deveria replicar discursos, agindo de uma forma deliberada quase como um soldado, militar, com o intuito de controlar ou governar os territórios des outros (CRUZ, 2016).

De retorno, de toda a busca, recebi de volta grandes desconfortos, pois tanto nos espaços acadêmicos quanto de movimentos sociais que buscava, que investia todas as minhas energias em prol da mudança “do mundo”, minhas tensões não eram acolhidas e mesmo eram reconhecidas como riscos, inadequações aos estudos, algo a ser extirpado e retificado.

Reconhecia que eu operava de maneiras que pareciam boicotar meu processo de estudo e caminhar nos movimentos sociais, algo que quebrava minhas caminhadas, quase como uma “avaria”, como sugerido por Cruz (CRUZ, 2016). Incessantemente gerava desconfortos ao querer conhecer os espaços de trabalho que estudava, ao ler e buscar referências que geravam tensão, ao buscar escutar um gestor, trabalhadore ou mesmo usuárie que era vinculado a outro grupo, ao não funcionar adequadamente como uma “caixa de ressonância”, e sim gerando recortes,

---

<sup>35</sup> Alinhar e validar eram jargões importantes quando trabalhei na Secretaria de Estado em Saúde. Tudo passava por estes dois verbos, que indicam uma forma peculiar de operar dos aparelhos de estado, operando por dicotomia (alinhado sim ou não, validado sim ou não), amplificando seus estratos e formas de controle (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

ruídos, mesmo mudanças de programação nas rádios e sintonizações que me eram demandadas nos espaços que participava (CRUZ, 2016).

Passei a achar que nenhum coletivo me suportaria por muito tempo. As tensões iam tomando monta, eu não conseguia suportar por muito tempo no meu corpo as cadeias de “alinhamento e validação”, as formas de aparelho de estado que passavam por mim (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

Por fim, segui para a finalização do meu mestrado, a partir do qual fiz uma revisão sistemática com metanálise, alcançando um diamante<sup>36</sup> bem visível quanto a indicação da utilização de uma terapia específica do Componentes Especializado da Assistência Farmacêutica (CEAF) (ALMEIDA, 2012). De forma complementar, fiz um estudo avaliando os processos de dispensação em determinado ano, e os comparando ao Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT), categorizando se estes foram adequados ou não de acordo com o protocolo.

Em paralelo, tive a oportunidade de realizar várias leituras sobre Atenção Gerenciada ou Managed Care, e todo um processo de captura do processo de cuidado por ações administrativas, assim como a proposta de um estudo que questionava justamente a utilização dos medicamentos que eu recomendava a partir das evidências recolhidas no mestrado (MERHY; IRIART; WAITZKIN, 1998). A proposta de estudo trazia o quanto diversas crianças vinham perdendo enxertos por se recusarem, muitas vezes silenciosamente, a usar certos medicamentos que geravam desconfortos estéticos, como crescimento de pêlos.

Percebi que nos meus estudos não cabiam desejos e autonomia, mas sim trazia uma grande aposta em normatizações e objetivações.

Vi-me talvez com o desejo de desconstruir o que justamente tentava erigir.

Como, ao buscar aumentar o som das vozes, não as calar em última análise? Como apoiar a autonomia sem seguir um caminho que por fim termina por cerceá-las? Como, ao buscar justiça, não cometermos a iniquidade de valorizar e predizer os

---

<sup>36</sup> O diamante é o resultado que se encontra em uma metanálise, após a combinação de diversos estudos, e que indica o grau de eficácia de uma intervenção em saúde no caso da combinação de ensaios clínicos randomizados.

mundos válidos ou não, a partir de um suposto espaço de maior legitimidade? Como não nos tornarmos justamente o que visamos desconstruir, calando as vozes de si e dos outros em prol de “um mundo melhor”?

As diferenças não necessariamente são como riscos para o que foi riscado. Mas a impossibilidade de um projeto prévio pode ser a riqueza para qualquer construção de mundos que possam valer a pena.

### **3.1.3 Experiências no “mundo do trabalho”**

3.1.3.1 - A quebra das representações, e aberturas e atravessamentos no cuidado de si e dos outros

Das tensões vividas, ao participar da Linha de Micropolítica e apresentar duas vezes meus projetos para passagem, resolvi seguir a sugestão de uma das pessoas do coletivo<sup>37</sup> e me jogar no mundo do trabalho.

O fiz, trabalhando no interior de Minas Gerais (quase que por mágica, ao sair do pedido de passagem e buscar meu nome na internet, descobri que seria o próximo a ser nomeado em um concurso).

No interior, trabalhando em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), via maravilhado todos os pequenos detalhes do cotidiano. Tal maravilhamento era objeto de muito estranhamento pela equipe, que muito recorrentemente trazia discursos desgastados em relação ao cotidiano.

Empolgado com as minhas experiências, trouxe tudo de mim para meus processos de trabalho. Para o assombro de outros trabalhadores da equipe, que julgavam uma ação praticamente impossível, informatizei a farmácia fazendo uso da manutenção de computador e instalação de softwares livres a partir de um computador destinado ao lixo.

Em desespero, a gerente pediu que eu não fizesse o mesmo na unidade.

---

<sup>37</sup> A professora Laura Feuerwerker, que fico feliz por estar na banca de Doutorado.

Implementei um acompanhamento da dispensação de medicamentos, a fim de automatizar um processo de acompanhamento de farmácia clínica assim como o controle de estoque, que se dava a nível central, ocasionando perdas e faltas de medicamentos, e sem que o farmacêutico tivesse aberturas para atuar em processos de gestão ou clínicos de uma maneira mais cotidiana.

Com todo orgulho e felicidade quanto aos processos implementados, não entendi o tremendo desconforto com as mudanças por parte da atendente de farmácia, que reiteradamente “furava” a implementação dos processos de trabalho, que tinha que ser reiniciado, com planilhas que tinham que ser revistas e iniciadas do zero de tempos em tempos<sup>38</sup>.

Passei a participar dos grupos de educação em saúde de forma empolgadíssima, algo no mínimo estranho para outros trabalhadores da unidade. Com o tempo, ao invés de trazer conteúdos prontos, como de praxe da unidade, nos encontros que tinha maior responsabilização eu ouvia a comunidade e usuáries:

- Quais questões de saúde vocês julgam um problema para a comunidade?
- Quais questões de saúde você julga um problema para você? Quais dúvidas você tem a respeito?
- Vamos falar sobre isso?

Inicialmente, as usuáries acharam estranho, mas em pouco tempo passaram a participar mais, de maneira bastante aberta.

Para o meu assombro, passei a passar por dificuldades com a equipe, que muito recorrentemente, quando uma usuárie abria uma questão de saúde delicada e às vezes bem pessoal, várias vezes passava a ser admoestada no coletivo de forma rígida e dura.

Lembro-me da saia justa para negociar o uso dos anti-hipertensivos de uma usuárie que se recusava a tomar diuréticos na manhã de sábado, e na disputa com a médica da unidade consegui abrir um pouco mais a escuta:

- Não tomo e não vou tomar. Se o fizer não consigo assistir à missa!

---

<sup>38</sup> A atendente de farmácia não entendia muito bem o que fazia. Assim que cheguei na farmácia ela falou de maneira orgulhosa e um tanto quanto caridosa de que eu não precisava trabalhar. Ela faria tudo. Eu poderia ficar em meu canto, na farmácia, estudando para outros concursos.



Um retorno que tornou possível uma modificação de receita, e uma conciliação de ânimos.

Ou também da situação na qual um usuário assumiu que tomava uma ou meia garrafa de cachaça todos os dias. Em meio uma revolta completa da médica da equipe, que o admoestava fortemente no meio de todes para que parasse de completo a partir daquele momento com um discurso fortemente moral (um risco clínico eminente, já que a abstinência sem apoio para um uso tão intenso poderia lhe gerar prejuízos importantes), busquei apaziguar os ânimos e conversar no canto com o usuário... Sugerindo que pensasse em diminuir aos poucos, substituísse por outras bebidas com menos álcool, e que poderíamos conversar sempre que quisesse.

A cada dificuldade e desencontro, sentia que as coisas ficavam mais cinzas. Mais uma vez não me sentia escutado, trabalhadores chave da unidade não topavam realizar reuniões de equipe para conversarmos sobre os processos de trabalho, pois este espaço parecia a estas pessoas como mais um trabalho a cumprir. Não reconhecia vazão para o que sentia, e as coisas começaram a se mostrar mais despotencializadoras pelos meus olhos.

Por fim, tive a oportunidade de acompanhar uma usuária acamada, que apresentava problemas importantes com feridas, segundo a enfermeira da unidade<sup>39</sup> (ALMEIDA, 2015).

A enfermeira havia me procurado pois precisava de apoio para acessar os medicamentos necessários à ferida da usuária. Fiquei feliz com a oportunidade! Dos medicamentos para a ferida, tivemos abertura para conversar sobre seu caso clínico, e, a partir desse, reconhecemos que o acesso aos mesmos medicamentos mais agravaria a condição clínica da usuária do que o contrário (pois estes impactariam mais a sua função renal, já bastante debilitada).

Da clínica, tivemos a oportunidade e necessidade de conversar sobre o processo de cuidado da usuária, saber mais sobre sua vida, família, território.

Do processo de cuidado, pude falar em projetos terapêuticos singulares (PTS), e a partir deste e por conversar sobre a sua vida, pude conhecê-la. Reconheci um

---

<sup>39</sup> O processo de trabalho e cuidado da usuária foram focos do trabalho de conclusão de curso da minha parte na Especialização em Formação Integrada Multiprofissional em Educação Permanente em Saúde, intitulado "Educação Permanente em Saúde, o cuidado de si e os jogos de claro e escuro: atravessamentos entre as práticas de trabalho e o curso EPS em Movimento", realizado em 2015, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

processo complexo, de uma usuária acamada, sem movimentos do pescoço para baixo, com tensões familiares, pobreza, e dificuldades com serviços de saúde que se mostravam mais hostis do que acolhedores. Entretanto, cheia de vida, conversada, apaixonada por filmes (como eu)!

Nos afeiçoamos quase de imediato. Uma afeição que construiu possibilidades, mas também se mostrou desafiadora. A partir desta tive lapsos de bons encontros e diálogos, mesmo por mensagens trazidas por outros, por alguns meses. Em pouco tempo seu caso clínico se complicou, e a usuária veio a óbito.

Devo dizer que o cinza tomou conta depois desta experiência. E desta cor, tive o encontro e oportunidade do curso de Educação Permanente em Movimento, que se iniciou muito próximo do ocorrido.

Os escritos, demandados pelo curso no campo dos “diários cartográficos”, foram a minha vazão. Escrevia, escrevia e escrevia... A pesquisa RAC também se iniciou em paralelo, e os cadernos se avolumavam. Escritos em papel, no computador, enchendo nuvens.

Senti na pele que, por mais que julgasse que trazia boas ideias, estudasse ações, acumulasse conhecimentos, quisesse mudar tudo ao meu redor, as formas de operar e construir verdades, para mim e para os outros, ia para muito além do acúmulo de conhecimentos. Mesmo que preenchido aos borbotões, como julgava, por boas intenções, algo escapava.

O que estudava sobre educação permanente em saúde e cuidado em saúde e todos os seus arranjos possíveis ganhou corpo, carne, passou de uma visão teórica e representacional para o campo das minhas experiências.

Tive a oportunidade de reconhecer que a constituição dos processos de trabalho e de cuidado, a operação a partir das tecnologias leves e micropolítica, demandava um trabalho profundo que perpassava minhas próprias implicações, e que era transfigurado neste processo de produção.

Reconhecia que a própria constituição de conhecimentos e verdades perpassam os sujeitos ao preço de o colocarem mesmo em risco, já que ao ser exposto a todo processo de desterritorialização e aberto a toda reestruturação existencial possível de se dar, se abria ao imprevisível.

Poderia colocar a música de Mateus Aleluia, Amor Cinza, neste momento da tese, sugiro que se tiverem tempo a escutem, pois já a escuto, passando por mim nas escritas.

### **Reconstrução de si**

O novo, já se tornou velho.

As palavras já não apresentam tanto encanto.

O cinza ganhou força.

A música cessou.

É hora de sentir os pequenos prazeres novamente.

A sensação gostosa do tato,

o arrepiar do frio,

o brilho no olhar e no sorriso.

O lampejo do sonho de criança.

Misturar, chacoalhar, quebrar o quadro sem vida para que surja o cheiro de terra molhada.

Plantar novas ideias,

despedir-se do passado,

encher os pulmões com o frescor das possibilidades.

A casca solta e dói.

Mas a pele rosada oferece sensações tão novas quanto a infância.

Próprio autor.

### 3.1.3.2 - Os jogos de luz e sombra no processo de cuidado de si e dos outros

Nesta época eu não pintava. É engraçado se visualizar em uma época em que você não fazia uso de algo tão impregnado em si como respirar, ou beber água.

Mas, tempos depois, ao escrever sobre as minhas experiências, não pude deixar de visualizar os processos de pintura com o que havia vivido.

Como descrito em meu trabalho de conclusão de curso, visualizei umas das minhas obras favoritas.



Figura 4 - Vinda de Childe Roland à Torre Negra

Para pensar o processo pelo qual passava não conseguia não pensar nesta pintura, que sempre me impactou, e de alguma forma tornava possível que eu tivesse uma visão do nascer ou pôr do sol que me atordoava.

Por algum tempo, nos processos das minhas pinturas, não conseguia chegar onde gostaria, não alcançava esta sensação atordoante que passava por mim. Colocava luzes sobre luzes, e as sombras, que me incomodavam de alguma forma, surgiam a muito custo.

Anos depois, reconheço que talvez eu associasse esses desconfortos a formas de operar que talvez tenham raízes no racismo. Para um branco, homem, como eu, desconstruir o racismo (além do machismo) é uma tarefa diária. Uma ação intensa e tensa, que está arraigada em espaços que nem conseguimos ou às vezes suportamos reconhecer (MBEMBE, 2018).

De qualquer forma, reconheço como que as luzes, a obra de arte que sentia pedir passagem por mim, passava pelo imprevisto da minha parte. Produzir-se a luz mais fulgurante não é possível sem as sombras mais escuras, a serem acolhidas, reconhecidas, como parte imprescindível da obra.

A partir das minhas escritas, diálogos e processamentos nos processos de EPS, tive a oportunidade de observar a importância de nos abirmos ao imprevisto, e não seguirmos em um processo de ressentimento, negando e retirando as cores da vida por não conseguirmos a submeter ao que tínhamos como ideal, por mais alto e perfeito que os julgemos. Abrimo-nos ao imprevisto, tomando as possibilidades de criar e construir as possibilidades possíveis (DELEUZE, 1993).

Abrindo-se ao processo de cuidado ou processos de trabalho imprevistos, reconhecendo limites, inclusive das minhas perspectivas, e me preocupando menos em moldar o mundo segundo uma certa ideia ideal, mas mais senti-lo, recolher afetos e afecções, permitir-se as quebras das representações, foi algo que se mostrou de grande valia à minha caminhada, e não pude deixar de observar que todo o sofrimento e desgaste que passava pelos outros trabalhadores talvez também passassem pela mesma dinâmica que constituía comigo mesmo.

A partir da observação do que seria uma certa escuridão, tive a oportunidade de observar as suas brechas, sair tateando os pontos de sofrimento, sentindo seus nódulos, buscando clarões e pontos de prazer, acolhendo as sombras e suas falas e sabedorias. Passei a observar os jogos de luz e sombra em mim (ALMEIDA, 2015).

Pude trazer carne ao processo da aposta de reconhecer a belezas nos imprevistos, nas possibilidades outras, a fim de se constituir obras de arte nos modos de existência que me eram ofertados. As pinturas ganharam outras cores.



**Figura 5 – Nascer do Sol em Valparaíso - Chile**

### 3.2 Passos na pesquisa: Experiências na Rede de Avaliação Compartilhada

#### **3.2.1 Os processos de constituição da pesquisa**

A RAC em Minas Gerais terminou por focar seu campo de trabalho em Belo Horizonte.

O trabalho na pesquisa fez uso de três etapas, sendo a primeira a de apresentação e convite nas várias instâncias de gestão e colegiados, a segunda no sentido de apresentação e convite para gerentes e trabalhadores dos serviços, e a terceira se deu por meio de oficinas para a construção conjunta da pesquisa e eleição de usuários que seriam convidados a participar da pesquisa (SLOMP et al., 2019). Cada etapa foi construída por meio de várias reuniões, e a etapa de eleição dos usuários se deu de janeiro a junho de 2014.

Várias usuáries-guias-cidadãos foram selecionados. Os critérios para a seleção foram a identificação dos usuáries com situações de alta vulnerabilidade psicossocial, apresentavam “difícil manejo” e baixa “adesão” a certas propostas terapêuticas, considerados “casos “complexos” (BADUY et al., 2016).

As reuniões e oficinas se deram com gestores e em reuniões ampliadas, com dezenas de componentes, entre eles gerentes, trabalhadores, equipes de referências nos processos de cuidado. O caráter deliberativo das reuniões foi respeitado e, no distrito onde ocorreu a pesquisa, foram realizadas quatro reuniões até a seleção coletiva da usuária que seria convidada.

Des várias usuáries-guies-cidadãos eleites, participei de uma dupla de pesquisadores apoiadores que aprofundou o acompanhamento do processo de cuidado de uma usuária: MS.

O processo de cuidado foi discutido e problematizado por meio de dez encontros e oficinas realizadas com gerentes e trabalhadores. Foram envolvidos coletivos de gestão, Equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF), Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) e Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), assim como outros espaços e equipes, além de três encontros diretamente com a usuária, realizado de junho de 2014 a dezembro de 2015. A regularidade dos encontros era determinada a partir das próprias demandas no processo de pesquisa, com o intuito de aprofundar o envolvimento, participação coletiva e conhecimentos sobre o processo de cuidado.

Apesar da descrição quanto ao alto grau de complexidade e situação grave relacionada a MS, por esta apresentar importantes necessidades clínicas, de saúde mental e sociais, esta se mostrou interessante para trabalhadores e gestores por envolver diversos equipamentos e equipes no processo de cuidado, e apresentar uma aparente "estabilização" quanto a estes campos, justificativas pelas quais foi selecionada a fim de apresentar um caso de sucesso da rede.

### **3.2.2 Histórico de MS a partir da perspectiva dos serviços de saúde**

- “Haaaa... Deixa eu falar com a senhora. Eu não tive felicidade não, viu?... Eu vou falar com senhora a verdade que eu não tive felicidade. Dessa maneira que eu estou falando com a senhora que a minha família é desta maneira. Eu não sou a mais velha, mas eu teria que ser o... Como é que fala aquela pessoa que tem que ficar lá para fazer de tudo? (MS)
- O arrimo de família? O chefe, a líder? (Pesquisadora-apoiadora)
- Eu fui assim toda a vida... Todo problema eu tinha que resolver. Então eu não..” (MS). (Excertos de diálogo com a usuária)

MS era alguém com muitas histórias para contar e com diversos desejos a compartilhar sobre a vida. Uma mulher preta, idosa, pobre, viveu sozinha e trabalhou desde muito cedo, apesar de sempre ter sido referência a seus familiares quanto a saúde, recursos, cuidado, algo que levava na vida junto com seus sonhos de aprofundar seus estudos, algo que não fez até o momento de nossas conversas.

Em um momento da sua vida, já idosa, com 68 anos, se viu fragilizada, com certas necessidades, como em certas questões de saúde, e que abalavam sua autonomia.

A partir deste momento de fragilização e intensificação de contato com os serviços de saúde, começam a surgir outras perspectivas e narrativas sobre a sua história. Quando consideramos MS a partir da perspectiva dos serviços de ESF e NASF, ganham força as narrativas que a nomeavam como uma usuária hipertensa, com “distúrbio psiquiátrico”, dislipidêmica, com diarreia crônica, quadro de pré-diabetes mellitus, ex-tabagista, com obesidade grau 1, déficit de atenção, com dispnéia não relacionada a esforços (somatização), suporte familiar insuficiente, além de apresentar um nódulo de mama.

Outra narrativa recorrente dos profissionais de sua unidade de saúde, para além da descrição diagnóstica, eram os seus momentos de desorganização, com relatos de dificuldades para gestão de sua medicação, assim como gestão de afazeres domésticos e alimentação.

A usuária sofreu muitas intervenções em saúde, tendo frequentado diversos equipamentos e equipes envolvidas com seu processo de cuidado: unidade básica de saúde (UBS), centro de referência em saúde mental<sup>40</sup> (CERSAM), núcleo de apoio à saúde da família (NASF), entre outros serviços específicos do município, que oferecem um cuidado mais intensivo e multiprofissional.

Acompanhada pela equipe de ESF e NASF que participou da pesquisa desde dezembro de 2011, como visualizado em prontuários da unidade, quando apresentou os primeiros sinais de discurso desorganizado. Os registros de períodos progressos não estavam acessíveis devido à uma mudança de referência da usuária quanto à UBS. Essa perda de registro de parte de sua história, implicou em uma barreira de acesso importante na construção da trajetória da usuária nos serviços de saúde nesta

---

<sup>40</sup> No município onde foi efetuada a pesquisa os equipamentos concernentes aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são nomeados como Centros de Referência em Saúde Mental (CERSAM).



pesquisa, e, apesar de não descrito pelas equipes de saúde de referência, acreditamos para seu processo de cuidado.

Sua situação se agravou com a falta de medicamentos de uso crônico (antidepressivos tricíclicos, medicamentos de suporte a questões de saúde mental), o que pode ter tido como consequência uma desestabilização em abril de 2012.

Em maio de 2012 inicia acompanhamento em um CERSAM, com suspeita de esquizofrenia. Passa por períodos de hospitalidade noturna<sup>41</sup>, para realizar o cuidado mais intensivo, e arranjo com familiar mais próximo (sobrinho) e diversos ajustes de medicações ao decorrer dos meses devido a eventos adversos.

A usuária é descrita pela equipe de ESF e NASF de referências como alguém que diversas vezes apresenta uma certa resistência a intervenções, principalmente quanto à organização das medicações. Tais informações podem ser consonantes com períodos de desestabilização no decorrer dos anos, que se mostraram alternados com momentos de organização e, inclusive, com a construção de momentos de maior abertura às ações dos serviços de saúde.

MS vinha apresentando episódios de hipotensão, o que inicialmente vinha sendo relacionada com uma possível falta de organização do uso de medicamentos, o que não se mostrou verdadeiro, já que ela seguiu com estas questões mesmo com uso de medicamentos de forma supervisionada.

Em maio de 2013 sua casa é descrita pela equipe como um espaço “em precário estado de conservação devido a seu estado de saúde mental”. Tal referência se repete algumas vezes ao ano. Tal situação se agrava no final do ano, a tal ponto que a agente comunitária de saúde (ACS), principal referência no cuidado a usuária em seu território, identificou risco iminente de morte em dezembro de 2013, ocasião na qual fez uma visita domiciliar que se deu devido a um período no qual MS não foi à unidade de saúde para recebimento de medicamentos.

Vários foram os pedidos e relatórios para institucionalização da usuária em ILPI, registrados e narrados pela ESF e NASF. Pedido que não se efetivou ora porque as instituições não apresentavam disponibilidade, ora porque o processo de cuidado

---

<sup>41</sup> A hospitalidade noturna é estratégia clínico-assistencial utilizada pelos serviços de saúde mental de BH, referente um período no qual a usuária passava as noites no serviço, sendo avaliada dia a dia por equipe multiprofissional/psiquiatra frente às suas necessidades de saúde.

se voltava a outras alternativas e intensificação de estratégias para promover mais autonomia à usuária.

A ESF e NASF falam do investimento no acionamento de diversos programas a fim de intensificar o processo de cuidado da usuária. Porém, apesar de todas as necessidades evidentes da usuária a formas de cuidado mais intensivas, esta não se encaixava aos protocolos.

No Programa de Atendimento Especializado para Família e Indivíduo (PAEFI), da Secretaria de Assistência Social (SAS), que tinha o foco a indivíduos em privação de direitos, devido a usuária morar sozinha, interpretou-se que não havia violadores a serem responsabilizados, logo esta usuária não se enquadrava nos critérios de elegibilidade programa, por não se ter como caracterizar “violação de direitos”.

No “Programa Maior Cuidado”, também da SAS, através do qual seria possível haver certo suporte de cuidadores para a usuária, a usuária foi excluída por questões territoriais, pois a usuária não vivia em uma área de alta vulnerabilidade<sup>42</sup> ou coberta por um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Frente a tantas dificuldades e ao agravamento das condições de saúde da usuária, a equipe, mesmo frente a apostas internas heterogêneas, se voltou mais uma vez à aposta em uma ILPI. Para vários componentes da equipe a internação se mostra como inevitável, e de grande importância para a estabilização da usuária, tendo grande relevância na sua categorização como um caso de sucesso.

### **3.2.3 E quais as outras histórias de vida de MS?**

Apesar de sua história de vida no que tange a ser uma mulher preta e pobre, MS saiu de casa ainda jovem para viver e se sustentar sozinha, sendo considerada como uma das principais referências familiares para o cuidado de sua mãe e família.

“Aí fui morar sozinha e fui morando sozinha. Moro praqui, mora prali, moro acolá... Sabe?”

---

<sup>42</sup> No município de Belo Horizonte a organização dos serviços de saúde faz uso de um “Índice de Vulnerabilidade em Saúde” (IVS). Este categoriza as áreas em baixo, médio, elevado e muito elevado risco com base em indicadores relacionados a saneamento, habitação, escolaridade, renda, social (que leva em consideração raça) e outras questões relacionadas à urbanização (iluminação, gerenciamento de esgoto e lixo) (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE., 2013).

E ia sempre na casa da minha mãe. E ela era doente. A levava sempre no médico. Eu trabalhava fora, e estudava também. Estudava a noite”. (MS)  
(Excertos de diálogo com usuária)

Trabalhou desde cedo; acompanhou sua mãe frente aos recorrentes problemas de saúde; comprou e geria a sepultura do pai e família; foi uma importantíssima referência no processo de cuidado de sua irmã relativo ao uso abusivo de álcool e outras drogas, morando e cuidando dela intensamente por oito anos, como descrito por MS.

Sua profunda relação com a religiosidade, de onde ela buscava elementos importantes no manejo e cuidado de si, apresentou uma dissonância importante quanto ao seu discurso e o dos profissionais de saúde, que citaram estes elementos raramente, e não o consideraram no processo de cuidado. foram raras.

“Passei, por várias igrejas. Passava por uma... Não dava certo. Passava por outra, não dava certo.

Uma vez uma das igrejas pegou um tanto de coisas minhas. E disse que tinha que queimar, tinha que destruir. Aí pegou roupa, relógio de parede, um tanto de coisa. Nossa... Eu já passei por tanta coisa D. Eu já passei por tanta coisa, que só Deus mesmo para me ajudar a aguentar. Não sei como que eu aguentei não. (MS)

....

Fui passando pelas igrejas... Batizei nas igrejas... Fui batizando em uma, batizei em outra. Não sei em quantas que eu batizei.

Daí eu batizei nesta que eu estou hoje. Nesta última”. (MS) (Excertos de diálogo com usuária)

MS descreveu diversas vezes o quanto a religiosidade se mostrava como um espaço estruturante para a sua vida e sua importância no manejo de suas “perturbações” vinculadas ao seu sofrimento. Essa importância se expressou na dificuldade de socialização na instituição onde morava, por ser de uma religião diferente da sua, com práticas a partir da qual muito do espaço girava.

A usuária chegou até a considerar a possibilidade de, ao não poder morar sozinha, que ao menos pudesse estar em uma instituição da sua religião, a qual pensava em articular por conta própria com seu pastor, com quem construía saídas da sua instituição para ver seus importantes cultos.

Devo ressaltar que não faço qualquer defesa do uso de religiões como tratamento para situações de sofrimento mental, muito pelo contrário. São muitos os problemas vinculados a isto historicamente e mesmo na atualidade, tendo como exemplo as comunidades terapêuticas que se dispõem a ofertar cuidado a pessoas com o uso abusivo de álcool e outras drogas e são repletas de casos e exemplos de ações que ferem os direitos humanos (DO CIDADÃO, 2018; BARRETTO; MERHY, 2021). Faço menção nesta pesquisa o quanto a sua forma da usuária considerar sua espiritualidade tem importância em sua existência e, portanto, em seu processo de cuidado.

MS apresentava suas opiniões e desejos de ter mais autonomia, sair da ILPI, assim como exercer sua espiritualidade como lhe convinha. Apresentava em detalhes o fino cuidado com seus pertences, recursos financeiros, alimentação, assim como buscava solucionar por si outras questões de saúde, como a busca de uma nova dentadura.

Entretanto, suas evidentes melhoras em questões clínicas e quanto à sua organização, ao invés de se mostrar uma possibilidade para costurar outros planos de cuidado com maior autonomia ou de questionar como se deu o processo de cuidado, endossou para componentes da equipe a incapacidade de MS viver de outras formas fora a instituição asilar.

Seu processo de organização, paradoxalmente, se mostrou como justificativa para a validade de sua vida asilar, contra a sua vontade, e mesmo em uma instituição diametralmente diferente quanto aos seus costumes cotidianos e religiosos.

### 3.3 Problematizações e deslocamentos

#### 3.3.1 Reflexões sobre o processo de cuidado em Saúde por meio de MS. Cuidado em Saúde, sucesso e(ou) controle

“Aí quando as meninas vão ainda em algum lugar, assim, buscar um remédio, na UBS, aí eu peço a irmã para ela deixar a gente ir. Se ela deixar a gente ir, a gente vai, se ela não deixar a gente ir, a gente não vai.

Ontem eu até perguntei... Escuta aqui irmã, por que que tem umas aí que podem sair sozinhas?” (MS) (Excertos de diálogo com usuária)

A discussão sobre o que poderíamos considerar como um caso de “sucesso<sup>43</sup>” intrigou os pesquisadores-apoiadores da pesquisa. Por mais que a usuária se encontrasse mais organizada e com indicadores clínicos mais controlados, o fato do processo de cuidado ter implicado na institucionalização da usuária foi algo que inquietou a equipe de pesquisa.

Há diversos autores no campo da saúde coletiva, dos quais faço o recorte interessado de alguns, que problematizam o que os trabalhadores em saúde usualmente chamam como um sucesso terapêutico e mesmo o que seria saúde (AYRES, 2004; MERHY, 2013b, 2014; FEUERWERKER, 2016; MERHY et al., 2016b).

Ayres indica como existe um “progressivo afastamento das artes tecnocientíficas da medicina em relação aos projetos existenciais que lhe cobram participação e lhe conferem legitimidade” (AYRES, 2004). O autor remete aos leitores à importância de que, “quando cuidamos, saber qual é o projeto de felicidade, isto é, que concepção de vida bem-sucedida orienta os projetos existenciais dos sujeitos a

---

<sup>43</sup> É importante salientar que o município onde foi realizada a pesquisa tem um grande histórico de luta por arranjos de cuidado contra asilamentos, algo que é visível por seu histórico como formulador e implementador de políticas antimanicomiais. No que tange a internações em Hospitais Psiquiátricos, o município não as considera como alternativas em sua rede, e sim os serviços substitutivos, mesmo tendo vários hospitais em seu território. Eu, autor do trabalho, fui trabalhador e militante pela luta antimanicomial por anos no município, processo que não se dá sem disputas cotidianas, atravessando projetos terapêuticos e disputas dentro de conselhos deliberativos, câmara de vereadores e rua. Assim, julgo importante fazer esta demarcação, mesmo frente ao tensionamento que se deu neste processo de cuidado especificamente.

quem prestamos assistência” (AYRES, 2004). O projeto de felicidade é algo que, segundo o autor, raramente é conhecido e menos ainda apoiado pelos profissionais que ofertam cuidado (AYRES, 2004).

Merhy nos convida a observar a forma hegemônica de operar entre os profissionais de saúde, que tem uma “vista do ponto de vista” a partir do qual os usuários são praticamente maquinários, e que o papel dos trabalhadores deveria ser o de consertá-los, em uma visão demasiadamente mecanicista (MERHY, 2013b).

Este autor nos remete à situação em que, mesmo ao considerar categorias profissionais diferentes, estas operam a partir de uma mesma forma de ver o mundo e de trabalhar no campo das existências: médico(a), enfermeiro(a), farmacêutico(a) e as diversas categorias profissionais podem divergir em “pontos de vista” sobre aqueles sujeitos (o mais importante pode ser a construção de um diagnóstico, ou a forma de se proceder os cuidados cotidianos, ou até a farmacoterapia), entretanto, todos tem apenas uma “vista do ponto”, a do corpo codificado como uma máquina mecânica pré-concebida a ser retificada (MERHY, 2013b). Segundo o autor, esta forma de operar o cuidado passa por uma clínica do “corpo de órgãos”, que se fundamenta na doença como um processo instalado no corpo biológico de órgãos, o disfuncionalizando do normal (MERHY, 2009).

Indo mais além, Merhy nos convida a ampliarmos a percepção a outros campos que atualmente tem sido objeto de intervenção da saúde, numa clínica de “corpo sem órgãos”, na qual o olhar patologizante se amplia, e tem como escopo modos de viver a vida, individuais e coletivos (MERHY, 2009).

Neste processo, a clínica do corpo de órgãos é subsumida e integrada na clínica do corpo sem órgãos, na qual não só os indicadores clínicos, mas as formas de viver são consideradas como riscos, que sofrem formas de controle mais sofisticadas, a partir das quais ações multiprofissionais, de modo integrado com protocolos, se voltam sobre a produção de existências e processos desejantes sob o olhar do risco de adoecer e morrer, modulando as formas de viver, tensionando diferenças em um processo de serialização, normalização, a constituição de uma vida protocolar (MERHY, 2009).

“Mas você gostaria de morar em outro lugar MS? (Pesquisadora-apoiadora)

Só se fosse em um barracão que fosse meu mesmo... Para que eu morasse sozinha” (MS). (Excertos de diálogo com usuária)

Assim, é importante considerarmos quanto aos modos quanto a como o(a) usuário(a) leva a vida, seus desejos e projetos, podem ser colocados em segundo plano ou mesmo considerados como riscos a serem modulados no processo de cuidado, tendo uma perspectiva de sucesso se efetivando em formas de controle.

Devemos salientar que os trabalhadores envolvidos com o caso de MS, alguns mais do que outros, se mostravam a todo momento implicados com o processo de cuidado da usuária. Por mais que pudéssemos problematizar quanto ao processo de cuidado em si, há de se ressaltar a quantidade de ações, articulações, serviços, protocolos e equipamentos envolvidos no processo, ações intersetoriais, no que tange à assistência social...

“Assim este caso retornou para os cuidados básicos para angústia da assistente social. Não havia a quem recorrer, em vários momentos a equipe discutiu a possibilidade de direcionar o caso para o Ministério Público.

Ressaltou que a Assistência Social só entrou no caso quando a usuária apresentou o risco iminente de morte” (descrição pesquisador-apoiador primeira reunião UBS).

A equipe de referência, sob a tensão do processo de cuidado, considerou um “sucesso” de alguma forma o resultado de suas ações, porém, sem um desconforto, ou mesmo tristeza, que passava por vários de seus componentes. Um “meio sucesso”, com gosto amargo, que gostaria de ter construído outras possibilidades.

“A assistente social levantou também a não acessibilidade de MS a programas específicos da prefeitura por ser moradora de uma área de médio e baixo risco. Vários levantaram então que se sentiam tristes, pois caso tivessem tido acesso a programas como de auxílio por cuidadores talvez MS não tivesse apresentado a necessidade de ser institucionalizada” (descrição pesquisador-apoiador primeira reunião UBS).

Os encontros com os trabalhadores e gerentes foram coletivos, e nestes foi visível a heterogeneidade das perspectivas dos componentes da equipe. Em termos de relação de poder, a categoria médica se mostrava com muito mais peso e legitimidade.

Neste jogo de diálogo, os pesquisadores-apoiadores, escolheram provocar uma discussão a respeito do que chamamos como “sucesso” em um processo de cuidado, problematizando a situação de MS.

Reconhecemos de pronto um grande desconforto, principalmente do médico de referência envolvido. Com um discurso com legitimidade na equipe, disse que “a usuária já não faz parte da nossa área de abrangência, portanto não temos mais o que fazer por ela”, e assim como já lhes ofertamos o que poderíamos como informação para a pesquisa, gerando um componente de refratariedade a problematizações e a precipitação da saída dos trabalhadores da ESF de referência da pesquisa.

### **3.3.2 Processos de cuidado em saúde e o apoio na constituição de modos de existência**

“Quando eu fazia assembléia o povo ficava fulo comigo...

- “Você deveria trazer duas opções. Não deixar que eles falem demais” (trabalhadora).
- “Mas pessoal, nem é que eu concorde ou não... Mas eles pediram para eu trazer isso para reunião de equipe. Os usuários não podem entrar neste espaço” (eu). (trecho hupomnêmata cartográfica - 29/11/20)





Figura 6: Pintura de visão do mar da casa de Pablo Neruda, próprio autor<sup>44</sup>.

Abrir-se à vida, com toda a sua imprevisibilidade e diferença é um risco a ser domado e minimizado? Ou pode ser considerado justamente como uma riqueza inata do processo dos encontros?

Há muito viemos acumulando diversas propostas de como nos abriremos a vida. Abrir-mo-nos ao outro, ou a nós mesmos. Os processos estão intrinsecamente ligados. É difícil que consigamos nos abrir ao outro sem um exercício da nossa própria parte.

Mendonça nos oferece reflexões a respeito quando faz menção a essas experiências ao trabalhar mais intensivamente o conceito-ferramenta de força fraca (MENDONÇA et al., 2015). Este nos oferta a proposta da produção do cuidado sem soberania. Um profundo exercício no qual o outro já não é reconhecido como um estranho ou alguém que nos oferece perigo, mas sim como a face de Deus (MENDONÇA et al., 2015).

O autor constitui um exercício de pensarmos o que faríamos se não fizessemos uso de nosso poder. Se, ao nos encontrarmos com o usuário, agíssemos como se não tivéssemos poder sobre o outro, e simplesmente nos abriremos, suportando uma força profundamente fraca (MENDONÇA et al., 2015).

---

<sup>44</sup> Incluí a pintura devido a uma lembrança de um diálogo de tempos atrás com Paulo Mendonça. Ele disse que a âncora, que apresenta todo o seu peso e firmeza, colocada ao chão, como em inatividade plácida, uma obra de arte, de algum modo dialogava com a forma de operar das forças fracas (MENDONÇA et al., 2015).

Ao nos abirmos completamente ao outro, poderíamos ter a oportunidade de ter uma experiência “inatural”, um ato que fosse realmente livre, no qual não nos submeteríamos aos compromissos que temos com o nosso passado, indo além de perspectivas prévias sobre o que seria a verdade, como se daria o entendimento sobre determinadas situações, nos abrindo de fato ao outro sem amarras, em um “ato livre” (MENDONÇA et al., 2015).

Merhy também nos oferta diversos conceitos-ferramentas. Tomo aqui mais detidamente ofertas específicas do campo da micropolítica do cuidado em saúde, que o autor destrincha por meio das tecnologias em saúde (MERHY, 1998, 2014).

O autor nos oferta o campo das tecnologias duras, leve-duras e leves. Nos exemplifica como o campo das tecnologias duras é fortemente estruturado, pouco aberto a processos mais relacionais e inventivos. O campo das tecnologias duras torna possível que os profissionais de saúde manuseiem aparelhos ou equipamentos diagnósticos por exemplo, e tendem a consumir mais trabalho morto (das máquinas e aparelhos) e vivo de seus operadores (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

Tais dinâmicas se ampliam no campo das tecnologias leve-duras, a partir do qual trabalhamos com campos que ainda apresentam certos graus de estruturação mas são mais flexíveis, como os campos do conhecimento, que estão abertos a certos processos de reestruturação apesar de conter certos campos de saberes mais estruturados (MERHY, 1998).

No campo das tecnologias leve-duras que se encontram saberes estruturados como a epidemiologia, e a clínica (constituídos de trabalho morto, pois já produzidas anteriormente). Entretanto, no momento de agir, a partir do trabalho vivo em ato, e o encontro com e usuárie (singular, imprevisto), existe uma tensão, imposta pelo olhar armado dos trabalhadores e a leveza exigida pelas usuáries. A partir desta tensão pode predominar uma certa dureza (maior estruturação) ou leveza (maleabilidade, permeabilidade) (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

Por último, o autor caminha no campo das tecnologias leves. Este campo torna possível que a construção do trabalhadore e usuárie se dê mediante uma escuta mais aberta, haja constituição de interesses, construção de confiança, vínculo. Constituição que se dá a partir de processos micropolíticos de encontros que “operam como acontecimentos imprevisíveis *a priori*” (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

No campo das tecnologias leves as tecnologias de cuidado podem se mostrar suficientemente abertas para aconteceres micropolíticos que estão para além do campo das práticas de saúde, tornando possível maior abertura tanto a aspectos como contexto, aspectos culturais, singularidades, aspectos quanto a modos de existência (MERHY; FEUERWERKER, 2016). Este campo é de suma importância em si e para com o processo de ação a partir dos outros campos tecnológicos, como das tecnologias leve-duras e duras, já que torna possível um enriquecimento e ampliação do raciocínio clínico e de ação de campos mais estruturados, constituídos previamente (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

O campo das tecnologias leves é um espaço de grande inventividade, no qual o processo relacional ganha centralidade. Neste espaço também encontramos maior abertura da escuta de uma usuária ou uma outra, que fala de seus desejos, aspirações.

Neste ponto, a determinada intervenção em saúde (o medicamento, a cirurgia), fortemente estruturada, passa não só por questionamentos do campo do conhecimento, frente a aplicabilidade naquele contexto, mas se defrontam a “mundos outros”, e neste ato temos a oportunidade de uma construção conjunta (MERHY, 2013b, 2014; MERHY et al., 2016b).

Por meio das tecnologias leves encontramos as principais brechas a partir das quais a saúde pode ser visualizada como muito mais que doenças, diagnósticos, exames e remédios. Há maiores possibilidades de reconhecer os processos de saúde como modos de estarmos no mundo e construção de conexões capazes de construir potência (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

Considero inclusive, a partir das ofertas dos autores, que o campo das tecnologias leves abre brechas não só nos territórios da saúde, mas também no que tange a ofertas de outros campos de saberes<sup>45</sup> que se dispõe a contribuir e enriquecer os campos da saúde, como das ciências sociais, humanas e mesmo exatas, no sentido de abrir possibilidades de reinvenção de conhecimentos e não se circunscrever a campos já estruturados de trabalho morto. Ponto de ponderação que inclusive está muito envolvido com a problematização quanto às propostas de clínica

---

<sup>45</sup> É um tanto quanto difícil discernir até que ponto certos saberes estão dentro do campo da saúde ou não, já que, até a partir de certas contribuições da Saúde Coletiva, os territórios de saberes se mostram plurais e diversificados. De qualquer forma, julgo pertinente fazer uma certa diferenciação, mesmo que esta se mostre superficial.

ampliada e humanização, pois, para além de qualquer ampliação do escopo de tecnologias leve-duras utilizadas, há uma abertura ao imprevisto, a inventividade, às singularidades com as quais podemos nos defrontar (CECCIM; MERHY, 2009; MERHY; FEUERWERKER, 2016).

Merhy dá uma importante atenção sobre como operam as ações no âmbito das tecnologias leves em saúde, e do trabalho vivo em saúde.

Ao nos apresentar as dinâmicas do trabalho vivo em saúde o autor nos apresenta como este opera em um campo de captura e o que eu chamaria também de disruptura, devido ao grande potencial de quebra das construções prévias, constituindo novas formas de operar e em ato. O trabalho vivo nunca é absorvido totalmente no trabalho morto, sempre o vazando, assim como este também opera capturando as ofertas que se apresentam no mundo, constituindo novas materializações (MERHY, 2014).

O que observamos hoje como uma forma de se constituir institucional, foi produzido por meio de ações do trabalho vivo, em seu processo de captura do que se deu em ato de forma pregressa.

Neste sentido, encontramos um ponto interessante para o diálogo: o processo de trabalho em saúde, fortemente calcado nas tecnologias leves, de um âmbito mais relacional, sempre está afeito ao processo de trabalho vivo, em ato, que abre brechas nos campos de trabalho morto, e captura o que lhe é ofertado, produzindo novas materializações.

Encontramos aqui um desafio, pois, quanto mais nos abrimos aos outros, mais nos defrontamos com algo que nos interroga, e até mesmo ameaça nossas formas de constituir as nossas perspectivas de mundos (VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008).

Este encontro, passa por processos que se dão de forma negociada, que pode se dar de maneiras mais ou menos tensas e intensas (FEUERWERKER, 2016).

Estes processos de negociação e tensão perpassam as relações entre trabalhadores, tendo certos núcleos profissionais se sobrepondo sobre outros, o que

usualmente se dá a partir do saber médico sobre de outros profissionais de saúde<sup>46</sup>, e também se dão na própria relação entre profissionais de saúde e usuáries e familiares (FEUERWERKER, 2016).

Estes processos de negociação e tensionamento podem se dar de maneiras diversas. O que normalmente nomeamos como a situação clínica des usuáries tem grande impacto nesta dinâmica, já que ume usuárie com uma situação clínica grave e aguda usualmente abdica de graus de negociação em defesa da sua vida, o que é diferente se considerarmos o que nomearíamos como condições crônicas e que demandam um acompanhamento mais longitudinal (FEUERWERKER, 2016).

Assim como quando fazemos menção a equipamentos e serviços diferenciados, que podem constituir arranjos de poder muito mais concentrados em profissionais de saúde, como em hospitais, ou mais compartilhados, como em serviços voltados à atenção básica em saúde, a partir dos quais poderíamos reconhecer um espectro diferenciado de situações e demandas clínicas, que inicialmente poderíamos reconhecer como menos críticas, agudas ou graves em termos de emergência à vida (mesmo que tal gradação possa ser problematizada em diversos aspectos) (FEUERWERKER, 2016).

Mesmo as formas de organização dos serviços podem impactar em como se dão estes processos de negociação, abrindo ou não o processo de cuidado e espaços mais colaborativos e ricos, tornando possível maior proximidade a tecnologias leves. Um exemplo a se considerar são os serviços substitutivos, que entre diversas ações buscam constituir espaços mais abertos de discussão, maior porosidade aos desejos des usuáries na construção dos projetos terapêuticos singulares, entre diversos tipos de agires diferenciados a outros serviços psiquiátricos mais clássicos, como os hospitais psiquiátricos (FEUERWERKER, 2016).

Assim, com formas mais ou menos abertas, mais ou menos afeitas a produzir espaços de discussão e educação permanente, processamento de experiências no processo de cuidado, reconhecemos que muito se dá para além de medicamentos,

---

<sup>46</sup> Podemos considerar hoje, a partir do fenômeno da atenção gerenciada, que há uma certa tensão e disputa entre saberes que muitas vezes se colocam acima ou reestruturam o saber médico, vinculado a decisões administrativas e também com uma certa vinculação à prática de saúde baseada em evidências e economia da saúde.

equipamentos e diagnósticos nos processos de cuidado. Nossas formas de existência, que consideram perspectivas, valores, experiências, formas como compomos nossos corpos, com todo um atravessamento das tecnologias de saúde, são convidadas ao encontro, que também tem as formas de existência de outros trabalhadores, usuáries e familiares em jogo (FEUERWERKER, 2016).

Nestes encontros, principalmente no que tange a trabalhadores e usuáries e familiares, as expectativas podem se dar de maneiras diferenciadas. Os problemas e necessidades podem não coincidir, e es profissionais de saúde passam pelo desafio de se deslocarem em relação a diversos filtros que fazem uso, considerando riscos, vulnerabilidades, prioridades, de forma a se abrirem às possibilidades de construção de processos de cuidado que façam uso intensivo de tecnologias leves e que bebam na riqueza do trabalho vido em ato *à partir das perspectivas e desejos des usuáries* (FEUERWERKER, 2016).

Nestes processos que muitas vezes se dão de forma intensa e tensa, nós nos colocamos no desafio de constituir novas visibilidades, constituir formas de compor com es usuáries de forma que ampliemos possibilidades, extravasando, mesmo que por alguns momentos, os pontos de vista dos profissionais de saúde, abarcando as possibilidades de outras vistas dos pontos, que nem exerçam o controle pelo campo de saberes hegemônicos que visualizam os corpos como maquinários a serem retificados, nem que visualizem todo o processo maquínico e existencial des usuáries como campos de riscos a serem controlados, deslocando os escopos das clínicas dos corpos de órgãos e sem órgãos (MERHY, 2009, 2013b).

Nos defrontando assim aos desconfortos das diferenças, nos abrindo às possibilidades de abertura para possíveis mundos outros (PELBART, 2016)... Sendo que se portar como se a diferença seja uma riqueza, a ser celebrada, e não uma ameaça, é algo de profunda importância na produção no processo (MERHY, 2013b). Entretanto, convivemos com o desafio de celebrar em alguns momentos a desestruturação dos próprios mundos com os quais estamos acostumados a pousar os nossos pés.

Até que ponto conseguimos suportar a desestruturação de certezas, de saberes e modos de existência arraigados em nós em processos de cuidado? Até que

ponto somos capazes de celebrar mesmo pequenas mortes em nós, nos decompondo em certos corpos, para que possamos compor outros e sejamos tomados por mais vida (DELEUZE, 2002)? Até que ponto conseguimos seguir nesta celebração, a suportamos e fomentando, quando este convite é compartilhado a nossos parceiros de trabalho?

O grau de radicalidade das aberturas que muitas vezes nos são exigidas convocam a todes nós a criar outros modos ou modos outros de estarmos/vivermos em nossos cotidianos, reconhecendo que nossas formas de existência podem ser radicalmente diferenciadas de outras, que são capazes de constituir mesmo outras materialidades ou mundos... Mundos outros imprevistos (PELBART, 2016).

### 3.3.3 Mundos outros, perspectivismo e multinaturalismo



Figura 7 - Multiplicador de universos

Ao mergulharmos profundamente nos processos de cuidado, intensificando os processos relacionais e nos abrindo aos encontros, somos convidados a todo momento a reconhecermos e compormos com mundos outros imprevistos (PELBART, 2016). Assim, frente a esta tensão inerente das aberturas aes outres, convido aqui

alguns autores para um diálogo sobre o que chamamos como perspectivismo e multinaturalismo, conceitos-ferramenta muito úteis para a discussão.

Parto da perspectiva que cada um de nós é uma multiplicidade de mundos. Tal afirmação dialoga com as ofertas realizadas por autores como Viveiros de Castro, Merhy e Stengers e Latour (VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008; MERHY, 2013b; LATOUR, 2018; STENGERS, 2018; VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Dialogando inicialmente com Viveiros de Castro, a forma de operar dos indígenas com os quais trabalhou não parte de uma aposta que, para conhecermos a realidade, teríamos que extrair o que esta nos oferta de objetivo, como para os povos brancos de uma forma geral. O autor indica como isto gera um empobrecimento e esvaziamento radical das nossas formas de operar na vida (VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008).

Este faz uma analogia com as operações matemáticas do máximo divisor comum (MDC) e do mínimo múltiplo comum (MMC).

Ao falar da forma mais clássica de operar dos brancos, que visam a objetivar tudo, considerando como realidade aquilo que seria “universal” aos diversos componentes e sujeitos, extraímos como que um MDC dos últimos (VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008).

Explicando melhor, o MDC busca um número máximo divisor comum a outros dois. Por exemplo, os números quatro e seis tem o número dois como máximo divisor comum. Este numeral é capaz de dividir estes dois números maiores em menores, e, portanto, oferta algo restrito e em comum entre estes dois numerais maiores. Visualizando os seres, humanos e não humanos<sup>47</sup>, como se fossem estes dois números maiores, nos reduzimos ao que existe de restrito entre eles, e colocamos de lado, consideramos menos ou importante ou desconsideramos todas as combinações de todo o restante que estes sujeitos ou vidas não humanas poderiam nos ofertar.

---

<sup>47</sup> Segundo Viveiros de Castro a não-humanidade é conferida a tudo que não é reconhecido como “nós”: o que não é ocidentalizado, capitalístico, demarcado pelo individualismo, cristianismo... O que constitui um certo grau de alteridade a ponto de ser considerado como “outro”. Neste campo, como não humanos, podemos encontrar toda uma gama de animais, plantas, ou mesmo outros povos. Em suma, toda variação de viventes fora do círculo narcísico de “nós”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).



Viveiros de Castro segue em sua exposição afirmando como que para os indígenas que acompanhou a forma de operar é diversa. No caso deles, a construção de mundos passa muito mais pela perspectiva de um MMC (VIVEIROS DE CASTRO; SZTUTMAN, 2008).

Explicando aos leitores, de forma inclusive que possa me fazer mais claro a mim mesmo, o mínimo múltiplo comum visa a construir um número mínimo que parte da multiplicação de outros números menores. No caso dos números 4 e 6, o mínimo múltiplo comum seria 24. Neste aspecto, não buscamos mais o que é restrito entre estes dois números, mas o que estes podem gerar de novo em um processo de combinação que se amplia, se enriquece, não se restringe a uma parte dos dois.

Neste sentido, não seguimos para um outro buscando o que é elementar a ele e a nós e a um pretense mundo objetivo, mais restrito, com menos elementos... Mas nos encontramos com um outro no interesse de justamente nos relacionarmos com o que há de diferente, de forma que possamos produzir processos mais vastos, ricos, que nos ampliemos neste processo. Em suma, que mais mundos surjam e se multipliquem, em uma aposta radical na multiplicidade.

Portanto, aos indígenas amazonistas, e talvez todos os indígenas americanos segundo Viveiros de Castro, se relacionar e conhecer e outre não é objetivá-lo, com o intuito de se constituir algo pretensamente universal e predizível, como se tudo e todos partissem em suma de uma única natureza. Mas ao contrário... É reconhecer que todos os seres humanos e não humanos têm em comum a capacidade de se colocar no mundo, de ocuparem papéis de sujeitos, e que constituem mundos diferenciados entre si (inclusive agrupamentos humanos diferentes, como os brancos).

Observamos aí um deslocamento da visão clássica de um mundo que é reconhecido por diversas culturas, ou de um multiculturalismo. Como se o mundo fosse um só, uno, total, e a partir disto, construíssemos diversas interpretações ou representações a respeito.

A partir de vários mitos indígenas, podemos ter uma certa ideia de outras perspectivas e formas de operar sobre os mundos possíveis. Vários deles trazem a concepção que na invenção dos mundos, antes de tudo, se deram es sujeitos, e a partir dos sujeitos que se deu a constituição das realidades (SZTUTMAN, 2019). A

partir destas perspectivas, não existia uma pretensa “realidade pregressa e transcendente” a partir da qual construiríamos diversas interpretações.

Es sujeitos surgem antes justamente pela potência de constituição de mundos, que não estão dados, mas são forjados por todes nos processos de constituição de suas existências.

Neste sentido, seguimos para um processo não de multiculturalismo, mas de “Multinaturalismo”. Reconhecemos um processo de constituição de existências não de uma realidade una e total, externa a nós, e nem mesmo, segundo Viveiros de Castro, reconhecemos diversas realidades, categorias de pensamento, específicas a cada categorização de sujeitos, mas sim todo um processo de variação. Parafraseando Deleuze, o autor sugere que “o multinaturalismo não afirma uma variedade de naturezas, mas a naturalidade da variação, a variação *como* natureza” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Constitui-se aí uma proliferação de ontologias, nas quais aparentes representações se multiplicam em diversos objetos, referências múltiplas.

Nesta proposta perspectivista, conceito imbricado com o multinaturalismo, a ideia é ir muito a além de encontrar sinônimos de mundos diferentes, e sim se abrir as diferenças ocultas em aparentes *homônimos* que conectam-separam o que reconhecemos como as nossas línguas.

Tal tipo de reconhecimento e dinâmicas, provocado pelo perspectivismo ameríndio e pela antropologia dos povos originários tem gerado toda uma espécie de variação de regimes de pensamento. Desenvolverei um pouco sobre diálogos relacionados a antropologia e filosofia da ciência, para retornar à nossa produção quanto aos processos de cuidado em saúde.

### 3.3.4 Encontros cosmopolíticos e os idiotas

Stengers e Latour, de outros territórios, também nos convidam a constituir outras perspectivas sobre a tal pretensa realidade (LATOURE, 2012, 2018; STENGERS, 2018).

Latour nos convida a operar de outras formas perante os outros, não partindo de teorias rígidas prévias, mas abrindo possibilidades para que este outro fale a partir de si (LATOURE, 2006).

O autor também segue ao coração do discurso científico, e, reconhecendo suas potencialidades, ressalta que este é um entre diversos outros produtores de mundos, e que não existem realidades a serem desveladas de um pretense universal, mas um contínuo forjar de fatos e rearranjo de teorias, nos quais elementos heterogêneos constroem suas próprias histórias (LATOURE, 2018).

Stengers, a partir do campo da antropologia da ciência, como uma das suas contribuições, forja a proposição cosmopolítica (STENGERS, 2018).

A proposição cosmopolítica de Stengers se diferencia da proposta cosmopolitista Kantiana, “que vislumbrava uma “paz perpétua” entre as nações decorrente da tomada de consciência de uma Razão e de uma História Universais” (STENGERS, 2018; SZTUTMAN, 2019).

Pelo contrário, a autora o faz no sentido de consideração que o cosmos faz referência ao “desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretende final, ecumênica” (STENGERS, 2018). Vai além numa aposta de que estes divergentes são muito mais do que possíveis expressões particulares de algo que seria transcendente, um ponto de convergência entre tudo (STENGERS, 2018).

A autora se coloca de forma determinada a questionar uma recorrente tradição ocidental da qual julga pertencer: a ideia de transformar práticas das quais nos julgamos particularmente orgulhosos em uma chave universal neutra, uma chave maior, válida para todos (STENGERS, 2018).

Para tal, defende e propõe uma forma de operar “idiota” por parte dos sujeitos. O faz no sentido emprestado do personagem conceitual “idiota” de Deleuze e Guattari, que por sua vez tomaram-o a partir das produções de Dostoïevski (DELEUZE; GUATTARI, 1991; STENGERS, 2018). “Idiota” que Stengers nos lembra que se faz na etimologia da palavra dos que não falavam grego na Grécia Antiga, e, portanto, eram considerados fora do “mundo civilizado”.

Dostoïevski, em seu romance, traz o personagem como algo um tanto quanto dissonante, e que se entrelaça em suas próprias características como autor. Míchkin, o idiota, é um sujeito que retorna à Rússia após anos em um sanatório europeu.

Tem problemas importantes provenientes de crises epilépticas, sensação de inadequação social, graves problemas financeiros, temas de grande importância também para Dostoïevski... Sua existência chama a todo momento um processo de sentido profundo que se mostra recorrente, que questiona as formas de operar cotidianas, etiquetas e costumes, em silêncio e com naturalidade (DOSTOÏEVSKI, 2011; “*O Idiota*”, 2022).

O personagem, segundo críticos, tem inspirações que passam desde Jesus, até, mais evidentemente, Dom Quixote. Suas características mais marcantes passam por uma grande sinceridade, abertura a outros que beira a inocência e absurdo, já que não se dá de forma cega, e sim reconhecendo riscos. Um absurdo de grande concretude em ações cotidianas.

Alguém que fala com sinceridade e simpatia com os que se encontra, escuta e considera passível de ser valorizado todo e qualquer discurso, algo que por si só se mostrava profundamente escandaloso e sedutor a outros personagens da história, e insiste em se colocar de uma forma produtiva e em composição, mesmo reconhecendo e visualizando profundamente perigos. Um agir dissonante que lhe rendia a pecha de “idiota<sup>48</sup>”.

---

<sup>48</sup> Míchkin, o idiota, não deixava de ser alguém considerado como um “nobre” ou “príncipe”, por ter um nome de família de nobreza, apesar de não apresentar parentes ou posses, se mostrando praticamente na miséria (pelo menos na maior parte da trama). Este apresenta certas identidades que lhe conferem privilégios, apesar de apresentar, como todos nós, uma série de identidades e singularidades que em sua complexidade não lhe resguardavam tanto a riscos recorrentes (sendo a mais desafiadora delas relacionada com seu histórico epiléptico). O quão se mostrar como “idiota”, intensidade, tempo, a partir de quais contextos e vivências, talvez seja um processo a se considerar singularmente.

Deleuze e Guattari fazem menção a dois idiotas, em um processo de mutação de um a outro. O primeiro “Idiota” como um personagem conceitual, tensiona a perspectiva de um professor público, este último como o que não cessa de remeter a conceitos ensinados e universais (o homem-animal racional). O idiota, por sua vez, se coloca como um pensador privado, que forma conceitos a partir de forças que cada um possui por direito por sua conta (“eu penso”) (DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Os autores, neste aspecto, fazem menção ao tensionamento entre a escolástica e o pensamento cartesiano. Enquanto o professor público parte de universais, constituídos a partir de grandes campos de conhecimento, o idiota cartesiano, o pensador privado, apresenta seu “cogito”, apresenta sua dúvida, e tensiona os grandes campos do conhecimento a partir de um processo minucioso e racional (DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Entretanto os autores vão além, e já com este primeiro personagem conceitual, forjam um segundo, um “novo idiota”, a partir do qual Stengers faz menção e que parte de Dostoievski, um autor eslavo que escreve sobre um personagem eslavo. Neste processo, os autores esvaziam um caráter recorrente entre críticos, de características um tanto quanto messiânicas quanto ao segundo idiota... O absurdo em sua concretude ganha força.

O antigo idiota duvidaria de tudo, colocaria em xeque todas as verdades da natureza, buscaria evidências por conta própria, e a partir destas chegaria às suas conclusões. O novo idiota não, este não busca por evidências, e não se resignará nem com as mais básicas: ele quer o absurdo <sup>49</sup>(DELEUZE; GUATTARI, 1991).

O antigo idiota buscava prestar contas à razão, já o novo idiota não, este não aceitará jamais as “verdades da História”. O antigo idiota queria, por conta própria, reconhecer o que seria razoável, perdido ou salvo. O novo idiota quer que lhe “devolvam o perdido, o incompreensível, o absurdo”. O antigo idiota queria o verdadeiro, o novo quer fazer do absurdo a mais alta potência do pensamento, criar (DELEUZE; GUATTARI, 1991)!

---

<sup>49</sup> Deleuze e Guattari questionam quanto a mutação do primeiro ao segundo idiota. Será que Descartes ficou louco na Rússia?

Stengers toma o “Idiota” (o segundo), a partir de Deleuze, Guattari e Dostoievski, no sentido de alguém que se coloca como se não soubesse, desacelera, “pede que não nos precipitemos, que não nos sintamos autorizados a nos pensar detentores do significado daquilo que sabemos” (STENGERS, 2018).

Toma assim o personagem conceitual não como alguém capaz de desfazer o fundamento dos saberes, de dizer “e, portanto”, e ofertar uma solução, mas sim fazer presença. Não se trata de o interrogarmos quanto o que é mais importante, o idiota “não sabe” (STENGERS, 2018).

Merhy et. al. nos apresenta o risco de operarmos como sabidos sobre as vidas des outros, discursando sobre os modos mais saudáveis ou melhores de viver, constituindo assim formas de assimetria, a partir da qual a abertura para as diferenças gera desigualdades de saber e de formas de vida, onde uns tem propriedade exclusiva de certos saberes em relação aos outros (MERHY et al., 2016b).

Neste sentido, acredito que o idiota pode nos explicar mais sobre a “proposição cosmopolítica” de Stengers, algo que se propõe ao desafio não de dizer o que a proposição é, nem do que ela deveria ser, mas de fazer pensar. Uma forma de desacelerar raciocínios e criar ocasiões de sensibilidades um pouco diferentes no que tange a problemas e situações que nos mobilizam (STENGERS, 2018).

Uma proposta que sugere que suportemos uma passagem de uma espécie de “pavor, que faz balbuciar nossas seguranças”. Uma insistência para que os pensamentos coletivos se dêem “em presença”, de forma compartilhada e sensível.

Sendo que, esta proposição tem implicação não só com como nos portamos e nos reconhecemos frente a todo um campo de heterogeneidades que reconhecemos na imanência da vida, mas em como reconhecemos o que seria a produção de conhecimentos e ciência.

### 3.3.5 Conhecimentos e ciência: Quem produz conhecimento e quais conhecimentos são válidos?

Dialogar sobre conhecimento e ciência tem sido um campo de muitas delicadezas nos dias de hoje... Vivemos nos últimos anos, nos tempos de pandemia, situações drásticas no que tange ao respeito às diversas formas de existências. Observamos a construção de políticas públicas que desconsideraram radicalmente a produção de evidências quanto às formas de nos portarmos durante a pandemia do coronavírus.

Indicadores epidemiológicos muito frequentemente foram desconsiderados, tecnologias em saúde ineficazes e perigosas foram estimuladas por poderes públicos enquanto outras, seguras e de maior impacto foram postergadas e até combatidas, como as vacinas.

Um campo de disputa política acirrada tomou conta do processo pandêmico, acarretando em um número substancial de mortes evitáveis e muitas inclusive desconhecidas frente à desestruturação e desinvestimentos em políticas de vigilância epidemiológica e limitação de testes em nosso país, e com uma proporcionalidade cruel de mortes se considerarmos raça e classe (CCI/ENSP, 2020; EVANGELISTA, 2021; EMILIO, 2020).

Sendo que o processo que viemos como negacionismo<sup>50</sup> existiriam muito para além dos campos relacionados à pandemia. Vivemos momentos de desastres e impactos climáticos drásticos ou talvez nunca vistos por nossas historicidades hegemônicas como “humanidade”, estudos praticamente catastróficos quanto às dinâmicas de vidas do que a maior parte dos brancos chamam como “natureza”, ao mesmo tempo que fortes capitais políticos radicalizam seus processos antropocênicos, exterminando florestas, mares, e todas as formas de vida que julgam não valer a pena, ou que nem reconhecem como existentes.

---

<sup>50</sup> Merhy, em discussão em grupo de pesquisa, faz uma sugestão inquietante sobre os processos de negacionismo. Este sugere que o negacionismo não é um fenômeno unívoco, e que nós, seres viventes que defendem que todas as vidas valem a pena, podemos ser reconhecidos como negacionistas. Negacionistas no sentido de disputar com/contra arranjos de verdade que julgam que certas vidas e regimes de verdade são mais válidos que outros, em termos inclusive de determinar quais viventes devem viver, morrer ou mesmo existir.

Importante ressaltar que vivemos ambos os movimentos, de negacionismo pandêmico e ambiental como políticas de governo no Brasil nos últimos anos.

Entretanto, mesmo frente a tantos perigos, mesmo em um momento que se mostra mais importante do que nunca que defendamos as evidências relacionadas a saúde, epidemias, ecologia, no sentido de defender que certas vidas e mundos tenham formas de seguir existindo, é importante de se salientar a disputa que muito usualmente tende a legitimar certos sujeitos como detentores de um suposto saber mais válido do que outros.

As políticas científicas são um campo de disputa ferrenha, e tem impacto direto no que tange ao reconhecimento de quais conhecimentos ou produtores de conhecimento são reconhecidos como válidos.

Como alguns exemplos de como a forma de operar política impacta o “campo científico”, poderíamos mencionar todo um campo de estudo de doenças negligenciadas, que mesmo com impactos epidemiológicos muito maiores do que outras enfermidades com grandes investimentos são desconsideradas ou consideradas muito marginalmente pelo campo científico (“Especial”, 2013).

Outro ponto a se considerar são os estudos eleitos como de maior impacto no campo científico no que faz jus às tecnologias em saúde como medicamentos, aparelhos médicos, ou até arranjos de cuidado, que seriam os ensaios clínicos randomizados (ECR’s) ou as combinações destes por meio das revisões sistemáticas com metanálises.

Os ECR’s muito usualmente demandam investimentos financeiros importantes e arranjos organizacionais que são muito desiguais pelo mundo. Assim, mais uma vez, a maioria dos estudos são realizados por países e organizações com recursos financeiros para tal, que aplicam em suas respectivas populações, normalmente composta em sua maioria por caucasianos e, mais atualmente, com um certo peso de orientais. Tal cenário faz com que medicamentos sejam desenvolvidos a partir de certas populações, usualmente de países ricos e brancas, para serem aplicadas em outros países, muitas vezes com maior proporção de população negra e de ascendência indígena, e que podem responder de maneira diferenciada às tecnologias de saúde avaliadas.



Tal cenário nos indica todo um campo de estudos que nos demarca na prática o que e para quem a ciência é produzida, quais vidas são resguardadas e reconhecidas com maior proeminência.

Segundo Butler, apoiada nas contribuições de Foucault, há ideais regulatórios que operam como práticas, constituindo corpos e suas maneiras de operar no mundo. As diferenças, como quanto a sexualidade, raça, situação familiar, classe, território, “loucura”, ou diversidades de uma maneira geral, quando desviantes de certos ideais regulatórios imperativos, como normatividades branqueadoras, sexuais e de classe, passam a operar constituindo indivíduos que “não se encaixam” como corpos de abjeção e exclusão (BUTLER, 2020).

Entretanto, de certa forma engendrado a todo este cenário, no qual o campo das relações de poder e o campo político distorce o que é considerado válido e digno de estudo para o campo científico, é importante de ressaltarmos como se dá a própria política científica, que na prática reitera a dinâmica de que certas vidas e perspectivas de mundos valem mais à pena do que outras.

Stengers, em seu movimento para problematizar o processo científico institucionalizado, faz menção como este visa a operar por teorias que se propõe a ser generalistas (STENGERS, 2018).

A partir destas concepções, estes teóricos generalizantes visualizam e conferem o papel e outres como executantes, que tem sua prática capturada por estas teorias e que são encarregados estritamente de aplicá-las (STENGERS, 2018).

Tal forma de constituir o processo de produção de conhecimentos ou científicos incorrem na construção de sujeitos de suposto saber, capazes de constituir conhecimentos neutros e universais, e que tem a autoridade e competência de predizer, de saber mais sobre a vida de outre mais do que e próprio outre (STENGERS, 2018).

Neste sentido, a política científica que levamos em consideração desconsidera de maneira muito importante elementos da prática e do encontro. Sua proposição mais usual tende a buscar teorias que se propõe, ou ao menos visam, a englobar e explicar qualquer tipo de fenômeno de forma neutra, ou ao menos a partir de certos conhecimentos, mais legítimos que outros, e tal investida se coloca como presente desde as ciências ditas naturais até as que poderiam ser chamadas humanas e sociais.

Segundo Latour, a forma predominante de construir conhecimento científico na atualidade se aproxima ao que este caracterizaria como “fundamentalismo”, palavra que ganhou notoriedade frente às descrições do “fundamentalismo islâmico”. Para o autor, a forma de constituir conhecimento se propõe a constituir uma realidade que pertence apenas a uma história, constituída a partir de elementos universais, que almeja uma grande confiabilidade e a extinção de heterogeneidades (LATOURE, 2018).

Forma de operar que acaba inclusive por empobrecer o campo de produção de conhecimentos. Segundo Stengers o papel das teorias generalizantes é de reduzir as situações a um simples caso relacionado a uma teoria geral, e os pesquisadores são convidados a serem porta-vozes destes conhecimentos ou métodos, por supostamente estes lhes conferirem o status de cientistas ou especialistas da área. Convidados a serem coerentes e fiéis a uma teoria geral, e inibidos de serem provocados, tensionados a produzir novos caminhos a partir do que lhes são apresentadas: portanto inibidos mesmo a pensar<sup>51</sup> (STENGERS, 2018).

Assim, os sujeitos detentores destes saberes, passariam a ter autoridade tal que um planejador público, um economista, um formulador baseado em evidências, por exemplo, seriam capazes de dizer o que é possível ou impossível de existir em uma certa região, que arranjos produtivos, que formas de se relacionar comunitariamente, quais relações com a natureza, mesmo que, muitas vezes, nunca tenham visitado um território ou comunidade.

Um médico seria capaz de prever o que vem ocorrendo no corpo de outro, que deve lhe oferecer informações o bastante para que este preencha seu algoritmo, baseado nas maiores evidências possíveis.

Deste cenário, uma comunidade tem a possibilidade de ter acesso ao dito recurso público, reconhecido como limitado e escasso, a partir de arranjos no qual os cidadãos devem se entregar a sujeitos de supostos saberes que lhes predizem a melhor forma de operar perante a vida.

---

<sup>51</sup> O pensamento aqui é tratado como a capacidade de constituir conhecimentos frente às dinâmicas de vida que nos são apresentadas, e não a reprodução de conhecimentos prévios, refratários ao que borbulha como novos elementos, fidelizados a teorias e não ao encontro, ao que é novo e ao processo criativo. Portanto, por mais que uma teoria seja complexa, sua simples e recorrente aplicação, mesmo que com maestria, não incorre no processo de pensamento, mas sim de reprodução (mesmo que, se considerarmos as propostas de Deleuze, toda repetição incorre em algum grau de diferenciação, e portanto que o pensamento e novo se impõe). Proposta de pensamento que dialoga com a proposição de Deleuze, que reconhece o pensamento como algo que tensiona a movimentos, ao novo.

Tal cenário faz com que haja um arranjo imbricado entre as políticas que atravessam os conhecimentos e como se dão as políticas científicas. Em suma, a produção de conhecimento que se dá a partir de estudos mais robustos e com maior fator de impacto tendem a ser muito mais considerados e terem poder de verdade e sujeição sobre outros.

### **3.3.6 Experiências comunitárias: cuidado, governo, conhecimentos e processos de pauperização**

A partir de tais visões sobre como se dariam os mundos (reais, progressos a nossa existência, únicos) e como seria adequado agir sobre este (a partir das pretensões de verdades que se pretendem universais/generalizantes), todo um processo de controle e pauperização das existências se dão em processos de cuidado e governo em nosso cotidiano.

Entre às reestruturações de vida em busca de ar dos últimos anos, tive a oportunidade de viver intensamente experiências no interior de Minas Gerais, e pude sentir na pele este movimento, ao acompanhar uma família que construía seu processo de êxodo urbano (retorno da cidade para o meio rural), e que visava constituir novas formas de existência.

Em contato com a terra, descobri o que seria a bioconstrução. Tive a oportunidade de construir casas com barro e esterco, e rir enquanto tinha todo o impacto desta mistura na minha cara enquanto a aplicava com força na parede. Cada detalhe era cheio de maestria.

Tive a oportunidade de viver contatos com a permacultura e agroflorestas, a partir dos quais o respeito aos fluxos, tempo dos ciclos da vida e diversidade ofertava riqueza, resistência e produtividade aos cultivos. Os espaços controlados mais uma vez perderam muito em importância frente aos fluxos da vida. A multiplicidade de combinações de plantas, animais, abelhas, eram de grande beleza no cotidiano.

Passei tempos reconhecendo e aprendendo com abelhas indígenas, sem ferrão, e todos os seus processos de integração com todos os seres vivos.

Sendo que, neste cenário, tive a oportunidade de visualizar que esta família de amigos se viram sendo considerados como “sem juízo” ao buscarem construir uma

casa com barro e madeira local, construída com material do próprio território e pela própria comunidade. Mesma comunidade que se colocava assustada, sem compreensão, já que estes pensavam em construir um meio como morar tão repreendido socialmente, símbolo de miséria: uma casa de barro de pau a pique.



Figura 8 - Casa de barro de dia



Figura 9 - Casa de barro de noite

Tal desconforto e confusão comunitária seguia para outros campos. Como plantar na floresta e com tanta diversidade, e não derrubar e plantar mandioca? Como não usar veneno na terra?

Como assim aproveitar o lixo utilizado, esgoto, e produzir adubo e reciclagem?

Um movimento ambíguo, ao qual a comunidade sentia repulsão, mas ao mesmo tempo se aproximava, contribuía, acessava toda uma gama de conhecimentos ancestrais. Se via construindo a casa de seus pais, plantando com conhecimentos que julgavam ultrapassados, e no desconforto, se encontravam na re-construção de suas próprias histórias.

A história não era diferente com o “postinho da comunidade”. A luta de cada um de nós era pelo acesso universal a uma saúde de qualidade, mas de uma maneira que reconhecesse a comunidade, e não seguisse a sua pauperização existencial.

Nas conversas à noite, à beira do fogão a lenha, tivemos conhecimento que a maior raizeira da comunidade havia falecido há pouco tempo, e o contador de histórias que falava da sua relação com as ervas e destas com a comunidade e sua história, já com seus mais de setenta anos, falava sobre o evento com tristeza redobrada... O ciclo de transmissão de conhecimentos sobre as ervas havia sido quebrado, pois, segundo ele, não existiu alguém com o interesse de o receber da anciã.

Tempos depois, tivemos conhecimento de uma história muito semelhante, entretanto quanto ao benzedor de referência da comunidade. As referências quanto ao benzimento foram se escasseando na comunidade, nas famílias, até o momento que tivemos conhecimento do falecimento de um dos grandes personagens que insistia na prática.

Ao conversarmos sobre como produzir saúde na comunidade, a tendência que observamos foi a do encontro com o médico do posto, que visitava a região uma vez por semana, ou dos programas específicos que a enfermeira do posto promovia, a partir das demandas governamentais.

As ervas nos bolos para as verminoses, ou os chás para o espírito, ou o benzimento para seguir levando a vida seguiam um processo de substituição, desconsideração, quase como experiências que deveriam ser substituídas por comprimidos.

Neste cenário observamos uma pauperização dos processos existenciais comunitários. Também, nesta condição, observamos uma pauperização importante dos processos de produção de conhecimento e ciência. Por um lado, a comunidade é desconsiderada, recortada, retificada, por outro, os profissionais de saúde, no

processo de cuidado direto ou mesmo de gestão, perdem oportunidades de reconhecerem, produzirem e colaborarem com novas práticas.

Reconhecer que todes são sabidos, como diz Merhy, e podem contribuir com os processos de cuidado, governo, é de suma importância para existências, mundos e inclusive formas de se produzir conhecimento e ciência mais ricos.

Ressalta-se aqui que muito são os estudos que respaldam as casas de barro, as agroflorestas, as outras relações possíveis com o que ainda chamamos de “lixo”, com as ervas e as formas de expressão da espiritualidade. Conhecimentos que fomentam soberania alimentar e formas de cuidado de si que promovem saúde.

O que se passa como um desafio é a proposta hegemônica de constituição de formas de cuidado, governo e produção de conhecimentos que se propõe a produzir controle, submeter certos mundos a outros, a ponto de nem considerar possível a existência de mais mundos.

Uma forma de operar que no máximo se dá no limite da tolerância, em um respeito parcial que suporta outros mundos como menos válidos, e que tem o direito de existir, quando muito, até um certo ponto, quando será submetido por um saber ou mundo que se mostra acima dos outros (STENGERS, 2018).

É de grande importância que formas de cuidado, governo e produção de conhecimentos operem mais a partir de devires, heterogeneidades. De maneira mais nômade e menos no sentido de exterminar experiências e mundos na busca do estável, eterno, idêntico, constante (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

Observamos aí intrincados arranjos entre formas de operar científicas generalizantes, como indicado por Stengers, combinada com a valorização de certos corpos que tem valor e outros não, como indicado por Butler, ou certas vidas e existências que passam a ser consumidas e serializadas a fim de constituir arranjos capitalísticos marcados pelas relações de poder vigentes, maiores e colonialistas, como indicado por Deleuze, Guattari e Merhy.

### **3.3.7 Uma produção científica e de conhecimentos em presença (nada se dá de forma separada)**

Stengers, frente aos grandes desafios da produção científica, sugere uma reestruturação das formas de operar das políticas científicas. Segundo a autora, é

importante que constituamos a produção científica de outras formas. De formas que aprendam a questionar a pretensa aposta de teorias universais e neutras, de construção de sujeitos de suposto saber, com autoridade sobre a vida des outros (STENGERS, 2018).

A autora sugere que a política científica se aproxime de onde é produzido o conhecimento, das práticas, do cotidiano. Indica que toda a teoria tem sua utilidade, que é ofertar uma certa ideia de como agir em uma situação específica, e assim na sua aplicação não pode ser considerada como algo além do que uma ferramenta a ser aplicada ou não, ou mesmo ser repensada, frente o que é possível em cada contexto específico. Sugere que nada deva se dar de forma separada, mas sim em presença. Caso contrário, com a pretensão de ser um conhecimento prévio, neutro, geral e asséptico, este tende a esterilizar sua própria fecundidade quanto a produção de novas possibilidades e descobertas (STENGERS, 2018).

Ressalta-se que, quanto a autora sugere que esta política científica se dê em presença, frente e presente ao que incomoda, ao que desloca, o faz de uma maneira ampla. Fala dos mais variados campos do conhecimento, inclusive os mais fechados e controlados, em seus laboratórios de física de partículas.

A autora sugere que o campo científico deve se abrir à produção do conhecimento na prática, e não empobrecer seu potencial, se resguardando em propostas teóricas globalizantes. Reitera que hajamos no sentido do “idiota”, uma figura que resiste, que desacelera frente às situações apresentadas que mobilizam pensamentos e ações, que pede que não nos precipitemos, que não nos sintamos autorizados a nos pensar detentores do significado daquilo que julgamos saber, e que não o façamos simplesmente porque algo seria falso ou mentiroso, mas porque há algo de mais importante (STENGERS, 2018).

Algo mais importante no sentido de suportarmos uma zona de incerteza, de suspensão de momentos que nos julguemos profundos ignorantes em uma situação, a fim de que seja possível nos abirmos à riqueza de um encontro que pode se constituir, mesmo que por alguns momentos, como cosmopolítico. Um encontro capaz de reconhecer articulações possíveis entre mundos múltiplos e divergentes e suas respectivas riquezas, frente ao desafio de uma paz que se pretende final (STENGERS, 2018).

### 3.3.8 Retornando aos platôs existenciais: Arte de si, plantas de poder e magia

Os processos de constituição de arte de si, nestas histórias paralelas que se dão na tese, se encontram e se presentificam nos dias de hoje, enquanto escrevo.

O peixe rabo de sereia, uma das formas de respirar que encontrei em meio a ascensão do fascismo no Brasil, foi um dos passos que segui e todo um processo de reestruturação existencial, que se presentifica, se desloca, me tensiona até os dias de hoje nas caminhadas e produções do conhecimento.

Formas de controle, de produção de cuidado e governo de si e dos outros passam por mim e geram tensões. As constituições de formas de regramento da vida se replicam, no medicamento, nas formas de governo, na constituição de conhecimentos que se se almejam mais verdadeiros do que outros, nas balas mágicas perfeitas. Balas mágicas na defesa de certas vidas, conformadas e retificadas em busca do que se pretende e se reconhece mais válido.

Vi-me em meio à tantas dificuldades, ansiedades, e tensionamentos por si, logo após à pintura e frente à eleição de um presidente da república e ideários hegemônicos antagônicos a tudo que construía durante toda a minha vida, que aceitei um convite há tempos postergado, único até os dias de hoje, e que se faz presente até este momento, que foi o de participar de uma cerimônia, no interior de Minas Gerais, na qual fiz uso de certas plantas de poder.

Por uma dessas coincidências da vida, minha participação e de amigos se deu no dia dos mortos, e uma cerimônia que usualmente seria de algumas poucas horas, se deu da noite até o amanhecer.

A experiência não caberia em palavras... Como não cabem quantas e quantas vezes eu possa escrever. Os significados se multiplicam, e não são estáticos.

O efeito destas plantas de poder não se deram, a meu ver, a partir de um ou vários princípios ativos, com impactos diretos, limpos e sem eventos adversos. Quase como que um oposto simétrico do ideário da “bala mágica”, toda sorte de eventos, inesperados, prazerosos, aterrorizantes, tensos ou libertadores me tomaram, com efeitos corpóreos e subjetivos que se entrelaçaram, sem limites objetivos entre si, gerando efeitos até os dias de hoje.



A proposta da experiência não era de constituir um ambiente controlado, com o máximo de reprodutibilidade entre todos os participantes. O objetivo não era o de gerar os mesmos afetos e afecções em todos os presentes (DELEUZE, 2002)...

Cada experiência se dava de maneira singular... Todo um processo que passava por palavras e cantos, energias, efeitos em mim, com reconhecimentos a partir dos quais minhas percepções de realidades se ampliaram e multiplicaram, se deram e ficaram em meus corpos<sup>52</sup>.

Ao conversar com os amigos mais próximos, tive a oportunidade de reconhecer que toda a sorte de efeitos, exceto por alguns efeitos fisiológicos (e com os quais produzimos relações singulares), eram radicalmente diferenciados, sempre em um processo de apoio mútuo e ação coletiva.

Reconhece-se aí um processo que poderíamos nomear como que atravessados por “magia”. Sendo que, quando faço menção a este termo, o faço inspirado pelas contribuições de Stengers e Slomp et al, cada uma à sua maneira e em processo de agenciamento entre si (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

“Magia” essa que não se dá em termos de poderes sobrenaturais, mas sim a concepção da magia de um livro, de um olhar, ou mesmo dos grandes rituais, mas sim em termos de tornar possível pensar e sentir de outras formas, imprevistas, em ato. Um regime de produção que tensiona e disputa com o ideal de uma “racionalidade pública”, “idealmente mestre de suas razões” (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Inspirando-se na tradição das bruxas, como Stengers, ou inspirações em rituais ou experiências xamânicas latinas, como as que atravessam Slomp et al em agenciamento com Deleuze e Guattari ou a mim mesmo, as proposições do termo passam por formas de arte experimentais, cuja pedra de toque é um êxito indeterminado quanto ao seu conteúdo (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Sendo que, ao considerar uma magia, o considero em um sentido a-significante, termo utilizado por Slomp et al. em suas produções, que faz menção não racional, não intencional, não cognitivamente representável, sem um glossário de

---

<sup>52</sup> O plural quanto a “corpos” não se dá por um erro de digitação, mas a partir da perspectiva de Espinosa a partir da qual somos compostos por diversos corpos, de vários âmbitos e(ou) materialidades (DELEUZE, 2002).

sentidos a priori, que passa por um processo de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 1995; SLOMP et al., 2019).

Formas de operar que não visam a apresentar uma forma determinada de operar, o que fazer, decisão a tomar, mas tem sua eficácia antes por um processo conjunto intensivo entre as singularidades presentes, que se dispõe a catalisar regimes de operação capazes de gerar novas formas de sentir e pensar (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Os processos que almejava por meio das “balas mágicas”, que se dariam praticamente por certos passos previstos, controlados, de conformar as realidades a partir das minhas perspectivas e inclusive com as velocidades que eu previa, como truques previstos e racionalizados de mágica, foram reestruturados em outros regimes de existência, a partir dos quais as magias tomaram força e campo, constituindo existencialidades imprevistas, de formas a-significantes e em ato (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Processo que passa por um fomento de uma eficácia, segundo Stengers. Uma eficácia que não passa por um julgamento, nem por uma forma de operar que se propõe a estruturar campos a partir de certas noções mais válidas de uma suposta realidade (STENGERS, 2018). Eficácia diferente da proposta que usualmente utilizamos a partir dos campos da prática de saúde baseada em evidências, que seria algo como que previsto, a partir de um estudo controlado que pretende reconhecer e prever a realidade, mas sim algo que se dá em ato, no fomento de um acontecimento.

A proposta da magia é, em presença, catalisar toda uma transformação de relações. Relações estas “que cada protagonista entretém com os seus próprios saberes, esperanças, medos, memórias, e permite ao conjunto fazer emergir o que cada um, separadamente, não teria sido capaz de produzir” (STENGERS, 2018, p. 459).

Uma eficácia que se dá em ato, em presença, na imanência, não de forma separada, mas de forma compartilhada.

Segundo Stengers, estas magias passam por artes de imanências radicais, postas em si e em criação, deslocadas de regimes de pensamento usuais, calcadas na transcendência, que se autorizam a uma certa posição e julgamento sobre uma pretensa realidade (STENGERS, 2018).

Imanência que, por mais que muitas vezes teimemos em disputar no cotidiano, suprimindo-a, insiste em se colocar de alguma forma, brotando em nossas formas de controle.

Entretanto, é de se considerar que a abertura para os campos de imanências pode ter diversas direcionalidades. Os campos de magia podem ser utilizados a fim de se abrir ao imprevisto, numa constituição em ato a partir do a-significante em prol de constituir potência e suportar multiplicidades, porém também o podem ser direcionados para processos de reconhecimento e captura em sentidos que não a produção de potência, mas de um esvaziamento, uma despotencialização, numa subsunção de uma força ou fluxo a um aparelho centralizador, sobrecodificador. Tal processo feiticeiro, é indicado por Pignarre e Stengers como a feitiçaria capitalista (STENGERS; PIGNARRE, 2017; SZTUTMAN, 2018).

Portanto, não se trata somente de realizar-se uma transição de um espectro que propõe mágico para um feiticeiro... De formas de conceber enrijecidas, prévias, que visam a governar um “pretense mundo” prévio e maior (constituído por homens, brancos, heterossexuais e etc) (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Trata-se de direcionar a feitiçaria não no sentido dos esvaziamentos, despotencialização, captura e serialização de existências, mas de multiplicá-la, constituindo magia e cultivando potência em todos os cantos possíveis (STENGERS; PIGNARRE, 2017; SZTUTMAN, 2018).

### 3.3.9 Tensões entre mundos

“Preto<sup>53</sup>” só pode ser esquizofrênico, está claro<sup>54</sup> para mim” (psiquiatra).

“Mas porque você julga isso? Há algo que lhe indique isso de maneira clara?”  
(técnico superior)

“Claro. Este insiste em vestir roupas espalhafatosas, e não tem uma sexualidade bem resolvida... Não decidiu se gosta de homens ou mulheres”  
(psiquiatra). (trecho hupomnêmata cartográfica)

<sup>53</sup> O nome dado a e usuárie foi escolhido de acordo com a sua raça. Algo que julgo ter pertinência no processo de diálogo e de cuidado.

<sup>54</sup> Usualmente eu evito ao máximo utilizar o termo “claro” em menção a um processo de compreensão. O fiz sem perceber nesta passagem, e fui alertado pela minha orientadora quanto isso, no sentido do contraste entre preto e claro e seu impacto. Preferi deixar o termo nesta passagem, pois neste diálogo acredito que carrega o sentido indicado pela profissional de saúde.

Há de se ressaltar que estes processos de encontros, a abertura aos outros, pode ocorrer de diversas formas e intensidades.

Pretos, LGBTQI+, mulheres, para falar de algumas coletividades, disputam intensamente a forma de gerir autonomamente suas vidas, e, em suas singularidades, agenciam toda a uma sorte resistências (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Nos dias de hoje reconhecemos muito do que foi construído de arranjos e formas de se produzir cuidado como grandes conquistas, mas em diversos momentos perdemos a perspectiva que foram forjados perante a toda uma pressão de subalternos, de minoridades, por existências que fizeram valer sua resistência pela vida, e que o continuam fazendo (DELEUZE; GUATTARI, 2012; MBEMBE, 2018).



Figura 10: Afirmação e conflito<sup>55</sup>

Não é à toa que o processo de cuidado se mostra como um profundo processo subversivo. Este não se abre “apenas” para o repensar de práticas e instituições

---

<sup>55</sup> Esta pintura, a meu ver, traz a energia desta sessão. Busquei trazer todos os meus sentimentos, sensações, afirmações, por meio de cores e traços. Por fim, decidi fazer traços frios em toda uma pintura de cores quentes. Minha professora, ao observar minha ação, ficou relativamente incomodada, pois tantas cores quentes com traços frios em primeiro plano poderiam gerar uma desarmonia, tensão. Afirmações quentes frente aos traçados frios, tensão e conflito. Senti que aquela experiência era produtiva ao meu peito.

perante a singularidade e riqueza da vida que nos apresenta. Este não só quebra protocolos e fluxos. Desconstrói saberes epistêmicos que teimam em encaixotar as vidas (MERHY, 2014; MENDONÇA et al., 2015).

O processo de cuidado em saúde fomenta autonomia e, portanto, dá passagem a formas de existências que passam a reclamar seus direitos de viver e de multiplicarem potências. Este nos convida a nos desterritorializarmos, e construirmos novos territórios em ato frente ao que nos incomoda, questiona ou assusta (BUTLER, 2020).

Segundo Butler, ao forjarmos as formas de operar no mundo frente ao exercício repetitivo de discursos, e conseqüentemente os próprios mundos com os quais nos defrontamos, constituímos campos de abjeção, de formas de vida que valeriam menos do que outras (BUTLER, 2020).

Reconhecendo ou não, sempre estamos frente a algo que nos desafia, e diversas são as formas que podemos proceder perante a isso. Confirmando e nos colando a uma forma representativa de levar a vida, ou nos desconectando das intensidades da vida (ROLNIK, 2016). Rejeitando ou legitimando apenas formas de operar existenciais que nos pareçam dignas ou operem de acordo com as nossas perspectivas de mundo, reproduzindo desigualdades (MERHY, 2013b).

Tal processo não é sem desafios... Por mais que existam sujeitos que estejam muito mais capturados em formas de operar que submetem es outros, e que replicam as formas mais racistas, heteronormativas e normalizantes, que se colocam como desafetos declarados às formas de se produzir diferença que não sejam legitimadas por exercícios de poder capitalísticos, sempre estamos defronte a um conflito frente a novos mundos. Isto assusta, gera reverberações, planos de disputa, que atravessam a nós mesmos e os outros, nos espaços de construção e exercícios de coletivos.

Nos colocarmos defronte a mundos outros, que dissonam nossas “vistas do ponto”, demanda a grande abertura de nos afetarmos, nos abriremos ao corpo como sentinte, vibrando (mesmo que para se perder de algum forma), e talvez ser capaz de nos outrar-nos, abrir-nos ao devires-outres, abandonar certas estruturas conhecidas e talvez queridas, para por fim reconhecer de fato e constituir novos mundos (MERHY, 2014; MENDONÇA et al., 2015; CRUZ, 2016; STENGERS, 2018; VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Neste sentido, é importante ressaltar que os encontros, a abertura aos mundos des outros, muitas vezes exigem processos que podem se mostrar profundamente incômodos, desterritorializantes, ou até podem exigir que nos cuidemos de forma a produzir composições possíveis frente às agruras e durezas que a vida pode nos apresentar.

A composição de mundos outros de forma a produzir mais potências e alegrias, não necessariamente passam por processos tranquilos, e nem se dão a partir de idealizações de nossa parte. Duras e possíveis, em conflitos e tensões, demandando reparações ou até processos de cuidado de si mais intensivos para suportar as possibilidades. Os processos de cuidado e gestão podem apresentar estas roupagens em territórios tão marcados pelas desigualdades e violências, como os nossos do Brasil.

### **3.3.10 As defesas de “certas” vidas que importam e as singularidades que geram incômodo**

Depois de todas estas estações de discussão da tese, estações que visitaram meus processos e os intercessores que me provocaram nesta caminhada, retorno ao encontro com MS, que oferta tantas possibilidades de problematizar os processos de cuidado em saúde.

Revisito aqui os componentes do processo de cuidado ofertados e discutidos tão profundamente por Merhy (MERHY, 2014). No texto, farei menção a estes componentes como se fosse possível discerni-los, separá-los, entretanto, até como os autores de que parto e eu próprio trarei ao decorrer do texto, todos os componentes são misturados, uma linha interferindo na outra, constituindo campos de maleabilidade e rigidez, em todo um processo de intensidade e variação, inseparabilidade (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Entretanto, trago aqui esta proposição de pontos a observarmos de forma inicial, talvez até com concepções que podem parecer relativamente estanques, a fim de facilitar o processo de discussão.

Assim, podemos observar que no processo de cuidado de MS um primeiro componente passa por uma intensidade importante de ações direcionadas a partir das

tecnologias duras e leve-duras, focando em ações a partir das quais as vidas seriam consideradas quase como maquinários pré-concebidos, com intervenções a partir de campos ou conhecimentos estruturados e serializados, desconsiderando os desejos da(o)s própria(o)s usuária(o)s (MERHY, 1998).

Próximo deste componente observamos a intensa presença do que poderíamos nomear como processos de trabalho macropolíticos, que pode apresentar forte teor de protocolização e captura por racionalidades estruturadas. Observamos isso a partir do processo no qual os indicadores clínicos por si ganham grande proeminência (CECCIM; MERHY, 2009). Como exemplo neste processo de cuidado, reconhecemos uma usuária com indicadores clínicos estabilizados, com discurso organizado, e até mesmo com uma alimentação e peso regrados, mas sem que tenha consideração quanto a seus desejos e projetos de vida *a partir de suas perspectivas, de suas formas de existência*.

Um segundo componente perpassa outros campos, das tecnologias leves, que apresentam maior porosidade e possibilidades de captar singularidades da(o)s usuária(o)s, se abrindo ao campo de suas existências e trazendo elementos outros para o processo de cuidado. As tecnologias leves permitem a “produção de relações envolvidas no encontro trabalhador-usuário mediante a escuta, o interesse, a construção de vínculos, de confiança” (MERHY; FEUERWERKER, 2016).

Entretanto, no sentido deste texto, gostaríamos de trazer elementos de discussão sobre este componente do processo de cuidado, das tecnologias leves, relacionais, que apresentam delicadezas e desafios a depender de quais *perspectivas* são consideradas como eixo no processo de cuidado: do(a) usuário(a) ou de trabalhadores ou equipe. Delicadezas e desafios que se dão a partir do quão é possível constituir comuns, cultivando uma porosidade que, para além da construção de vínculos, que são indispensáveis, gerem deslocamento, abertura para mundos outros, cultivem o acontecimento de composição de mundos em novas criações (STENGERS, 2018; RIOS et al., 2021).

Como exemplo destas delicadezas que nos defrontamos, ao considerarmos a ACS de referência, que se constituiu como um de seus principais vínculos da equipe. Mostrou-se disponível e engajada para visitá-la inclusive fora de horários de trabalho,

como fins de semana, mostrando seu profundo interesse e estabelecendo uma relação de confiança com a usuária. Sendo que, mediante este engajamento, por fim entrou em contato com a equipe, demandando ações imediatas em seu cuidado e apoiando seu processo de institucionalização, uma defesa que fazia em nome da vida da usuária, mas que a última não tinha como desejo.

Campo de tecnologias leves que também perpassou o processo de cuidado com a equipe de referência de uma maneira geral. Estas descreveram seu esforço em reconhecer e adentrar a vida de MS. Buscaram articular familiares, reconhecer mais a respeito de seus desejos e rotinas, de onde tiveram conhecimento da grande importância da religiosidade, seu histórico de afetos e desejos mais presentes, como de mulher solteira e autônoma.

Próximo a este componente, poderíamos inclusive fazer menção a um potencial criativo da equipe, inventivo, agenciador, relacional, micropolítico, no qual o esforço no processo de cuidado extravasou arranjos clássicos e conhecidos, a partir do qual as equipes, com o objetivo de intensificarem o processo de cuidado para com a usuária, construíram diversos arranjos coletivos, envolvendo, para além da família, diversos trabalhadores, serviços e políticas intersetoriais.

A equipe buscou possibilidades, mas o fato de MS ser uma mulher pobre que vivia em um espaço geográfico existencial de menor vulnerabilidade, ou seja, alguém que vivia em um território de condições sociais “melhores” que as suas como mulher pobre, além de ser uma idosa solteira, sem filhos, levando sua autonomia até uma idade mais avançada, trouxe dificuldades. Ao morar em uma local e ter uma vida com arranjos e autonomia fora de uma certa normalidade, não se mostrou elegível a ter a vida apoiada por protocolos e políticas institucionalizadas.

Nestes processos de busca de arranjos de cuidado possíveis à usuária, tensões e disputas existiram, apostas diferentes se deram, inclusive em arranjos que poderiam ampliar a autonomia da usuária *a partir de seus desejos*, a partir de suas singularidades e formas de levar a vida outras, mas, um movimento que a considerava incapaz ganhou força, e apostas no sentido de ampliar as potências existenciais de MS foram colocadas em segundo plano, acarretando em seu asilamento, que foi



reconhecido institucionalmente como um ponto crucial em um processo de cuidado tido como um sucesso.

Observamos aqui que todas as tecnologias em saúde, duras, leve-duras, e mesmo leves, estas últimas utilizadas até certo grau de abertura e a partir de certas perspectivas existenciais, são utilizadas intensivamente, em arranjos com grande intensidade macropolítica mas que também fazem uso importante e estratégico de arranjos micropolíticos, constituindo processos de cuidado que recortam e serializam, reconhecem e cultivam certos arranjos existenciais e não outros, processos que tem como objetivo ações no corpo de órgãos e sem órgãos (MERHY, 2009).

Arranjos que passam pelo uso de diversas formas de poderes, que passam pelo disciplinar, ao direcionarem a usuária a um asilo, biopolíticas, no sentido de ofertar um cuidado mais intensivo, ou um apoio à vida, a certas pessoas que se mostram mais normais, com uma suposta forma de morar, arranjo familiar e formas de levar a vida mais adequados, e mesmo de controle, ao agir intensivamente para moldar os desejos da usuária em certas identidades e não outras, como a idosa que tem seu lugar única e exclusivamente no asilo (MERHY, 2009).

Observamos que a clínica do corpo de órgãos, com toda a sorte de diagnósticos e indicadores clínicos que deveriam ser retificados, e da clínica do corpo sem órgãos, a partir da qual a forma de levar a vida da usuária e seus desejos por autonomia, por ser idosa, solteira, com episódios de sofrimento mental, pobre, deveria ser modificada, por ser considerada de grande risco, e ter sua existência e desejos modulados em seu formato de normalidade, sendo um asilo, foram objetos de intervenção (MERHY, 2009).

MS, passa por um cerceamento de formas de levar a vida, e de alguma forma as tem moldadas e moduladas. Passa até a considerar que, apesar de ter o desejo de viver sozinha, que ao menos, se tiver que ser uma idosa asilada, que o seja em um espaço que respeite sua religiosidade e minimamente sua autonomia, no sentido de ter o direito de sair da instituição com outras cidadãs (MERHY, 2012).

Observamos aí, formas de operar em disputa, fazendo uso mais ou menos intensivo de tecnologias duras, leve-duras e leves, processos de trabalho macro ou

micropolíticas, entretanto com apostas ético-políticas e direcionamentos diferenciados.

Em uma destas formas observamos uma ética na qual as diferenças são instituídas como desigualdades, a partir da qual certos sujeitos e saberes se mostram mais válidos que outros (o saber do território da saúde), e suas operações se dão intensivamente, em corpos máquinas e maquínicos, apresentando certa permeabilidade no processo de cuidado, com construção de vínculos e mesmo afetações, mas desde que na defesa de “*certas*” vidas e formas de operar a vida consideradas mais válidas que outras (MERHY, 2015; BUTLER, 2020). Formas de operar que constituem corpos de abjeção e exclusão, desviantes dos ideais regulatórios imperativos, como normatividades branqueadoras, sexuais e de classe (BUTLER, 2020).

Com isso, não faço a menção como se es sujeitos tenham ações no sentido destas perspectivas sempre de forma bem pensada e consolidada, mas que estas impregnam todo campo das existências, mesmo que não facilmente reconhecíveis.

Em outra forma de se dar as apostas ético-políticas as diferenças não são consideradas como entraves, mas sim como potências. As tecnologias duras e leve-duras podem ser utilizadas como ferramentas, pautadas, não sem tensão, por tecnologias leves, pelo encontro, que dispara toda sorte de movimentos macro e micropolíticos na defesa de que todas as formas de vida valem a pena (MERHY, 2015).

Tal aposta muitas vezes é desafiadora, em um processo de mútua composição, no qual há reconhecimento entre os agentes na produção de um processo de cuidado comum, compartilhado, que fomenta e apoia autonomia, muitas vezes questiona diretamente certos processos de trabalho e protocolos (RIOS et al., 2021).

Processo que se dispõe a compor com mundos outros, produzir e criar novas possibilidades, gerando desacelerações, aberturas ao imprevisto, como quanto a forma de operar dos nomeados idiotas de Deleuze, Guattari e Stengers. Atravessando o que se mostra como dado, consolidado, em um sentido de constituir de fato um encontro em acontecimento (DELEUZE; GUATTARI, 1991; PELBART, 2016; STENGERS, 2018).

Reconhecendo o caráter transgressor das tecnologias leves e o cuidado vivo em ato, que demandam o repensar de práticas e fluxos a partir das imprevisibilidades que se dão perante a vida des outros (MENDONÇA et al., 2015).

Neste sentido, o investimento de todas as tecnologias e ferramentas devem se dar *a partir do eixo de perspectiva des usuáries, em presença e em abertura, em ato, se dispondo a compor com mundos imprevistos*. Caso contrário, só faremos vínculos e seremos afetados até certo ponto, perante o risco de produzirmos outras formas de capturas, modulações e controle, e não respeitar e apoiar, defender que qualquer vida vale a pena.

Apoiar e gerar espaços de magia que não só extravasem os campos mágicos, previstos, engatilhados, transcendentos, e vazar para campos criativos, em composições imprevistas, gerando feitiçarias que não se subsumam a uma captura e modulação, sobrecodificação e constituição de sujeitos serializados, mas que apostem nas potências e encantamentos, para a possibilidade de construções mútuas em encontro cosmopolíticas, é de suma importância para os processos de cuidado e de ação nas políticas das existências (STENGERS; PIGNARRE, 2017; SZTUTMAN, 2018, 2019).

### **3.3.11 Cuidado, governo, conhecimentos e mundos**

Neste sentido, nos defrontamos com os desafios indicados por Merhy tempos atrás. O processo de cuidado se dá de forma que promove ou cerceia autonomias? A resposta não pode ser reconhecida de forma separada, como nenhum mundo pode ser reconhecido como tal, mas sim em presença e disponibilidade para novas composições (STENGERS, 2018; DELEUZE, 2002).



Figura 11 - Paixão à singularidade ou história sutil

Nos últimos meses, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência interessante no campo das artes que me faz considerar os âmbitos do compor em ato, constituindo possibilidades a partir dos contextos possíveis.

Tive a oportunidade de pintar a minha maior tela (na foto é difícil de visualizar, mas ela é enorme). Inicialmente, visualizei que estava muito mofada, situação que acarretou diversos buracos, os quais me geraram muito desgosto.

Posteriormente, passei para uma perspectiva de que poderia ser interessante produzir o possível com a tela que existia, frente às peculiaridades que apresentava.

Como proposta de minha professora, costurei seus buracos, e do desgosto, passei para a ideia de produzir o que fosse possível da melhor forma possível.

Um processo de deslocamento então se deu. Abri-me para as cores que pediam passagem, pinceladas, abrir buracos, fui tecendo à medida que as sensações pediam.

Frente a comentários quanto a “Que pena que a tela furou”, outros campos me tomaram. Minha abertura já não passava pela concepção de produzir o possível a partir de concepções prévias do que seria arte, fazendo uso de técnicas criativas como pudesse. Não via estas como limitações da tela a partir das quais produzi o que foi possível. Para a minha surpresa, passei a gostar dos buracos, da costura, do processo, e passei a defendê-los frente a possíveis críticas<sup>56</sup>.

Telas inteiras é algo com as quais me defrontarei em muitos momentos da minha vida. A experiência que tive neste processo como se deu, ao aprender a costurar, algo que não esperava numa pintura, assim como com todos os afetos e transformações que me passaram, do desgosto ao amor, a meu ver é de grande preciosidade.

Nos aparentes imprevistos, ou até precariedades, zonas de sombreamento, temos a oportunidade de constituir novas obras de artes, amores, e instituir possibilidades outras que não prevíamos. Viver o apaixonamento das aparentes precariedades, as reconhecendo como potências.

Acredito eu que em um processo de cuidado, em ato e em frente a uma usuárie, na constituição dos processos de gestão em saúde em uma comunidade, ou mesmo na constituição dos saberes, que nos atravessam a todo momento em nossos cotidianos, constituir algoritmos prévios, ou serializar, determinar todo um território existencial por linhas duras<sup>57</sup>, significações e modelagens prévias, acaba por empobrecer as possibilidades e potência dos encontros (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Potência dos encontros que não passa somente pelo desafio do enrijecimento de saberes e práticas, mas mesmo de mundos, e nos convida a operar de maneiras que não fazem uso somente do mesmo e buscam encaixotar e capturar as experiências para produzir o mesmo, mas nos convidam a operarmos com a diferença de modo a produzir composições, comuns, que gerem potencializações e alegrias nos

---

<sup>56</sup> Em uma das conversas comentei sobre a excepcional oportunidade que tive. Telas inteiras eu me cansaria de ver pela vida, mas o encontro com uma tela furada e o que ela me proporcionava, era algo sem palavras em riquezas.

<sup>57</sup> Linhas duras faz menção a todo um processo de constituição de mundos estruturados, macropoliticamente determinados, recortados, determinados a priori (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

diversos corpos, singularidades e sujeitos que se defrontam, e não despotencialização e controle (DELEUZE, 2002).

Caso contrário, perdemos a oportunidade de reconhecer e compor com novos mundos, deixar os pincéis (o conhecido) e usar linhas e agulhas, de coração aberto, se abrindo a produzir possibilidades imprevistas, e não as obras de artes possíveis a partir das nossas perspectivas, mas sim passar pela riqueza das transformações que nos convidam a novas paragens.

Nos atrelando a nossos mundos, sem aberturas para composições, acabamos por fomentar processos de colonização, e que mesmo que produzam e constituam formas de poder, não o fazem em termos de potência<sup>58</sup>, não reconhecem as singularidades em processos de composição (DELEUZE; PARNET, 1988).

Diversos protocolos foram considerados no processo de cuidado de MS, mas operaram mais como formas que serviam apenas caso os processos de cuidado se encaixassem exatamente ao que previam, não como possíveis ferramentas.

Assim, os potenciais micropolíticos e a aberturas às tecnologias leves devem ser direcionados ao sentido de apoiar as diferentes formas de existências, desafio que tanto o são no sentido de fazer uso de de tecnologias duras e leve-duras como ferramentas, quando agir por meio das tecnologias leves em sentidos não de constituir modulações, esvaziando potências em capturas em prol de serializações, capturando e homogeneizando desejos, clonificando corpos sem órgãos pautados em ideais regulatórios, mas fomentando potências (FOUCAULT, 2006; MERHY, 2014; BUTLER, 2020).

A busca por fomentar processos de cuidado ou de gestão que não se colocam passíveis de serem reconstruídos, repactuados, em ato, e se abrindo às possibilidades do não sabido, da diferença nos encontros possíveis, são entraves em termos de atingir processos realmente eficazes, que atendam as partes interessadas,

---

<sup>58</sup> Existem diversas discussões sobre as formas de operar do poder e potência. Há propostas que fazem menção ao poder como algo de potencialidades produtivas, com possibilidades de composição em certos aspectos, não inerentemente negativo (FOUCAULT, 2005). Deleuze, trazendo elementos relacionados a potência, demarca que talvez poder e potência não andem juntos (DELEUZE; PARNET, 1988). O propósito da tese não é explorar estas diferenciações, apenas sinalizar seus desencontros. Para aprofundar as leituras sugiro buscar as referências citadas e autores.

como diria Stengers, já que todo o conhecimento acumulado que se coloca generalizante, ou que não se dispõe a se abrir às magias dos encontros de forma a gerar composições possíveis e compartilhadas, se posta como fadado fomentar obstáculos, enrijecendo, não reconhecendo as diferenças ou visando a em última análise modular, capturar as diferenças no mesmo, pauperizando as possibilidades frente às dinâmicas e contextos imprevistos das vidas (STENGERS, 2018).

MS, e toda sua riqueza existencial, poderia ter sido reconhecida como alguém digna de uma reestruturação dos processos de cuidado e governo, uma oportunidade para reconhecer formas outras de produzir cuidado e que se fazem necessárias na produção de saúde. O interior de Minas Gerais, e todo seu conhecimento acumulado quanto a plantas medicinais e cuidados de si, poderia ser reconhecido como um espaço a se compor, com riquezas em diversas práticas de cuidado e governo de si e dos outros, e não ser desconsiderado, com ofertas, ou pré-concebidas e iguais para qualquer outro ponto do estado, ou no máximo com um reconhecimento limitado, a partir do qual, em última análise, se submete a formas maiores de como se deve produzir cuidado e saúde, constituindo colonizações, biomedicalização e controle (MERHY, 2012; IRIART; MERHY, 2017).

O conhecimento a ser aplicado, toda a sorte de tecnologias duras e leve-duras, têm a possibilidade de se multiplicar, se diferenciar, gerando novas composições a partir de saberes tradicionais, ancestrais, ou mesmo imprevistos, que são gerados dia a dia, pelas mais diversas formas de existência.

Ao nos abirmos às possibilidades de novas composições imprevistas, não sem desconforto, ao colocarmos nossas certezas entre aspas, nos considerando às vezes como não detentores de saber, quase como idiotas, temos a oportunidade de criar e compor mais, em todos os aspectos (STENGERS, 2018).

Sendo que, não que isto já não se institua em certa medida mesmo com todo nosso esforço em contrário. Os ECR's e metanálises, são tomados quase como meios de modelar certas realidades, sendo base para a constituição de protocolos enrijecidos, que se por um lado se propõe a racionalizar os processos de cuidado, os empobrecem drasticamente... Entretanto as vidas insistem em fluir por suas linhas

que visam o controle. A tão odiada “falta de adesão” é um dos exemplos destes extravasamentos, fugas de formas de controle.

Entretanto, é importante salientar que o propósito em si não é desconsiderar estes campos de conhecimentos, mas os considerar como campos de ferramentas, tecnologias leve-duras, a serem considerados e mesmo repensados em ato com o intuito de fomentar autonomia e respeito a singularidades, frente à toda gama de possibilidades de cada contexto e encontro. Uma utilização de conhecimentos em presença e disponibilidade, fazendo uso da potência do seu não saber, sua inaplicabilidade, em um uso profundamente “idiota”.

Mesmo os medicamentos, mesmo os que se propõe a serem os mais neutros e conhecidos possíveis, operam de maneiras imprevisas, biológica, social e existencialmente. As moléculas constituídas a partir ou mesmo extraídas das plantas ou animais, teimam em mostrar seu poder, produzindo efeitos diversos e imprevisos. É de uma concretude estonteante como a eficácia dos estudos controlados se submetem à efetividade dos estudos observacionais, que apresentam uma sorte de informações e efeitos imprevisos, e que por sua vez, seguem para campos de muitas e muitas possibilidades e efeitos quando utilizados em ato, atravessando a vida das pessoas.

Por mais que insistamos em passes de mágica, em controlar, repetir e serializar, as magias passam por nós, e podemos as reconhecer e cultivar com menor ou maior intensidade, nos mais variados campos existenciais (STENGERS, 2018; SLOMP et al., 2019).

Teimamos em repetir as mesmas obras de arte, quando as cores, matizes, pedidos imprevisos que surgem, pedem outras composições, coragem para criar, inventar, construir e se desconstruir.

Pelo controle e serialização, perdemos a oportunidade de brincar e compor com a imanência da vida, e não constituímos composições de afetos de alegria. Perdemos inclusive oportunidades de, quem sabe, constituir noções comuns possíveis, nos aproximando de outros gêneros de conhecimento, multiplicando composições de cuidado, governo e de conhecimentos (DELEUZE, 2002).



Feuerwerker nos convida a observar as riquezas produzidas em processos de cuidado que se dispõe a apostar nas desinstitucionalizações de si, alargando campos de composição e de abertura à vida (FEUERWERKER, 2016). Desinstitucionalização que associa diretamente à abertura à processos de produção de abertura a momentos de não saberes, se abrindo a possibilidades de constituir produções atravessadas por agenciamentos coletivos, em ato, de forma a-significante, em atos de “magia”.

Feuerwerker relata as experiências dos serviços substitutivos em saúde mental, que inventam e produzem diversos arranjos coletivos e de produção do cuidado na cidade. Abertura aos conhecimentos diversos, conexões e riquezas existenciais dos agentes comunitários de saúde na atenção básica. A porosidade, não sem desafios, das equipes de atenção domiciliar que produzem cuidado atravessados fortemente pelo cuidado ofertado dentro das famílias, em suas casas (FEUERWERKER, 2016).

Neste sentido, as desinstitucionalizações, tidas como processos que questionam estruturas prévias em prol da abertura às composições possíveis dos campos da vida, se mostram como de grande importância para a produção de cuidado, assim como processos de gestão e produção de conhecimentos, com mais potencialidades para a produção de novos arranjos capazes de compor com as formas de existência em presença e em ato.

Desinstitucionalizações criativas e sem fim, que se dispõe ao risco de produzir o não previsto, de se contaminar e afetar peles outres, em um processo de imanência radical que pode ser reconhecido por alguns como “idiotice”, por outros como pura “magia”. Processos não sem perigos ou sem disputas ou tensionamentos, mas que produzem e são alimentadas pelas possibilidades de produção de fortes apaixonamentos, encantamentos, apostas em composições em alegria e potência (DELEUZE, 2002; FEUERWERKER, 2016; STENGERS, 2018).

Arranjos que se proponham a compor com os múltiplos, que vão muito para além dos campos profissionais, prezando pela importância de abertura a espaços com riquezas de formas de existências diversas, indo além da multiprofissionalidade,

se abrindo a campos entreprofissionais<sup>59</sup> e multiexistenciais, com sujeitos como ACS, redutores de danos, arte educadores, apoiadores de suportes de pares, sujeitos que trabalham com outros campos de racionalidades médicas, LGBTQIAP+, indígenas e pretos (“Cuidado no Entre Profissional - Emerson Merhy”, 2020).

Como trazido por Feuerwerker, processos que estejam em apaixonamento pelo trabalho vivo em ato, e que considerem como riquezas as aberturas ao imprevisto, diferenças, mundos outros na constituição de formas de cuidado, governo e de produção de conhecimentos (FEUERWERKER, 2016).

Dinâmicas que nos convidam a pensar, considerando o aspecto inerentemente criativo e deslocador do próprio ato de pensar<sup>60</sup>, a respeito de como os processos de cuidado, gestão, produção de conhecimento, e de lidar na vida são inerentemente tensionados pela imprevisibilidade e diferença, surpresa, tensão e riqueza (DELEUZE, 2018).

Tal caminhada, processo cartográfico, não se dá sem riscos, como dito anteriormente. Até porque os convites a composição podem mais decompor relações que temos em nossas existências e que nos trazem alegria do que o contrário. Exercícios de poder, submissão, serialização e controle (DELEUZE, 2002).

Ou é de importância considerarmos mesmo o risco de suportar a desterritorialização, no tenso e intensivo processo de quebrar velhas cascas, respirar mais profundamente, abrir-se a composição de corpos que se apresentam a nós como

---

<sup>59</sup> Merhy forja o termo “entre profissional”, “entreprofissional” a partir de uma crítica às maneiras de operar interprofissionais, que se propõe a enriquecer o processo de cuidado ao considerar a combinação do núcleo profissional de várias profissões, mas acaba por ampliar ainda mais o espectro de ação biomedicalizador e controle dos processos de cuidado ao operar a partir da perspectiva das profissões e não se abrir ao encharcamento da vida des usuáries. Merhy sugere que esta prática coletiva vaze o campo das profissões, e constitua um campo comum de cuidado que nenhuma profissão domina, onde a vida des outres existem, de formas singulares, em meio suas conexões existenciais. Deslocando assim as formas de cuidado de biomedicalização e controle, para um apoio, facilitação do enriquecimento das vidas que se dão a partir das potências que ali existem e que não estão nos núcleos profissionais.

<sup>60</sup> Quando faço menção a ato de pensar faço menção à proposta de Deleuze em “Diferença e Repetição”, que propõe que as formas de operar entre pensamentos representativos e atos de pensar são bem diferentes entre si. Deleuze propõe que o ato de pensar se dá a partir de processos que vão além do sabido, são constituídos quase ou talvez por violência, e esta tensão faz com que possamos romper imagens de pensamento, campos representativos, generalizantes, conhecidos, o mesmo, e possamos produzir invenção, criação, diferenças.

de maior potência, mesmo que amedrontadores e que nos gerem mesmo dores de início (DELEUZE, 2002).

Processos que de maneira alguma tem limite ou paz que se pretende transcendental ou ecumênica. Cada encontro, se suportarmos, está aberto para verdadeiros acontecimentos, a partir dos quais a riqueza da vida se coloca: o reconhecimento e composição com novas práticas de cuidado, formas de governar e levar a vida, conhecimentos imprevistos, tudo a se multiplicar, em cada mundo outro que nasce e se diferencia na variação inerente das existências.

Neste sentido, levar a vida, passa pelo constante desafio de sermos atravessados pelas diferenças, existências outras, que passam pelas sujeites, animais, não-humanos, por toda sorte de materialidades que são compostas de maneiras que não prevíamos, pois, mesmo o mais concreto, cada casa de terra e cada horta só tem algo de diferente em cada ponto de territórios físicos e existenciais: tudo. Afinal, as matérias diversas<sup>61</sup>, desde a terra, minerais, vegetais, até os desejos, por si só são singulares em cada espaço que poderíamos imaginar, e os encontros o são em maior intensidade ainda.

Todo este processo nos convida a reconhecer e escutar toda a sorte de humanos e não-humanos. Exercitar um espaço de não-saber e de abertura (idiotice, segundo autores utilizados na tese) até para que possamos saber<sup>62</sup>, já que a imanência não cabe em livros e os saberes não fazem sentido em separado. Nos convida a nos colocarmos perante os desafios, durezas e agruras que possam ocorrer, e que em alguns momentos nos demandam a operar de maneira a nos cuidarmos e nos recuperarmos.

---

<sup>61</sup> Cada terra, em cada espaço que poderíamos imaginar, tem uma composição singular (mais arenosa ou não, argilosa... Cada planta tem uma variação de propriedades químicas dependendo de local, condições e etc.

Lembro-me de uma aula com Virgínia Kastrup, na qual discutimos como toda a sorte de materialidades da vida tem suas singularidades. Falava da minha experiência de fazer pão de fermentação natural. A temperatura do dia, tempo, como trabalhei, farinha, tudo tinha sua singularidade em si e em combinação. Lembro que rimos quando disse que cada farinha em si era um mundo.

<sup>62</sup> A ideia de saber aqui trabalhada considera que produzir conhecimento não é a replicação de conhecimentos prévios e representativos. Produzir saber, constituir o ato de pensar, vai para além da reprodução de pensamentos prévios, e, portanto, prescinde do não sabido, invenção.

Estes encontros nos convidam a agir em processos intensamente democráticos e moleculares<sup>63</sup> <sup>64</sup>, tensionando pensamentos morais, representativos e generalizantes. Se colocam regidos por uma ética em defesa de todas as vidas, de aposta nas potências singulares que cada encontro, processos de cuidado, gestão e conhecimentos podem conter, em ato, e toda riqueza possível que lhes é possível (DELEUZE, 2002).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos processos de negociação que perpassam o cuidado em saúde, gestão e composição de conhecimentos, é importante que cultivemos modos e arranjos outros, singulares (PELBART, 2016).

No trabalho, procurei fazer um exercício intensivo sobre os processos de cuidado em saúde, trazendo com maior intensidade o campo das tecnologias leves e seu processo micropolítico: abertura, desafios, intensidade, riqueza e pauperizações, controle.

Entre a tensão do fomento e apoio à formas outras de existências e o controle, passamos pelo exercício de macro e micropolíticas, pela refratariedade, captura e reconhecimentos. Convite que nos apresentam mundos outros e seus riscos: desterritorialização, disputa, composições e comuns (PELBART, 2016; RIOS et al., 2021).

Neste processo, é importante fomentar outros modos que se proponham a cultivar uma magia (agenciamentos coletivos que nos permitam sentir e pensar de maneiras outras), se dêem de forma “idiota” (desacelerem, se considerem não

---

<sup>63</sup> A molecularidade faz menção a todo um processo de operação micropolítico, que passa por linhas maleáveis e quantas, energias, intensidades, fluxos de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Mais a respeito, sugiro ler o capítulo de “Micropolítica e Segmentaridade” no volume número três da obra “Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia”.

<sup>64</sup> Emerson Merhy, anos atrás, fez menção ao termo “democracia molecular”. Nos corredores, lembrome de ter lhe dito que escreveria sobre isso um dia. Eu não sabia que em grande medida este conceito-ferramenta também escreveria minhas existências, provocadas intensamente desde então.

detentoras dos saberes válidos, componham com o estranho), e constituam-se com inventividade e intensidade micropolítica (MERHY, 2014; STENGERS, 2018).

É importante que reconheçamos também o caráter transgressor e desinstitucionalizante destes exercícios, questionador de práticas (MENDONÇA et al., 2015; FEUERWERKER, 2016). Convidar estes processos desinstitucionalizantes a todos os territórios, instituindo comuns com mundos outros, tem muito o que produzir em riqueza e apoio a autonomia em termos de processos de cuidado, governo e composição de novos conhecimentos e mundos.

## 5. Anexos

5.1 - Anexo 1 - Aprovação COEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CRIAÇÃO DE OBSERVATÓRIO MICROVETORIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

**Pesquisador:** ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 38804614.8.2003.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.264.660

#### Apresentação do Projeto:

Resumo do projeto anexado à plataforma: "O objetivo deste projeto é criar um Observatório de Políticas Públicas em Saúde e em Educação em Saúde, envolvendo uma rede de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil, utilizando o que definimos como "análise microvetorial". A idéia geral por trás do conceito é que a produção do cuidado como um fenômeno humano privilegiado é extremamente complexa e necessita de uma abordagem que coloque em conversação os diversos olhares que a observam. Podemos compreender o estudo destes diversos olhares como uma análise de diversas dimensões ou vetores que captam aspectos singulares da produção do cuidado do ponto de vista dos atores envolvidos neste campo do agir humano. Assim, empreender uma análise vetorial é procurar captar o agir e intencionalidade destes agentes quando se movem no jogo social desta produção. Indo mais além, ao nos propormos a construir uma análise microvetorial, estamos propondo a análise destes vetores em seus efeitos micropolíticos em sentido amplo, compreendendo que todas as ações de cada ator têm repercussões nos demais atores do sistema, sejam gestores

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.264.660

do sistema de saúde, trabalhadores diretamente envolvidos no cuidado e/ou usuários."

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Criar um observatório multicêntrico de políticas públicas em saúde e em educação em saúde.

Objetivo Secundário:

Construir novas formas de avaliação de políticas em saúde concatenadas aos novos desafios da sociedade brasileira no que tange a produção do cuidado em saúde.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos e benefícios descritos no projeto: "Riscos:

Esta pesquisa pode ter como risco a exposição dos dados dos pesquisados, a interferência do pesquisador na dinâmica do trabalho dos entrevistados e eventuais transtornos psicológicos dos entrevistados ao relatarem suas experiências profissionais.

Benefícios:

A proposta de criação do Observatório Microvetorial de Políticas Públicas em Saúde e Educação em Saúde atende a necessidade brasileira de avaliação e controle dos efeitos das proposições no campo da gestão pública no âmbito do poder executivo. Além disso, pretende contribuir para a ampliação dos estudos e produção científica no campo. Nesse sentido, a pesquisa poderá apresentar os seguintes benefícios: construção de um panorama amplo de informações sobre os principais indicadores de acesso e barreira ao tratamento de pacientes relacionado às políticas a serem pesquisadas; construção de um panorama amplo de informações sobre os projetos políticos pedagógicos das políticas de educação em saúde e fatores relacionados a eles; contribuir para a revisão da formulação das políticas e conseqüentemente para potencialização dos efeitos propostos pelas políticas estudadas; compartilhamento e transferência de tecnologia e conhecimento, favorecendo a apropriação crítica dos participantes e consolidando práticas de cuidado, de ensino e de gestão no sistema único de saúde; ampliação do conhecimento sobre a introdução, efeitos e impacto das normativas na assistência a saúde; contribuição para construir conhecimentos sobre

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.264.660

os processos de formação permanente no campo da saúde que promovam modelagens assistenciais centradas na defesa da vida; ampliação e consolidação de parcerias com outras instituições de ensino, pesquisa e serviços direcionadas à formação e qualificação das equipes de saúde; mapeamento e análise dos determinantes sociais da saúde, das condições e das lacunas da rede de atenção; formação de redes de pesquisa e intercâmbio científico e cultural."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de pesquisa pertinente para a área da saúde coletiva. Previsão de término em 29/12/2017. As solicitações do COEP foram atendidas: acrescentaram ao TCLE os riscos da pesquisa, a descrição do papel do COEP e a frase "O participante e o pesquisador assinarão duas vias iguais, ficando uma via com o participante e a outra com o pesquisador". Foram anexados os roteiros semi-estruturados das entrevistas citados no projeto e detalhado no TCLE que o material produzido na pesquisa (áudio, vídeos, reproduções) serão destruídos após os cinco anos de armazenamento.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram anexados os seguintes documentos à plataforma: informações básicas do projeto, parecer favorável e comunicado da aprovação pela Câmara departamental, folha de rosto assinada e datada, volume do projeto, roteiro para entrevistas, carta resposta ao COEP e TCLE revisado.

**Recomendações:**

Recomenda-se a aprovação do projeto de pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Somos favoráveis à aprovação do projeto "CRIAÇÃO DE OBSERVATÓRIO MICROVETORIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE E EDUCAÇÃO EM SAÚDE do (a) pesquisador(a) responsável Prof.(a) Dr (a.) ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE"

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.264.660

emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_432065.pdf	21/08/2017 18:49:49		Aceito
Outros	Roteiro_para_Entrevistas.docx	20/08/2017 17:22:21	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_RESPOSTA_AO_COEP.docx	20/08/2017 17:19:14	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2a_Revisao_Nova.docx	20/08/2017 17:06:34	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
Outros	Parecer_consustanciado_e_carimbo.pdf	03/07/2017 11:58:07	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aprovacao_Camara_DMPS.pdf	25/05/2017 16:53:44	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_medicina_ufmg.pdf	25/05/2017 16:52:22	ALZIRA DE OLIVEIRA JORGE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CHAMADA_MCTI_-PROJETO_CNPq_-OBSERVATORIO DE POLITICAS P	07/08/2014 20:45:38		Aceito
Outros	38804614parecer.pdf	08/09/2017 10:14:47	Vivian Resende	Aceito
Outros	38804614aprovacao.pdf	08/09/2017 10:14:58	Vivian Resende	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.264.660

BELO HORIZONTE, 08 de Setembro de 2017

---

**Assinado por:**  
**Vivian Resende**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, A. L. et al. O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. **Lugar comum**, v. 39, p. 133–144, 2013.
- Agricultura sintrópica**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Agricultura\\_sintr%C3%B3pica&oldid=56817907](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Agricultura_sintr%C3%B3pica&oldid=56817907)>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- Agrofloresta**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Agrofloresta&oldid=60142670>>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- ALMEIDA, D. E. DA S. Avaliação do processo de dispensação de imunossupressores para transplantados renais, SES MG, 2008. 2012.
- ALMEIDA, D. E. DA S. **Educação Permanente em Saúde, o cuidado de si e os jogos de claro e escuro: atravessamentos entre as práticas de trabalho e o curso EPS em Movimento**. Especialização em Formação Integrada Multiprofissional em Educação Permanente em Saúde.—Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil., 2015.
- ALTOÉ, S. René Lourau: analista institucional em tempo integral. **São Paulo: Hucitec**, v. 8, 2004.
- Autômato**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aut%C3%B4mato&oldid=60268232>>. Acesso em: 9 mar. 2021.
- AYRES, J. R. DE C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 73–92, fev. 2004.
- BADUY, R. S. et al. **“Mas ele não adere!”—o desafio de acolher o outro que é complexo para mim**. [s.l.] Hexis Rio de Janeiro, 2016. v. 1p. 220–227
- BARRETTO, L. D.; MERHY, E. E. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS: UM ESTUDO SOBRE ACESSO E BARREIRA A CUIDADOS EM SAÚDE. **Working Paper Series: comunidades terapêuticas no Brasil.**, p. 122–140, jun. 2021.
- Bioconstrução**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bioconstru%C3%A7%C3%A3o&oldid=54944947>>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20–28, 2002.
- BRAGA, R.; CAHEN, M. Anticolonial, pós (-) colonial, decolonial: e depois. **Para além do pós (-) colonial**. São Paulo: Alameda, p. 9–31, 2018.
- BUTLER, J. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do " sexo"**. São Paulo: n-1 Edições, 2020.
- CCI/ENSP. **Em vez da idade, classe social passa a definir quem morre de covid no país**. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/48894>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- CECCIM, R. B. **Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário**. [s.l.] SciELO Brasil, 2005. v. 9p. 161–168
- CECCIM, R. B.; MERHY, E. E. Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, p. 531–542, 2009.
- CRUZ, K. T. DA. **Agires militantes, produção de territórios e modos de governar: conversações sobre o governo de si e dos outros**. Porto Alegre, RS: Rede Unida, 2016.
- Cuidado no Entre Profissional - Emerson Merhy**. , 10 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ilacwgeKoeE>>. Acesso em: 13 jan. 2023
- DELEUZE, G. **Nietzsche y la filosofía**. [s.l: s.n.].
- DELEUZE, G. **Espinosa - Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. [s.l.] Editora Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **que é a filosofia?**, O. [s.l.] Editora 34, 1991.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 11–37, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs–capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996b. **Mil Platôs–capitalismo e esquizofrenia**, v. 3, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: postulados da linguística. **Rio de Janeiro: Editora**, v. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. [s.l.] Editora 34, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1933 - Micropolítica e Segmentaridade. Em: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3p. 91–125.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. O abecedário de Gilles Deleuze. **Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos**, v. 1989, 1988.
- Diálogos: Desafios para a decolonialidade**. , 16 jul. 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qFZki\\_sr6ws&t=800s](https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=800s)>. Acesso em: 6 abr. 2021
- DIAS, R. DE O.; RODRIGUES, H. DE B. C. Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica. **Rio de Janeiro: FAPERJ/Lamparina**, 2019.
- DO CIDADÃO, P. F. DOS D. RELATÓRIO DA INSPEÇÃO NACIONAL EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS-2017. 2018.
- DOSTOÏEVSKI, F. **O IDIOTA**. [s.l.] Editorial Presença, 2011.
- DUNCAN, B. B.; SCHMIDT, M. I. Medicina embasada em evidências. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 45, n. 3, p. 247–254, 1999.
- EMILIO, P. **Taxa de mortalidade pela Covid-19 é 60% maior entre negros em São Paulo**. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/coronavirus/taxa-de-mortalidade-pela-covid-19-e-60-maior-entre-negros-em-sao-paulo>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- Especial: Doenças Negligenciadas**. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/doen%C3%A7as-negligenciadas>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- EVANGELISTA, A. P. **Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil**. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- FEUERWERKER, L. C. M.; BERTUSSI, D. C.; MERHY, E. E. **Surpreendendo o instituído nas redes**. [s.l: s.n.].
- FEUERWERKER, L. M. C. Cuidar em saúde. **Feuerwerker LMC, Bertussi DC, Merhy EE, organizadores. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde. Surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, p. 35–47, 2016.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. [s.l.] Martins Fontes, 2004a.
- FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política/Michel Foucault. **Organização e seleção de textos: Motta, MB de**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Em: **Microfísica do poder**. [s.l: s.n.]. p. 295–295.
- FOUCAULT, M. Gerir os ilegalismos. **Pol-Droit R. Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- GAGLIONI, C. **O que a arqueologia da Amazônia nos conta sobre o presente**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2022/08/17/O-que-a-arqueologia-da-Amaz%C3%B4nia-nos-conta-sobre-o-presente>>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. **Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental**. [s.l.] Editora Rede Unida, 2014.

- GURGEL, C. B. F. M. Índios, jesuítas e bandeirantes: medicinas e doenças no Brasil dos séculos XVI e XVII. 2009.
- IRIART, C.; MERHY, E. E. Disputas inter-capitalistas, biomedicalización y modelo médico hegemónico. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 1005–1016, 23 jan. 2017.
- KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 1273–1288, dez. 2005.
- LATOUR, B. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 15, n. 14–15, p. 339–352, 2006.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- LATOUR, B. Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre as propostas de paz de Ulrich Beck. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 427–441, 27 abr. 2018.
- MBEMBE, A. Crítica da razão negra (S. Nascimento, Trad.). n-1. 2018.
- Medieval demography**. Disponível em:  
<[https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Medieval\\_demography&oldid=1001348202](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Medieval_demography&oldid=1001348202)>.  
Acesso em: 8 abr. 2021.
- MENDONÇA, P. E. X. DE et al. **Sem soberania: gestão solidária e força fraca para cuidar de vidas fracas**. Rio de Janeiro, 2015.
- MERHY, E. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. 1 jan. 1998.
- MERHY, E. et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Divulgação em Saúde para Debate**, v. 52, p. 153, 1 jan. 2014.
- MERHY, E. E. Planejamento como tecnologia de gestão: tendências e debates do planejamento em saúde no Brasil. **Razão e planejamento: reflexões sobre política, estratégia e liberdade**, p. 117–119, 1995.
- MERHY, E. E. O CONHECER MILITANTE DO SUJEITO IMPLICADO: O DESAFIO EM RECONHECÊ-LO COMO SABER VÁLIDO. Em: FRANCO, T. B.; PERES, M. A. DE A. (Eds.). **Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho**. 1. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2004. v. 1p. 21–45.
- MERHY, E. E. A clínica do corpo sem órgãos, entre laços e perspicácias. **Em foco a disciplinarização ea sociedade de controle. Lugar Comum**, v. 27, p. 281–306, 2009.
- MERHY, E. E. Anormais do desejo: os novos não humanos? Os sinais que vêm da vida cotidiana e da rua. **Conselho Federal de Psicologia. Grupo de Trabalho de Álcool e outras Drogas. Drogas e cidadania: em debate. Brasília, DF: CFP**, p. 9–18, 2012.
- MERHY, E. E. O cuidado é um acontecimento e não um ato. **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde**, p. 172–82, 2013a.
- MERHY, E. E. As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas. **Rev Bras Saúde Família [internet]**, v. 15, n. 35/36, 2013b.
- MERHY, E. E. Ver a si no ato de cuidar: Educação Permanente na Saúde. Em: FERLA, A. A. et al. (Eds.). **Caderno de textos do VER-SUS/Brasil**. Porto Alegre, RS: Rede Unida, 2013c.
- MERHY, E. E. **Saúde: A cartografia do trabalho vivo**. 4ª edição ed. São Paulo (SP): Hucitec, 2014.
- MERHY, E. E. Multidão: esfinge da saúde pública, lugar de inflexão, ideias do bem comum. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 44–54, 2015.
- MERHY, Emerson Elias et al. **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituto nas redes-Livro 1**. In: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituto nas redes-Livro 1. 2016. p. 448-448.
- MERHY, E. E. et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**.

Rio de Janeiro: Hexis, p. 31–42, 2016b.

MERHY, E. E. et al. Pandemia, Sistema Único de Saúde (SUS) e Saúde Coletiva: com-  
posições e aberturas para mundos outros. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.  
26, 2021.

MERHY, E. E.; FEUERWERKER, L. C. M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma  
necessidade contemporânea. **Merhy EE, Baduy RS, Seixas CT, Almeida DES, Slomp  
Junior H, organizadores. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde:**

**surpreendendo o instituído nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis, v. 1, p. 59–72, 2016.

MERHY, E.; IRIART, C.; WAITZKIN, H. Atenção gerenciada: da micro-decisão corporativa à  
micro-decisão administrativa, um caminho igualmente privatizante. **Managed care:**

**alternativas de gestão em saúde.** São Paulo: Editora PROAHSA/Editora Fundação  
**Getulio Vargas**, 1998.

MOEBUS, R. L. N. **O Trágico na Produção do Cuidado.** [s.l: s.n.].

MOEBUS, R. N.; MERHY, E. E.; SILVA, E. O usuário-cidadão como guia. Como pode a  
onda elevar-se acima da montanha. **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde:**  
**surpreendendo o instituído nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis, p. 43–53, 2016.

**O Idiota.** Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O\\_Idiota&oldid=63632820](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O_Idiota&oldid=63632820)>. Acesso em: 10 nov.  
2022.

PELBART, P. P. Por uma arte de instaurar modos de existência. \_\_\_\_\_. **O avesso do  
niilismo. Cartografias do esgotamento. 2a Ed., São Paulo, SP: n-1 edições**, p. 391–419,  
2016.

**Permacultura.** Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Permacultura&oldid=60495843>>. Acesso em: 7  
abr. 2021.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **ÍNDICE DE  
VULNERABILIDADE DA SAÚDE 2012.** Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte., ,  
2013. Disponível em: <[https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-  
governo/saude/2018/publicacoes-da-vigilancia-em-saude/indice\\_vulnerabilidade2012.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2018/publicacoes-da-vigilancia-em-saude/indice_vulnerabilidade2012.pdf)>.  
Acesso em: 2 abr. 2021

RIOS, A. G. et al. A produção do comum como estratégia de cuidado para usuários  
complexos: uma cartografia com mulheres em situação de rua. **Ciência & Saúde Coletiva**,  
v. 26, p. 3077–3086, ago. 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** 2ª  
edição ed. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2016.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** [s.l.] n-1  
edições, 2019.

SANTOS, B. DE S.; MENESES, M. P. Epistemologias do sul. Em: **Epistemologias do Sul.**  
[s.l: s.n.]. p. 637–637.

SEIXAS, C. T. et al. O vínculo como potência para a produção do cuidado em Saúde: o que  
usuários-guia nos ensinam. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e170627,  
2019.

SLOMP, H. et al. Mágica ou magia? Colegiados gestores no Sistema Único de Saúde e  
mudanças nos modos de cuidar. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 15  
abr. 2019.

SLOMP JUNIOR, H. et al. Contribuições para uma política de escritura em saúde : o diário  
cartográfico como ferramenta de pesquisa. **Athenea digital : revista de pensamento e  
investigación social**, v. 20, n. 3, p. 0018, 2020.

SLOMP JÚNIOR, H.; FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. Projeto terapêutico como dispositivo  
para o cuidado compartilhado. Em: **Projeto terapêutico como dispositivo para o cuidado  
compartilhado.** [s.l: s.n.]. p. 222–222.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**,  
n. 69, p. 442–464, 2018.

STENGERS, I.; PIGNARRE, P. **La brujería capitalista. Prácticas para prevenirla y**

**conjurarla.** [s.l.] Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.

SZTUTMAN, R. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 338–360, 27 abr. 2018.

SZTUTMAN, R. Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. **Mundo Amazônico**, v. 10, n. 1, 1 jan. 2019.

**Tecnologias de Cuidado - Emerson Merhy.** , 6 abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=IXQZMvM-HU4>>. Acesso em: 27 dez. 2022

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural.** [s.l.] Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; SZTUTMAN, R. **Encontros: Eduardo Viveiros de Castro.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.